UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO SOCIOECONÔMICO - CSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA – PPGAU

Cledison Ambrozio Marques

ESPECIFICAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE PLATAFORMA INTEGRADA DE EVENTOS PARA UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO SUPERIOR

Florianópolis
2025

Cledison Ambrozio Marques

ESPECIFICAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE PLATAFORMA INTEGRADA DE EVENTOS PARA UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO SUPERIOR

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária - PPGAU da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração Universitária

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Moraes Ramos

Florianópolis
2025

Marques, Cledison Ambrozio
Especificação de uma Proposta de Plataforma Integrada de Eventos para uma Instituição Pública de Ensino Superior / Cledison Ambrozio Marques ; orientador, Alexandre Moraes Ramos, 2025.
157 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Administração Universitária. 2. Gestão Universitária. 3. Plataforma Digital. 4. Comunicação Pública. 5. Transformação Digital. I. Ramos, Alexandre Moraes. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária. III. Título.

Cledison Ambrozio Marques

Especificação de uma proposta de plataforma integrada de gestão de eventos para uma instituição pública de ensino superior

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 02 de setembro de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Alexandre Moraes Ramos
Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Anderson Sasaki Vasques Pacheco, Dr.
Instituição: PPGAU/UFSC e UDESC

Prof.(a) Rita de Cássia Romeiro Paulino, Dra.
Instituição: PPGJOR/UFSC

Prof. Maico de Oliveira Buss, Dr.
Instituição: UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Administração Universitária atribuído pelo Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária – PPGAU.

ICP-Edu
Documento assinado digitalmente
Marcia Barros de Sales
Data: 06/11/2025 18:29:31-0300
CPF: ***.490.301-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

ICP-Edu
Documento assinado digitalmente
Alexandre Moraes Ramos
Data: 06/11/2025 18:19:42-0300
CPF: ***.762.931-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

Prof. Dr. Alexandre Moraes Ramos
Orientador

Florianópolis, 2025.

Dedico este trabalho a minha família,
pelo apoio incondicional durante a caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina e ao Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária (PPGAU), pela oportunidade de realização do mestrado e pelo ambiente de excelência acadêmica.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alexandre Moraes Ramos, pela sabedoria compartilhada, pela paciência e por todo suporte ao longo desta jornada acadêmica.

Aos professores membros da banca examinadora, pelas valiosas contribuições que enriqueceram este trabalho, e aos docentes do PPGAU, que através de suas aulas e discussões ampliaram minha visão sobre a gestão universitária.

Aos colegas de mestrado, pela parceria, trocas de experiências e momentos compartilhados que tornaram esta caminhada mais leve. Não posso esquecer de agradecer ao servidor técnico-administrativo do PPGAU, Maurício Rissi, pelo suporte e disponibilidade constantes.

À minha família, especialmente minha esposa Adriana, pelo apoio incondicional, compreensão nos momentos de ausência e incentivo permanente.

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta dissertação.

“[...] o processo educacional do futuro deve oferecer mais do que apenas a transferência de conhecimento, precisa investir no pensamento, na criatividade e na inovação dos alunos” (Lupan & Bejinaru, 2019, p. 373).

RESUMO

A presente dissertação debruçou-se sobre a especificação de uma proposta de plataforma integrada de eventos para uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública, utilizando a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como estudo de caso. Os eventos, compreendidos como ferramentas estratégicas de comunicação pública, disseminação científica e engajamento social, representam uma atividade central na vida universitária. Contudo, a gestão dessas atividades ocorre frequentemente de maneira fragmentada e desarticulada, subutilizando seu potencial estratégico. A metodologia adotada foi a *Design Science Research* (DSR), conforme o modelo adaptado por Dresch *et al.* (2015), que orienta a criação de um artefato como solução para um problema prático e relevante. O processo investigativo empregou uma abordagem de métodos mistos para a coleta de dados, estruturada em três frentes: i) análise documental dos Relatórios de Gestão da UFSC (período 2017-2023), que confirmou a alta volumetria e a descentralização das atividades de eventos na instituição; ii) aplicação de uma enquete direcionada a gestores-chave de eventos da universidade, cujos resultados quantitativos e qualitativos foram cruciais para o diagnóstico das dificuldades operacionais; e iii) *benchmarking* competitivo, com análise SWOT, das plataformas de mercado Sympla e Even3, para identificar melhores práticas e funcionalidades consolidadas. A pesquisa evidenciou que a gestão de eventos na instituição é marcada pela fragmentação de processos, ausência de sistemas integrados e baixo engajamento do público, desafios corroborados pelos especialistas consultados. Como resultado central da pesquisa e principal contribuição científico-tecnológica, foi elaborado o diagrama conceitual da plataforma, um artefato detalhado e estruturado em três módulos interdependentes: O Módulo Gestor - foi concebido como o núcleo administrativo, dotando os organizadores de ferramentas para todo o ciclo do evento, desde o cadastro e planejamento até a geração de relatórios e análises de dados. O Módulo Participante - representa a interface pública, focada em maximizar a experiência do usuário e o engajamento por meio de funcionalidades como agenda personalizada, gamificação, submissão de trabalhos e solicitação simplificada de certificados. Por fim, o Módulo de Integração e Requisitos - constitui a espinha dorsal técnica, garantindo a interoperabilidade com sistemas legados da IES, a segurança da informação, a conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) e a aderência a

rigorosos padrões de acessibilidade (LBI, WCAG) e usabilidade. Adicionalmente, o estudo transcendeu a mera especificação do artefato ao propor um modelo de implantação e governança. Inspirado na bem-sucedida implementação do Observatório UFSC, sugere-se uma abordagem faseada (Piloto, Expansão e Consolidação) para mitigar riscos e otimizar a alocação de recursos. A proposta inclui ainda a criação de um comitê gestor multissetorial e um plano de gestão da mudança, visando superar barreiras culturais e assegurar a plena adoção da ferramenta pela comunidade acadêmica. Em suma, este trabalho oferece uma contribuição teórica e prática aos campos da gestão universitária e da comunicação pública, entregando uma solução robusta e contextualizada que não apenas responde aos desafios operacionais da UFSC, mas também se apresenta como um modelo com alto potencial de replicabilidade para outras instituições da Rede Federal de Ensino Superior, fortalecendo sua capacidade de cumprir a missão de disseminar o conhecimento de forma aberta, estratégica e eficiente.

Palavras-chave: Gestão Universitária; Plataforma Digital; Gestão de Eventos; Comunicação Pública; Transformação Digital; *Design Science Research*.

ABSTRACT

This dissertation focused on the specification of a proposal for an integrated event platform for a public Higher Education Institution (HEI), using the Federal University of Santa Catarina (UFSC) as a case study. Events, understood as strategic tools for public communication, scientific dissemination, and social engagement, represent a central activity in university life. However, the management of these activities often occurs in a fragmented and disjointed manner, underutilizing their strategic potential. The methodology adopted was Design Science Research (DSR), according to the model adapted by Dresch *et al.* (2015), which guides the creation of an artifact as a solution to a practical and relevant problem. The investigative process employed a mixed-methods approach for data collection, structured on three fronts: i) documentary analysis of UFSC's Management Reports (2017-2023 period), which confirmed the high volume and decentralization of event activities at the institution; ii) application of a targeted survey to key event managers at the university, whose quantitative and qualitative results were crucial for diagnosing operational difficulties; and iii) competitive benchmarking, with a SWOT analysis, of the Sympla and Even3 market platforms, to identify best practices and consolidated functionalities.The research revealed that event management at the institution is marked by the fragmentation of processes, the absence of integrated systems, and low public engagement—challenges corroborated by the consulted specialists. As the central result of the research and the main scientific-technological contribution, the conceptual diagram of the platform was developed, a detailed artifact structured into three interdependent modules: The Manager Module was conceived as the administrative nucleus, equipping organizers with tools for the entire event lifecycle, from registration and planning to the generation of reports and data analysis. The Participant Module represents the public-facing interface, focused on maximizing the user experience and engagement through functionalities such as personalized agendas, gamification, paper submission, and simplified certificate requests. Finally, the Integration and Requirements Module constitutes the technical backbone, ensuring interoperability with the HEI's legacy systems, information security, compliance with the General Data Protection Law (LGPD), and adherence to rigorous accessibility (LBI, WCAG) and usability standards.

Additionally, the study transcended the mere specification of the artifact by proposing an implementation and governance model. Inspired by the successful implementation of the "Observatório UFSC," a phased approach (Pilot, Expansion, and Consolidation) is suggested to mitigate risks and optimize resource allocation. The proposal also includes the creation of a multi-sectoral steering committee and a change management plan, aiming to overcome cultural barriers and ensure the full adoption of the tool by the academic community. In summary, this work offers a theoretical and practical contribution to the fields of university management and public communication, delivering a robust and contextualized solution that not only responds to UFSC's operational challenges but also presents itself as a model with high potential for replicability for other institutions within the Federal Network of Higher Education, strengthening their capacity to fulfill the mission of disseminating knowledge in an open, strategic, and efficient manner.

Keywords: University Management; Digital Platform; Event Management; Public Communication; Digital Transformation; Design Science Research.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tipos de eventos realizados nas IES 42
Figura 2 – Exemplo de evento acadêmico organizado na UFSC 43
Figura 3 – Estrutura montada para 1ª SEPEX da UFSC 45
Figura 4 – Dimensões organizacionais de transformação digital 48
Figura 5 – Fatores impulsionadores da transformação digital nas IES 49
Figura 6 – Diagrama metodológico da pesquisa 51
Figura 7 – Página dos Relatórios de Gestão da UFSC de 2017 a 2023 53
Figura 8 – Mudanças da cadeia de valor de produto para plataformas 71
Figura 9 – Plataforma Amazon 72
Figura 10 – Plataforma eBay 72
Figura 11 – Plataforma gov.br 74
Figura 12 – Plataforma sougov.br 75
Figura 13 – Plataforma digital da Rede Brasileira para Educação e Pesquisa 76
Figura 14 – Plataforma de eventos Sympla 80
Figura 15 – Plataforma de eventos Even3 82
Figura 16 - Exemplo de *design* responsivo 89
Figura 17 - Diretrizes WCAG 2.x 91
Figura 18 - A usabilidade da plataforma Apple 92
Figura 19 - As 10 heurísticas de Nielsen 93
Figura 20 - Usabilidade da plataforma Airbnb 93
Figura 21 - Usabilidade da plataforma Netflix 94
Figura 22 - Módulo Gestor 100
Figura 23 - Módulo Participante 104
Figura 24 - Módulo Integração e Requisitos da Plataforma 107
Figura 25 - Figura 25 - Diagrama conceitual da Plataforma Pública 110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Escopo inicial da plataforma 26
Quadro 2 – Diagrama metodológico da pesquisa 52
Quadro 3 – Principais gestores de eventos na UFSC 53
Quadro 4 – Engajamento e alcance do público em eventos 54
Quadro 5 – Impacto na produção e disseminação de conhecimento e cultura 56
Quadro 6 - Internacionalização via eventos e suporte 58
Quadro 7 - Sustentabilidade, Responsabilidade Social, Eficiência e Transparência na Gestão de Eventos 59
Quadro 8 – Etapas do desenvolvimento do artefato a partir do método DSR 61
Quadro 9 – Etapas do processo da gestão de eventos 63
Quadro 10 – Requisitos funcionais de uma plataforma digital 64
Quadro 11 – Requisitos não-funcionais de uma plataforma digital 65
Quadro 12 – Principais desafios na gestão de eventos na UFSC identificados via análise documental 67
Quadro 13 – Principais destaques na visão dos gestores de eventos da UFSC 69
Quadro 14 – Elementos essenciais que caracterizam as plataformas digitais 73
Quadro 15 – Comparativo entre Plataformas Privadas e Públicas 77
Quadro 16 – Análise da plataforma Sympla com auxílio da matriz SWOT 81
Quadro 17 – Análise da plataforma Even3 com auxílio da Matriz SWOT 83
Quadro 18 – Comparativo entre a plataforma Sympla e a Even3 84
Quadro 19 – Características particulares para uma plataforma pública 87
Quadro 20 – Principais características de *design* responsivo e inclusivo 90
Quadro 21 – Princípios fundamentais para acessibilidade dos recursos digitais 91
Quadro 22 – Princípios fundamentais da LGPD 96
Quadro 23 – Fatores específicos para replicabilidade da Plataforma 97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
ABEOC	Associação Brasileira de Empresas de Eventos
ABERJE	Associação Brasileira de Editores de Revistas e Revistas de Negócios
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABRACCEF	Associação Brasileira de Centros de Convenções, Exposições e Feiras
AGECOM	Agência de Comunicação da UFSC
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BU	Biblioteca Universitária
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DAC	Departamento Artístico e Cultural
DPGI	Departamento de Gestão da Informação
DPO	Encarregado de Proteção de Dados
DS	*Design Science*
DSR	*Design Science Research*
EdUFSC	Editora da UFSC
FITA	Festival Internacional de Teatro de Animação
ForGRAD	Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação
HCFMUSP	Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
HU	Hospital Universitário
IA	Inteligência Artificial
IES	Instituição de Educação Superior
LBI	Lei Brasileira de Inclusão
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais
MVP	Produto Mínimo Viável
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PPGAU	Programa de Pós-graduação em Administração Universitária
PRAE	Pró-Reitora de Permanência e Assuntos Estudantis
PRODEGESP	Pró-Reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoas
PROEX	Pró-reitoria de Extensão
PROPG	Pró-Reitoria de Pós-Graduação
RA	Realidade Aumentada

REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RNCP	Rede Nacional de Comunicação Pública
RNP	Rede Brasileira para Educação e Pesquisa
RV	Realidade Virtual
SAAD	Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades
SEARF	Setor de Arquivo Funcional
SeCArtE	Secretaria de Cultura, Arte e Esporte
SEPEX	Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão
SEPLAN	Secretaria de Planejamento e Orçamento
SeTIC	Superintendência de Governança Eletrônica e Tecnologia da
SINOVA	Secretaria de Inovação
TD	Transformação Digital
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UX	Experiência do Usuário
W3C	*World Wide Web Consortium*
WCAG	*Web Content Accessibility Guidelines*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **17**

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA 17

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA 19

1.3 OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS 21

1.3.1 Objetivo Geral **21**

1.3.2 Objetivos Específicos **22**

1.4 JUSTIFICATIVA 22

1.5 LIMITAÇÃO DO ESCOPO 25

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO 27

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **29**

2.1 A ORIGEM DA COMUNICAÇÃO COMO OBJETIVO CIENTÍFICO 29

2.2 COMUNICAÇÃO PÚBLICA 32

2.3 OS EVENTOS NO MUNDO 34

2.4 OS EVENTOS NO BRASIL 36

2.5 OS EVENTOS COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO 37

2.6 A IMPORTÂNCIA DOS EVENTOS PARA AS UNIVERSIDADES PÚBLICAS 39

2.7 UM BREVE RESGATE HISTÓRICO DOS EVENTOS NA UFSC 44

2.8 A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NO ÂMBITO DAS UNIVERSIDADES 46

3 METODOLOGIA **50**

3.1 CLASSIFICAÇÃO 50

3.2 FLUXO DE ETAPAS DA PESQUISA 51

3.3 DESCRIÇÃO DA COLETA DE DADOS 52

3.4 O USO DA METODOLOGIA *DESIGN SCIENCE RESEARCH* (DSR) 60

4 CARACTERIZAÇÃO E RESULTADOS DA PESQUISA **66**

4.1 OS DESAFIOS DA GESTÃO DE EVENTOS NA UFSC: UMA ANÁLISE DOCUMENTAL 67

4.2 PERCEPÇÕES DOS GESTORES: RESULTADOS DA ENQUETE 68

4.3 PLATAFORMAS DIGITAIS E SEUS REQUISITOS ESSENCIAIS 70
4.4 ANALISANDO PLATAFORMAS DE EVENTOS PRIVADAS 79
4.4.1 Plataforma Sympla 79
4.5 REQUISITOS FUNCIONAIS DA PLATAFORMA: UMA SÍNTESE DAS NECESSIDADES 85
4.6 CARACTERÍSTICAS PARTICULARES DE UMA PLATAFORMA DE EVENTOS PÚBLICA **87**
4.6.1 Design Centrado no Usuário: Usabilidade e Acessibilidade 88
4.6.2 Sobre os Direitos de Uso, Autorais e de Imagem 94
4.6.3 Privacidade e Segurança de Dados (LGPD) 95
4.7 REPLICABILIDADE DA PROPOSTA NA REDE FEDERAL 97
5 CARACTERIZAÇÃO DA PLATAFORMA UFSC 99
5.1 MÓDULO GESTOR 99
5.2 MÓDULO PARTICIPANTE 103
5.3 MÓDULO INTEGRAÇÃO E REQUISITOS 107
5.4 PROPOSTA DE MODELO PARA IMPLANTAÇÃO E GOVERNANÇA DA PLATAFORMA 111
5.4.1 Paradigmas de Implantação e o Precedente do Observatório UFSC 112
5.4.2 Modelo de Implantação Faseado 112
5.4.3 Governança do Projeto e Gestão da Mudança 114
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 115
REFERÊNCIAS 119
APÊNDICE A - RESULTADOS DA PESQUISA COM GESTORES DA UFSC 139
ANEXO A - RESULTADO DA ENQUETE 151

1 INTRODUÇÃO

O primeiro capítulo apresenta a exposição e a contextualização do tema, bem como a problemática da pesquisa. A seguir, são descritos os objetivos gerais e específicos, a justificativa em função da relevância e viabilidade e, por fim, a estruturação do trabalho.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

As tecnologias da informação e comunicação (TIC), especialmente a internet, transformaram as formas de informar, interagir e sociabilizar nas sociedades contemporâneas, estabelecendo novas possibilidades de comunicação (Silva, 2017). Nesse cenário, os eventos surgem como uma oportunidade relevante para explorar essas competências. Para Arruda Pessoa (2015), dada a amplitude desse fenômeno, a realização de eventos tornou-se prática cotidiana na vida social e organizacional, constituindo-se em instrumento usual e eficaz de comunicação.

No caso das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, eventos institucionais, acadêmicos e técnico-científicos sempre desempenharam papel estratégico, tanto na disseminação do conhecimento quanto na integração da comunidade e no fortalecimento da imagem institucional (Santos *et al.*, 2022). De acordo com Zanella (2013), os eventos possuem expressivo potencial para consolidar a identidade organizacional e promover o engajamento dos públicos. Esses públicos, entretanto, variam em sua relevância ao longo do tempo, como observa Arruda Pessoa (2015). Assim, o público estratégico é aquele que, em determinada conjuntura, revela-se prioritário, sendo os eventos um recurso privilegiado para sua mobilização (Meirelles, 2003).

A pandemia da COVID-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, desafiou esse panorama. Após a declaração oficial da Organização Mundial da Saúde em março de 2020, instaurou-se uma crise sanitária global com repercussões sociais, econômicas e culturais de grande alcance (Sohrabi *et al.*, 2020). No Brasil, a rápida disseminação do vírus levou à adoção de medidas de distanciamento social e restrições a aglomerações, impactando de forma significativa o setor de eventos (Werneck; Carvalho, 2020; Aquino *et al.*, 2020).

Entre os mais afetados destacam-se os eventos acadêmicos e científicos — congressos, simpósios, seminários, feiras de ciências e workshops, cuja realização presencial foi interrompida por normativas como a Portaria n.º 343/2020 do Ministério da Educação (Brasil, 2020). Nesse período, Mucci e Laender (2024), ao examinarem dados da Plataforma Lattes, identificaram expressiva redução após mestrados e doutorados, além da diminuição da participação em eventos científicos. Pesquisas que dependiam de atividades de campo, presença em laboratórios e uso de equipamentos específicos também foram comprometidas.

A necessidade de continuidade motivou a adoção de alternativas virtuais. O ensino remoto emergencial e a realização de eventos em plataformas digitais impuseram desafios de adaptação a docentes, palestrantes e organizadores, muitos sem treinamento prévio (Neri, 2025). Dificuldades técnicas, como instabilidade de conexão, prejudicaram apresentações e participação (Santos; Santos; Avelar, 2022), além da necessidade de assegurar acesso equitativo às tecnologias.

Nesse contexto, as plataformas digitais assumiram papel central. Congressos, simpósios, feiras científicas, palestras e workshops migraram para o formato totalmente virtual, garantindo a continuidade dos calendários acadêmicos (Araújo; Franklin, 2023). Tais plataformas possibilitaram transmissões ao vivo, enquetes, interações via chat, sessões de perguntas e respostas e espaços de networking, simulando parcialmente a socialização característica dos encontros presenciais (Neri, 2025).

Além disso, essas ferramentas digitais intensificaram a comunicação dos eventos, desde a divulgação segmentada e criação de expectativas até a manutenção de diálogos no pós-evento, fortalecendo comunidades de interesse e assegurando feedback contínuo (Zenha *et al.*, 2022). No mesmo sentido, a incorporação da inteligência artificial (IA) desponta como recurso promissor, permitindo personalizar experiências, analisar dados para aprimorar edições futuras e automatizar processos de atendimento (Bartelle, 2021).

Todavia, como observa Camilo (2020), tais recursos digitais apenas potencializam estratégias comunicacionais já existentes. Para alcançar plenamente os benefícios da comunicação organizacional, é indispensável integrá-los a uma proposta coerente e alinhada aos objetivos institucionais. Por sua vez, Souza (2023) destaca que organizações com comunicação fragmentada tendem a enfrentar

dificuldades de coordenação interna, nos processos de decisão e, consequentemente, em sua produtividade.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Com o intuito de cumprir seus objetivos de comunicação institucional, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) promove, ainda que de maneira descentralizada, a gestão de eventos institucionais, acadêmicos e técnico-científicos por meio de seus departamentos, secretarias e unidades acadêmicas das diversas áreas do conhecimento. Relatórios do Departamento de Gestão da Informação (DPGI), vinculado à Secretaria de Planejamento e Orçamento da UFSC (SEPLAN)[1], referentes ao período de 2017 a 2023, evidenciam que diferentes unidades da instituição realizam eventos de forma fragmentada, cada qual com seus próprios gestores. Para ilustrar essa diversidade e a magnitude da produção institucional, destacam-se a seguir alguns exemplos.

Em 2017, a Coordenadoria de Gestão Ambiental (CGA) organizou ou apoiou quatro eventos: o IV Seminário de Gestão Pública Sustentável, a Conferência Planeta.Doc, a Semana do Meio Ambiente UFSC e a Semana Campus Lixo Zero.

Em 2018, a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) promoveu 3.763 ações de extensão e apoiou eventos como o 36º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul (SEURS) e a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPEX). A Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ) organizou quatro eventos de destaque: a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), a 17ª edição da SEPEX, o Encontro Nacional de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação (ENPROP) e o Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica. Ainda nesse ano, a Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades (SAAD) promoveu cerca de 12 atividades, incluindo o Seminário de Avaliação do Processo de Validação de Autodeclaração de Pretos, Pardos e Negros, além de ações voltadas à diversidade e visibilidade, como o Dia da Visibilidade Lésbica, o Dia da Visibilidade Trans, o Dia Internacional da Mulher e o Dia do Orgulho LGBT.

Em 2019, a Biblioteca Universitária (BU) realizou 876 ações de desenvolvimento de competência em informação. A PROEX registrou 2.862 ações de

[1] https://dpgi-seplan.ufsc.br/relatorio-de-gestao/. Acesso em out. 2024.

extensão, apoiou 200 oficinas da Sala Verde e desenvolveu iniciativas como a 37ª edição do SEURS e o Programa de Auxílio Financeiro para Participação de Estudantes em Eventos de Extensão. A Secretaria de Cultura e Arte (SECARTE) manteve alto volume de atividades, entre as quais se destacaram 23 apresentações do Projeto 12:30, 15 espetáculos da Oficina Permanente de Teatro do DAC e eventos como o Floripa Jazz Festival, o 2º Festival Assimetria e o XV Congresso do Forcine.

Em 2020, mesmo diante da pandemia de COVID-19, os eventos permaneceram ativos. A SAAD promoveu cerca de 25 encontros do ciclo Entrelaços, além de palestras e transmissões virtuais. A Secretaria de Inovação (SINOVA) realizou 22 eventos por meio do projeto Academy UFSC, além de workshops, palestras, webinars e outras atividades.

Em 2021, o Departamento de Cultura e Eventos (DCEVEN) organizou 116 solenidades de colação de grau, sendo 108 virtuais e 8 presenciais. A recém-criada Pró-reitora de Ações Afirmativas e Equidade (PROAFE/SAAD) executou 25 encontros do grupo Entrelaços, 13 eventos gerais e diversas transmissões, enquanto a Secretaria de Esportes (SESP) realizou competições como o Campeonato Catarinense Universitário de E-sports.

No ano de 2022, a PROAFE intensificou sua atuação, com iniciativas como o Grupo Reflexivo Entrelaços e o projeto Refletindo Masculinidades. A SECARTE promoveu 76 colações de grau e eventos de grande visibilidade institucional, entre eles a reabertura da Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim e a inauguração da Igrejinha da UFSC. A PROPESQ, em parceria com a SEPLAN, conduziu a 19ª SEPEX, com 55 estandes e 130 minicursos, além da premiação do 32º Seminário de Iniciação Científica (SIC). Nesse mesmo período, a Editora da UFSC (EDUFSC) esteve presente em 30 eventos, incluindo o Livro na Praça e o Livro em Movimento.

O ano de 2023 foi particularmente expressivo. A PROAFE promoveu 67 reuniões e 19 eventos, como recepções a calouros indígenas e quilombolas, visitas a comunidades tradicionais, seminários, campanhas institucionais e grupos de trabalho em políticas de equidade de gênero. A PROPESQ e a SINOVA se destacaram pela realização de 29 editais, 28 palestras, 11 rotas de inovação do Academy UFSC e ações de incubação e integração externa. A EDUFSC participou de 38 eventos, enquanto o Departamento de Atenção à Saúde (DAS) organizou 49 campanhas, capacitações e treinamentos. O Departamento Artístico Cultural (DAC/SECARTE)

também se sobressaiu, especialmente pelas 17 apresentações do projeto Igrejinha Musical e pelas celebrações dos 30 anos do Projeto 12:30.

Essas iniciativas ilustram apenas parte da intensa atividade institucional promovida ou apoiada pela UFSC a partir de seus 91 programas de pós-graduação — 12 ofertados em rede nacional, 71 de caráter acadêmico, 20 profissionais, 1 doutorado profissional e 20 mestrados profissionais (DPGI-SEPLAN, 2023).

A UFSC, assim como outras instituições públicas de ensino superior no Brasil, compartilha a realidade de utilizar eventos como uma das principais ferramentas de relacionamento, divulgação científica e intercâmbio de conhecimento (Zanella, 2013). Autores como Inoue (2019), Barbosa (2018), Silva (2017) e Bejinaru (2017), enfatizam que o uso de plataformas digitais pode ampliar o alcance desses eventos e gerar benefícios adicionais às instituições. Além disso, plataformas de comunicação integradas contribuem para racionalizar processos, potencializar a divulgação multicanal, centralizar *feedbacks* e realizar mensuração de resultados (Balduck *et al.*, 2015; Zanella, 2013).

Diante da fragilidade observada na estratégia de comunicação das IES públicas brasileiras, este trabalho procura responder ao seguinte problema de pesquisa: quais são os elementos essenciais para o desenvolvimento de uma plataforma integrada de gestão de eventos em uma instituição pública de ensino superior? Além disso, os objetivos propostos almejam não apenas gerar subsídios às práticas institucionais, mas também proporcionar novas percepções capazes de maximizar o potencial das plataformas digitais para a gestão de eventos acadêmicos e científicos.

1.3 OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS

1.3.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo é propor um diagrama de uma plataforma de gestão de eventos para uma IES pública considerando os aspectos da gestão dos eventos institucionais, acadêmicos e técnico-científicos.

1.3.2 Objetivos Específicos

Almejando alcançar o objetivo geral do trabalho, bem como, responder à pergunta de pesquisa, foram elencados os seguintes objetivos específicos:

a) Identificar os principais agentes gestores de eventos na UFSC, e quais as principais dificuldades enfrentadas por eles;
b) Analisar estudos sobre plataformas de eventos existentes;
c) Definir os requisitos funcionais e não funcionais para a plataforma; e
d) Elaboração do diagrama da plataforma pública e seus componentes.

1.4 JUSTIFICATIVA

Os eventos constituem ferramentas estratégicas fundamentais para a comunicação pública, desempenhando papel crucial na manutenção, elevação ou recuperação da imagem e do conceito de uma instituição junto a seu público-alvo, conforme observa Gimenes (1997). O autor destaca, ainda, que muitos dos desafios enfrentados pelas universidades contemporâneas podem ser superados por meio da realização de eventos. Tais iniciativas funcionam como plataformas comunicativas privilegiadas, capazes de integrar atividades de comunicação e variados meios, ampliando a troca de informações, o intercâmbio de experiências e a construção de redes colaborativas, o que contribui significativamente para o fortalecimento institucional e acadêmico.

Amorim e Oliveira (2015) apontam que as organizações devem compreender a comunicação em suas múltiplas dimensões, entre elas a “informacional” e a “relacional”, uma vez que são compostas por pessoas. Os autores defendem que o fortalecimento das relações digitais com o público permite às instituições usufruir das oportunidades proporcionadas pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC).

Na mesma direção, Barichello e Machado (2012) ressaltam que a adaptação das organizações ao ambiente digital requer estratégias adequadas e consciência sobre a complexidade do processo comunicacional, que pressupõe semelhança, diálogo, participação e interação com os públicos de interesse. Nesse contexto, a comunicação por meio de plataformas digitais, como sites institucionais e redes sociais, assume papel relevante como alternativa de visibilidade institucional (Silva, 2017). No âmbito das universidades, a autora considera que a comunicação

universitária deve adotar novas formas de relacionamento com a comunidade acadêmica, possibilitando também a produção de conhecimento inserido em uma sociedade em rede.

Nessa perspectiva, autores como Parker *et al.* (2018), McAfee e Brynjolfsson (2017) e Evans e Gawer (2016) argumentam que a adoção de plataformas digitais para a gestão de eventos em universidades pode transformar como essas instituições organizam e promovem suas atividades. Para esses autores, a centralização, a eficiência comunicacional, a automação de processos, a melhoria da experiência dos participantes, a análise de dados e a redução de custos são algumas das vantagens que tais plataformas podem oferecer.

Complementarmente, Balduck *et al.* (2015) analisaram fatores de motivação e satisfação de participantes em eventos universitários na Bélgica e reforçaram a importância de uma comunicação assertiva, realizada por múltiplos canais, para engajar públicos internos e externos. Em contrapartida, uma comunicação falha resulta em baixa adesão, problemas logísticos e desperdício de recursos institucionais.

Barbosa (2018) enfatiza que universidades, especialmente as públicas, possuem conhecimento e experiência necessários para implementar plataformas digitais em suas estruturas. Contudo, restrições orçamentárias e financeiras comprometem a capacidade dessas instituições de desenvolver e manter tecnologias avançadas. Inoue (2019) amplia a discussão ao identificar os principais desafios enfrentados: i) recursos limitados, que restringem investimentos e manutenção de sistemas; ii) complexidade burocrática, que retarda a adoção de novas tecnologias; iii) deficiência de conhecimento técnico; iv) dependência excessiva de métodos convencionais de planejamento de eventos; e v) exigências regulatórias, como a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Lei n.º 13.709/2018) e a Lei de Direitos Autorais (Lei n.º 9.610/1998).

A UFSC, assim como outras IES públicas brasileiras, vivência realidade semelhante ao utilizar os eventos como instrumentos de relacionamento, divulgação científica e intercâmbio de conhecimento (Zanella, 2013). Apesar da relevância do tema, observa-se carência de pesquisas voltadas às plataformas digitais de comunicação voltadas especificamente para as necessidades das IES públicas.

Com base em contribuições de Silva (2017), Bejinaru (2017), Amorim e Oliveira (2015), Balduck *et al*. (2015), Zanella (2013), Barichello e Machado (2012) e

Allen *et al.* (2011), este trabalho busca subsídios para o desenvolvimento de uma ferramenta inovadora de comunicação institucional, que possibilite aos gestores de eventos inserir os materiais produzidos antes, durante e após a realização. Pretende-se, ainda, que a plataforma se configure como solução estratégica alinhada aos objetivos institucionais.

A relevância do estudo manifesta-se em dois aspectos: no campo teórico, ao ampliar a compreensão sobre o tema; e no âmbito prático, ao propor um artefato aplicável. A contribuição inovadora advém tanto do desenvolvimento de novos modelos quanto da geração de percepções que produzem benefícios tangíveis em contextos concretos.

A CAPES (2019) enfatiza a importância de preservar a memória dos eventos promovidos pelos programas de pós-graduação, considerando tal prática essencial para a documentação e disseminação do conhecimento produzido. O registro sistemático dessas atividades contribui para a consolidação das contribuições acadêmicas, amplia a visibilidade institucional e fortalece os processos avaliativos dos programas, tornando-se recurso estratégico para consolidar a pós-graduação brasileira.

Nesse cenário, a proposta de implantação de uma plataforma integrada de eventos fundamenta-se na necessidade de otimizar a gestão e a comunicação na UFSC. A iniciativa busca aperfeiçoar o planejamento, acompanhamento e divulgação das atividades acadêmicas, favorecendo uma gestão mais eficiente e transparente e maximizando os impactos científicos e sociais.

A inserção do pesquisador no contexto institucional, atuando como servidor desde 2013 e exercendo a função de diretor da TV UFSC, oferece posição privilegiada para compreender as dinâmicas organizacionais e as demandas específicas, além de facilitar a coleta de dados e a análise diagnóstica, conferindo maior consistência à proposta de desenvolvimento.

Assim, este trabalho demonstra forte potencial para promover integração e engajamento dos públicos, otimizar a gestão de eventos e maximizar o aproveitamento dos recursos investidos pela UFSC. Os relatórios do DPGI, referentes ao período de 2017 a 2023, analisados neste estudo, apresentam informações gerais sobre a gestão financeira, mas raramente detalham as despesas e receitas específicas decorrentes de eventos.

A incorporação de recursos inovadores permitirá personalizar a experiência dos participantes e gerar dados estratégicos para a tomada de decisão, contribuindo para maior eficiência operacional, redução de custos e eliminação de tarefas manuais repetitivas. A UFSC poderá, assim, consolidar-se como referência em inovação na gestão de eventos no ensino superior, servindo de modelo para outras universidades públicas no país.

1.5 LIMITAÇÃO DO ESCOPO

Segundo o *Guia de Gerenciamento de Escopo de Elaboração de uma EAP* do PMI Brasil (ENAP, 2017), definir o escopo consiste em desenvolver uma descrição detalhada do projeto e do produto, abrangendo as principais entregas, premissas e restrições. A preparação dessa declaração é considerada crítica para o sucesso, pois se fundamenta em elementos documentados na fase de iniciação do projeto.

O principal benefício desse processo encontra-se na delimitação dos contornos do projeto, ao especificar quais requisitos coletados serão incluídos e quais serão excluídos do escopo. Dessa forma, o gerenciamento do escopo está essencialmente relacionado à definição e ao controle do que está ou não contemplado no projeto.

Partindo desse referencial, ao propor o diagrama da plataforma integrada de eventos de uma instituição pública de ensino superior, é fundamental identificar de maneira precisa as restrições vinculadas ao escopo. Tais restrições permitem estabelecer parâmetros e limites do que será considerado no projeto, prevenindo antecipações irreais ou a definição de um escopo excessivamente abrangente.

Com efeito, a omissão na definição ou no gerenciamento adequado do escopo pode acarretar retrabalhos, atrasos no cronograma, sobrecarga de recursos humanos, aumento de custos e insatisfação dos usuários.

Dessa forma, torna-se necessário explicitar algumas das limitações potenciais relacionadas ao escopo do desenho da plataforma proposta, conforme delineado no Quadro 1. Este quadro traz o escopo inicial da plataforma delimitando funcionalidades, abrangência e restrições. Sua proposição concentra-se em um conjunto específico de recursos considerados essenciais, restringindo-se, em um primeiro momento, aos tipos de eventos mais recorrentes na instituição. As integrações contempladas

também apresentam limitações, abrangendo apenas determinados sistemas já existentes.

Quadro 1 - Escopo inicial da plataforma

Escopo	Limitações
Funcionalidades específicas	A plataforma irá se concentrar em um conjunto específico de funcionalidades essenciais.
Tipos de eventos	A plataforma pode se limitar aos tipos de eventos mais realizados na instituição.
Integrações com sistemas existentes	A plataforma pode contemplar inicialmente integrações apenas com determinados sistemas existentes na instituição.
Público-alvo	A plataforma deve se concentrar em atender às necessidades de um público-alvo específico, como estudantes, servidores e parceiros externos.
Plataformas e dispositivos	A plataforma pode ter compatibilidade com alguns dispositivos específicos.
Requisitos de segurança e privacidade	A plataforma pode abordar apenas os requisitos de segurança e privacidade essenciais.
Cronograma e recursos	O desenvolvimento da plataforma será limitado pelo cronograma e pelos recursos disponíveis no momento da execução desta pesquisa.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

O público-alvo é definido de forma direcionada, priorizando estudantes, servidores e parceiros externos, de modo a atender necessidades específicas sem contemplar todos os perfis possíveis. No que se refere à compatibilidade tecnológica, a plataforma prevê suporte restrito a alguns dispositivos selecionados, além do atendimento apenas aos requisitos básicos de segurança e privacidade.

Adicionalmente, o desenvolvimento do sistema encontra-se condicionado ao cronograma e aos recursos disponíveis durante a execução da pesquisa. Nesse sentido, o escopo inicial configura-se como um recorte estratégico que busca assegurar a viabilidade da implementação, mesmo diante de restrições técnicas, temporais e financeiras.

Em síntese, ao explicitar as principais limitações do escopo, pretende-se gerenciar as expectativas dos organizadores de eventos, garantindo que a proposta se mantenha pragmática e exequível.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta pesquisa está organizada em seis capítulos, cuja estrutura foi desenhada para conduzir o leitor de forma lógica desde a contextualização do problema até a proposição da solução e as conclusões do estudo. A seguir, apresenta-se uma descrição detalhada de cada capítulo.

O Capítulo 1 – Introdução estabelece as bases da pesquisa, contextualizando o papel vital dos eventos como ferramentas de comunicação e disseminação do conhecimento para Instituições de Ensino Superior (IES), especialmente no cenário pós-pandêmico, que acelerou a transformação digital. É problematizada a gestão de eventos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que, apesar do alto volume e diversidade, os eventos ocorrem de forma fragmentada e descentralizada, conforme evidenciado pela análise preliminar dos Relatórios de Gestão. Essa fragmentação leva à formulação do problema de pesquisa: “Quais são os elementos essenciais para o desenvolvimento de uma plataforma integrada de gestão de eventos de uma instituição pública de ensino superior?”. Em seguida, são definidos o objetivo geral e os objetivos específicos que guiam as etapas da investigação.

A justificativa ancora-se na relevância teórica e prática do tema, destacando a necessidade de otimizar processos, ampliar o engajamento e fortalecer a comunicação pública da universidade. Por fim, o capítulo delimita o escopo do projeto e apresenta a estrutura geral do trabalho.

O Capítulo 2 – Fundamentação Teórica constrói o arcabouço conceitual que sustenta a pesquisa. Inicia-se com a evolução da Comunicação como campo científico e aprofunda-se no conceito de Comunicação Pública, diferenciando-a da comunicação governamental e política, e ressaltando sua centralidade no interesse do cidadão.

A seguir, realiza-se um resgate histórico dos eventos, traçando sua trajetória no cenário mundial, desde a Antiguidade, e no Brasil, desde as tradições coloniais até os megaeventos contemporâneos. O capítulo explora a função dos eventos como ferramenta estratégica de comunicação e sua importância crucial para as universidades públicas. Finalmente, o referencial teórico é amarrado pelo tema da Transformação Digital (TD), discutindo seus impulsionadores, como a busca por eficiência, controle de custos e melhoria da experiência do usuário, e seu impacto inevitável no âmbito das universidades, estabelecendo o contexto para a necessidade de uma solução tecnológica integrada.

O Capítulo 3 – Metodologia descreve os procedimentos adotados para a condução da pesquisa. O estudo é classificado quanto aos fins como "Aplicada" e, quanto aos meios, como "Bibliográfica", "Documental" e "Qualitativa". O pilar metodológico é a *Design Science Research* (DSR), conforme o modelo adaptado por Dresch *et al.* (2015), que se foca na criação de um artefato para solucionar um problema prático. É apresentado o fluxo de etapas da pesquisa, que parte de um levantamento bibliográfico para a definição da teoria e dos objetivos, avança para a coleta de dados por meio da análise dos Relatórios de Gestão da UFSC (2017-2023) e de uma enquete com especialistas, prossegue com a análise de plataformas privadas, e finaliza na definição das funcionalidades e na proposição da plataforma integrada.

O Capítulo 4 – Caracterização e Resultados da Pesquisa apresenta a análise e a síntese dos dados coletados. O capítulo inicia evidenciando os desafios da gestão de eventos na UFSC, identificados a partir da análise documental, como a conformidade com requisitos legais e as limitações de recursos. Em seguida, são detalhados e analisados os resultados da enquete realizada com gestores da universidade, que apontaram a "falta de estruturas integradas" e a "escassez de recursos financeiros", e manifestaram uma demanda unânime por uma plataforma integrada.

Na sequência, o capítulo explora os requisitos essenciais de plataformas digitais e realiza uma análise aprofundada, via matriz SWOT, das plataformas privadas Sympla e Even3, identificando suas forças, fraquezas e funcionalidades relevantes. Com base nessa triangulação de dados, são listadas as funcionalidades desejadas para uma plataforma pública. O capítulo finaliza expondo as características particulares que uma plataforma de eventos pública deve possuir, como design

responsivo, acessibilidade digital, usabilidade e conformidade com a LGPD, e discute o alto potencial de replicabilidade da proposta para outras IES da Rede Federal.

O Capítulo 5 – Proposta da Plataforma Integrada é o ápice do trabalho, onde o artefato é apresentado. O capítulo detalha o diagrama conceitual da plataforma, que foi projetada com uma arquitetura modular para atender às complexas demandas identificadas. São descritos em profundidade os três módulos que a compõem: o Módulo Gestor, que constitui o núcleo administrativo para planejamento, gerenciamento e análise de eventos; o Módulo Participante, que é a interface pública focada na experiência do usuário; e o Módulo de Integração e Requisitos, a espinha dorsal técnica que garante a interoperabilidade com sistemas da UFSC, a segurança e a acessibilidade. Além da especificação do artefato, o capítulo propõe um modelo de implantação faseado e uma estrutura de governança, inspirados em casos de sucesso como o Observatório UFSC, para garantir a viabilidade e a adoção da plataforma.

Por fim, o Capítulo 6 – Considerações Finais realiza a síntese dos resultados da pesquisa, retomando o problema e verificando o alcance dos objetivos geral e específicos. O capítulo também aponta as limitações da pesquisa, como seu caráter conceitual e o foco na UFSC, e sugere direcionamentos para trabalhos futuros, como a investigação de modelos de financiamento, a realização de testes de usabilidade com protótipos e a avaliação do impacto da plataforma após sua implementação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O capítulo dois apresenta o referencial teórico que conduziu o presente estudo, cujos temas estão organizados em suas respectivas seções e subseções, conforme a ordem que segue:

2.1 A ORIGEM DA COMUNICAÇÃO COMO OBJETIVO CIENTÍFICO

A comunicação tem sido um tema central ao longo da história, indicando sua importância de longa data no desenvolvimento social. Essa consciência cresceu ao longo do tempo, destacando sua relevância em vários contextos, especialmente em ambientes organizacionais (Kunsch, 2020).

O termo começou a ser estudado em diferentes países e sob vários enquadramentos teóricos, com estudiosos como Habermas (1997) a aprofundar-se no conceito. Na década de 1920, a comunicação passou a ser evidenciada também pela Escola das Relações Humanas, de Mayo, quando elementos humanos e aspectos sociais passaram a ser considerados (Kunsch, 2016).

No Brasil, o desenvolvimento da comunicação está intrinsecamente ligado à sua trajetória histórica. As transformações nas práticas comunicacionais foram moldadas por diversos fatores culturais, políticos, tecnológicos e sociais que permearam a construção do país. Destacam-se, nesse processo, as instituições de ensino e comunicação, que exerceram papel fundamental na consolidação e propagação do conhecimento teórico e prático da área (Kunsch, 2016).

Desde então, a comunicação passou a simbolizar uma rota e uma tática para auxiliar as organizações no esforço de alcançar eficiência e garantir resultados positivos, atuando como intermediária no engajamento com o público (Holanda; Brandão, 2019). Dentre os diferentes tipos de comunicação, que incluem a informativa, a política e a cultural (Matos, 2013), a comunicação organizacional ganha proeminência no escopo deste estudo. Conforme destaca Scroferneker (2006), ela abrange as diversas modalidades comunicacionais que uma organização utiliza para se relacionar com seus públicos, permitindo que a informação circule interna e externamente.

Para que se estabeleça uma comunicação organizacional integrada e estratégica, Kunsch (2020) ressalta a obrigatoriedade de se considerar as novas demandas e exigências que as organizações enfrentam na sociedade contemporânea, principalmente as transformações sociais, econômicas e políticas. Para a autora, a complexidade que envolve a comunicação organizacional transcende a prática de um serviço diário de divulgação de informações e notícias institucionais realizado por um setor específico.

Inicialmente vinculada às organizações privadas, a comunicação vem gradualmente tomando espaço e se integrando à estrutura das organizações públicas (Kunsch, 2020; Torquato, 2015; Duarte, 2012). No cenário contemporâneo, ela serve como um meio para as instituições educacionais compreenderem as complexidades de suas operações, além de exercerem seu papel formativo ao garantir o acesso à informação tanto para a comunidade acadêmica quanto para a sociedade (Holanda; Brandão, 2019). A comunicação desenvolvida por essas organizações pode ocorrer

de duas maneiras: por meio da difusão do conhecimento científico e tecnológico e, ainda, enquanto organização pública gestora de seus processos internos (Castro, 2013).

Neste ambiente, Amorim e Oliveira (2015) enfatizam ser imprescindível perceber a comunicação por meio de múltiplas perspectivas, entre estas a estratégica, a informativa e a relacional, considerando que as organizações consistem em pessoas que precisam se engajar em interações para coexistir harmoniosamente e atingir objetivos comuns.

Na tentativa de sistematizar esse campo, Kunsch (2020) classifica a comunicação organizacional sob quatro dimensões: i) humana; ii) instrumental; iii) cultural; e iv) estratégica. A “dimensão humana”, segundo a autora, mostra-se de grande importância no âmbito organizacional, objetivando a melhoria da vida dos trabalhadores em um ambiente cada vez mais complexo.

Complementar a essa visão, a “dimensão instrumental” é enfatizada por Kunsch (2020) como a mais prevalente nas estruturas organizacionais contemporâneas. Esta dimensão é caracterizada por sua natureza funcional e técnica, tendo como principal objetivo a transmissão eficaz de informações para facilitar e otimizar os processos organizacionais.

Quanto à “dimensão cultural”, a autora destaca os níveis micro, relacionado à cultura organizacional vigente e seus valores, e macro, que considera o contexto nacional e global da sociedade onde a organização se insere.

Por último, a “dimensão estratégica” assume, segundo a mesma autora, dois enfoques distintos: uma visão conservadora, que visa enfatizar resultados para a organização; e uma concepção mais complexa, que incorpora a interpretação de incertezas e aspectos do mundo contemporâneo às ações de relacionamento e comunicação.

No que tange aos aspectos contemporâneos, Corrêa (2016) destaca que as tecnologias digitais de informação e comunicação estão plenamente consolidadas, da mesma forma como as plataformas sociais fazem parte do cotidiano da sociedade. Nesse contexto, a relação entre a comunicação organizacional e os eventos surge como um meio de alinhar a comunicação interna com os objetivos e a cultura da organização, enfatizando a importância do diálogo e da motivação (Kunsch, 2020).

A autora supramencionada enfatiza, também, a importância dos eventos na formação da cultura organizacional, através do envolvimento dos colaboradores e do

reforço da identidade e reputação da organização. Defende-se, assim, uma abordagem holística que potencialize os eventos para criar experiências de comunicação impactantes para os públicos interno e externo.

Desta forma, para lidar estrategicamente com a comunicação — seja ela organizacional, pública ou digital — é necessário diferenciar o que são informações e o que é o processo comunicacional em suas complexidades. Ao reconhecer a interseção entre a comunicação organizacional e os interesses da sociedade, torna-se imperativo examinar uma de suas vertentes mais estratégicas no contexto de instituições como a UFSC: a comunicação pública. Compreender suas funções, meios e abordagens é, portanto, o passo subsequente para a construção de um relacionamento eficaz e duradouro com os públicos de interesse.

2.2 COMUNICAÇÃO PÚBLICA

O *Guia de Comunicação Pública da Associação Brasileira de Comunicação Pública* (2021) destaca que a expressão “comunicação pública” ganhou relevância, sobretudo após a redemocratização do País, tendo como marco histórico a primeira eleição direta em 1989 e o fim do regime militar (Medeiros; Chirnev, 2021).

Liedke e Curtinovi (2016) observam que o conceito de comunicação pública constitui uma evolução de diversas formulações que o antecederam, elaboradas em contextos históricos distintos, buscando definir a comunicação praticada por diferentes organizações sociais.

Para Castro *et al*. (2021), a comunicação pública ultrapassa os limites do Estado e de seus órgãos institucionais, abrangendo toda comunicação voltada a atingir o cidadão em sua condição de sujeito de direitos. Nesse sentido, Duarte (2012) diferencia comunicação pública, política e governamental. A comunicação política busca conquistar a opinião pública por partidos ou figuras políticas, visando apoio eleitoral. Já a comunicação governamental refere-se à representação do Estado por meio dos poderes Legislativo, Executivo ou Judiciário, bem como das instituições da sociedade civil.

Mais ampla, a comunicação pública, conforme Duarte (2012), corresponde aos fluxos relacionados a temas de interesse coletivo, vinculados ou não a órgãos governamentais. Sua característica distintiva é a centralidade no interesse dos cidadãos, e não nos interesses institucionais, em vontades individuais de governantes

ou na obtenção de lucro.

A configuração contemporânea da comunicação pública resulta de um processo histórico de aproximadamente dois séculos, iniciado na Revolução Industrial. Nesse percurso, consolidou-se como interação entre Estado, governo e sociedade, destinada a informar e a promover cidadania (Liedke; Curtinovi, 2016).

No caso brasileiro, esse desenvolvimento ocorreu de forma tardia. Segundo Torquato (1984), apenas a partir de 1930, com o início da industrialização, empresas nacionais sentiram a necessidade de criar veículos de comunicação interna, como jornais destinados a seus funcionários. O *Boletim Light*, da Empresa Light, criado em 1925, figura entre os pioneiros.

Nas últimas décadas, a comunicação pública tem despertado crescente interesse entre acadêmicos e profissionais ligados ao setor público e às organizações não governamentais, justamente por assumir uma perspectiva cidadã e tratar de temas de interesse coletivo (Medeiros; Chirnev, 2021).

No contexto específico das instituições públicas de ensino, Holanda e Brandão (2019) ressaltam que a comunicação pública voltada à construção da sociedade contribuiu para transformar hábitos sociais a partir da disseminação do conhecimento científico.

Apesar de sua relevância na promoção do diálogo entre os diversos agentes sociais, a comunicação pública enfrenta desafios significativos, como a escassez de recursos e estruturas adequadas, além da necessidade de elaborar estratégias eficazes de engajamento dos diferentes públicos.

Nesse cenário, Kusch (2016) assinala que a gestão de eventos tem se consolidado como um campo estratégico dentro da comunicação organizacional e pública, sendo fundamental ao desenvolvimento institucional e à construção de relacionamentos. Os eventos extrapolam sua função social ou de entretenimento para se consolidarem como instrumentos de interação, disseminação de informação e fortalecimento de imagem institucional, tanto em ambientes governamentais quanto em não governamentais (Kunsch, 2022).

Conclui-se, portanto, que a comunicação pública se distingue das esferas política e governamental por sua centralidade no interesse do cidadão e no tratamento de temas de interesse coletivo. No caso das Instituições de Ensino Superior (IES), desempenha papel vital na construção da sociedade, por meio da difusão do conhecimento científico e do fomento ao diálogo entre os diferentes agentes sociais,

ainda que marcada por desafios relacionados a recursos e estratégias de implementação.

2.3 OS EVENTOS NO MUNDO

De acordo com Goldblatt (2008), os eventos têm suas raízes na própria história, desde as celebrações primitivas até os grandes festivais e cerimônias da Antiguidade. Para o autor, a organização de eventos representa uma tradição milenar, já que indivíduos, desde os primórdios, reuniam-se para comemorar ocasiões diversas, oferecer sacrifícios a divindades, observar mudanças sazonais, como solstícios, e celebrar a chegada da primavera.

No formato mais próximo ao que se conhece atualmente, os eventos costumam ser associados aos Jogos Olímpicos da Antiguidade, realizados a partir de 776 a.C., em Olímpia, na Grécia. Meirelles (2003) considera esses jogos os primórdios dos eventos modernos. Arruda Pessoa (2014) acrescenta que a repercussão positiva dessas competições em Olímpia levou outras cidades gregas a promoverem iniciativas semelhantes, tanto para atrair visitantes quanto para proporcionar bem-estar social.

Ao longo do tempo, os eventos estiveram presentes na sociedade e evoluíram paralelamente ao desenvolvimento das civilizações, constituindo parte integrante da vida humana (Getz, 2007). Nesse contexto, Matias (2010) aponta que o primeiro evento de caráter informativo, denominado congresso, ocorreu em 377 a.C., em Corinto, e que o último registro da Antiguidade, em 56 a.C., também assumiu o formato de assembleia.

Com o declínio da civilização antiga e a ascensão do cristianismo, iniciou-se a Idade Média. Segundo Matias (2010), esse período foi marcado por escassa atividade de eventos, em grande parte devido à insegurança social. Ao mesmo tempo, surgiram iniciativas que favoreceram a mobilidade e poderiam facilitar a realização de futuras viagens, como o *Guia de Estrada* de Charles Estiene (1552) e a obra *Of Travel* de Francis Bacon (1612), ambas voltadas a orientar viajantes. Entre os eventos de maior expressão estiveram os religiosos, como concílios e representações teatrais, e os comerciais, particularmente as feiras (Arruda, 2014).

As apresentações teatrais possuíam forte caráter religioso, muitas vezes realizadas dentro das igrejas, funcionando como recurso para dinamizar as liturgias e

facilitar sua compreensão (Matias, 2010). Contudo, Giraldi (2014) observa que o teatro, apesar de sua origem na Antiguidade, quase desapareceu na Europa medieval, ressurgindo posteriormente a partir da liturgia cristã.

Já as feiras de artes, que duravam em média seis a sete semanas, representavam importantes atividades comerciais e culturais. Elas não criavam cidades medievais, mas impulsionavam seu crescimento ao atrair visitantes e estimular o intercâmbio social (Giraldi, 2014). Com o aumento da segurança nas estradas ao final da Idade Média, intensificaram-se os deslocamentos e proliferaram as trocas de conhecimentos entre viajantes, fenômeno que pode ser associado ao surgimento dos primeiros cursos e treinamentos (Arruda Pessoa, 2014). Nesse mesmo período, artesãos, poetas e músicos também passaram a circular entre cidades, exibindo suas produções, o que remete às origens de feiras, exposições e espetáculos contemporâneos (Arruda Pessoa, 2014).

O primeiro congresso científico, denominado Congresso de Medicina Geral, foi realizado em Roma por volta de 1681. Já em 1754, em Londres, criou-se o primeiro espaço específico para feiras e exposições (Giraldi; Arruda Pessoa, 2014). Posteriormente, destacou-se o Congresso de Viena, em 1815, que reuniu lideranças europeias após a derrota de Napoleão e consolidou bases para a diplomacia internacional (Arruda Pessoa, 2014).

A partir de então, iniciou-se uma corrida pela realização de grandes eventos. Em 1848, o ministro do comércio francês, Jean-Baptiste Tourret, sugeriu a internacionalização da Exposição Nacional Francesa de 1849, embora sem sucesso. A concretização desse ideal ocorreu em 1851, com a Grande Exposição de Londres, realizada no Palácio de Cristal. Esse evento marcou o início das Exposições Universais, reunindo cerca de 165 mil visitantes (Giraldi; Arruda Pessoa, 2014). A partir desse marco, diversos países passaram a organizar exposições internacionais, fomentando um número crescente de eventos e ampliando o fluxo de pessoas interessadas em participar.

Entretanto, Matias (2010) salienta que, embora muitos eventos técnicos e científicos tenham ocorrido nas primeiras décadas do século XX, especialmente entre as guerras mundiais, sua identificação permanece limitada devido à escassez de registros sistemáticos. Ainda nesse século, consolidaram-se os eventos esportivos, impulsionados pelo advento do automóvel e, mais tarde, do avião, que reduziram distâncias e alavancaram o turismo (Arruda, 2014; Matias, 2010).

Por fim, Bowdin *et al.* (2011) ressaltam que os eventos modernos são o resultado de um longo processo de evolução histórica, cultural, social e tecnológica. Apesar das transformações em seus formatos e finalidades, sua essência permanece a mesma: reunir pessoas em torno de interesses comuns.

2.4 OS EVENTOS NO BRASIL

Os eventos no Brasil têm suas raízes nas tradições indígenas e nas influências trazidas pelos colonizadores portugueses. As festividades e os rituais indígenas, como cultos e celebrações ligados à caça, pesca e agricultura, constituíram as primeiras manifestações no território brasileiro (Cesca, 2008; Britto; Fontes, 2002). Segundo os autores, esses eventos se mesclam às práticas europeias, dando origem a festas religiosas, procissões e solenidades vinculadas à realeza.

Durante o período colonial e imperial, os eventos sociais e políticos assumiram papel central na vida cultural do país. Destacaram-se, por exemplo, as festas de coroação dos imperadores, os bailes da corte e as comemorações relacionadas à independência (Meirelles, 1999). Um marco memorável foi o Baile de Carnaval, ocorrido em 7 de fevereiro de 1840, no Hotel Itália, no Rio de Janeiro. Na mesma cidade, em 1861, realizou-se a primeira feira denominada Exposição Nacional (Arruda Pessoa, 2014).

No século XX, com o avanço da industrialização e do comércio, consolidaram-se os eventos empresariais e promocionais, incluindo feiras, congressos, exposições e lançamentos de produtos (Matias, 2013). Nesse período, merecem destaque a Exposição Municipal de São Paulo de 1902, a Exposição Estadual de Produtos de 1904 e outras exposições agroindustriais em 1906 e 1908. Ainda no Rio de Janeiro, a Exposição Nacional de 1908, em comemoração ao centenário da Abertura dos Portos às Nações Amigas, e a Feira Internacional de Amostras de 1963, em Recife, foram exemplos relevantes (Britto; Fontes, 2002).

Segundo Matias (2010), o país assumiu projeção internacional na organização de feiras em 1922, com a Exposição Internacional do Centenário da Independência, realizada no Palácio das Festas, no Rio de Janeiro. Paralelamente, o Brasil consolidou protagonismo em eventos esportivos, como a histórica Copa do Mundo de 1950 (Canton, 2002).

Outro marco foi a inauguração do Palácio das Convenções do Anhembi, em 1972, que impulsionou o setor de eventos. Nos anos seguintes, surgiram importantes entidades e empresas promotoras, como a Alcântara Machado Feiras e Promoções, a Associação Brasileira de Empresas de Eventos (ABEOC), a Associação Brasileira de Centros de Convenções, Exposições e Feiras (ABRACCEF) e, em 1983, o São Paulo *Convention and Visitors Bureau*, que permanece em atividade até os dias atuais (Arruda Pessoa, 2014).

Os megaeventos exerceram papel decisivo no desenvolvimento do turismo, da hospitalidade e da infraestrutura do setor. Festivais como a Oktoberfest de Blumenau, a Festa do Peão de Barretos e o Rock in Rio projetaram o Brasil como destino atrativo para eventos de diferentes portes e segmentos (Giacaglia, 2014).

Assim, Arruda Pessoa (2014) ressalta que, a partir dessa trajetória histórica, consolidou-se o caminho dos eventos no Brasil, que continuam sendo organizados nas diversas regiões do país, contribuindo para o desenvolvimento de capitais e de cidades interioranas.

Essa evolução evidencia que os eventos sempre estiveram presentes na sociedade brasileira, acompanhando o desenvolvimento cultural, social e econômico do país. Essa contextualização histórica demonstra que os eventos são parte integrante da vida humana e um instrumento de congregação, comércio, intercâmbio de conhecimentos, em constante evolução ao longo das civilizações. Os capítulos 2.5, 2.6 e 2.7 destacam os eventos como ferramentas de comunicação e sua importância para as IES, particularmente a UFSC. Por fim, o capítulo 2.8 destaca o papel da TD no âmbito das IES.

2.5 OS EVENTOS COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO

Na sociedade contemporânea, é incontestável a influência exercida pela comunicação em suas diversas vertentes, seja por meio dos veículos tradicionais de massa, seja pelas mídias sociais da era digital (Kunsch, 2020).

Nesse cenário, os eventos configuram-se como ferramenta comunicacional estratégica, tendo o público como sua razão fundamental de existência (Arruda Pessoa, 2015). Ao se apropriarem das práticas da comunicação institucional, os eventos tornam-se instrumentos potenciadores, permitindo a divulgação de acontecimentos específicos — com data, hora e local definidos — tanto para públicos

internos quanto externos.

Além do papel comunicacional, os eventos assumem caráter integrador, promovendo sociabilidade, elemento essencial na sociedade pós-moderna (Arruda Pessoa, 2015). Essa dimensão adquire maior relevância diante da necessidade das organizações em dialogar com públicos multidisciplinares. Meirelles (2003) observa que os eventos constituem um dos meios mais eficazes para atingir públicos estratégicos, cuja importância varia segundo o contexto específico.

De acordo com o *Manual de Eventos do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo* (HCFMUSP, 2018), o planejamento, a organização e a execução devem ser conduzidos por profissionais especializados, condição necessária para assegurar resultados exitosos à instituição.

Quanto às modalidades, Nakane (2012) registra mais de 60 tipos de eventos, embora muitas vezes suas diferenças residam apenas no escopo e na estrutura. Silva (2005) ressalta que cada modalidade apresenta formatos e características próprias, cabendo ao profissional responsável selecionar aquelas mais adequadas às necessidades da organização.

Diante da diversidade de formatos e de públicos, a incorporação da Transformação Digital (TD) à gestão e à divulgação de eventos institucionais tornou-se fundamental. Tecnologias como redes sociais, plataformas digitais, aplicativos e transmissões ao vivo ampliam o alcance e a interação. Entre os recursos potencializados pela TD, destaca-se a Inteligência Artificial (IA), caracterizada por Brostrom (2014) como a capacidade de realizar tarefas que, executadas por humanos, seriam consideradas inteligentes. A definição ressalta o avanço de algoritmos e metodologias, sustentados por compreensão progressiva dos processos cognitivos.

Albertin (2008) indica que a IA pode complementar áreas cruciais, como marketing, cadeia de suprimentos, gestão de pessoas e tomada de decisão. Sua aplicação não se limita à eficiência operacional, estendendo-se à análise de dados, o que viabiliza previsões e contribui para decisões mais assertivas, conforme enfatiza Nadella (2023). Kunsch, Lima e Sampaio (2022) afirmam que a IA já representa uma realidade na gestão de eventos: *chatbots* oferecem atendimento 24 horas, liberando equipes para atividades estratégicas, enquanto análises de grandes volumes de dados permitem personalizar experiências, recomendar palestras e identificar padrões de comportamento relevantes para futuras edições. Para os autores, a adoção estratégica dessas tecnologias deixou de ser diferencial, tornando-se requisito para

organizações que buscam realizar eventos de impacto, alinhados às expectativas de um público cada vez mais conectado e exigente.

Além da IA, Dias, Sano e Medeiros (2019) chamam atenção para o uso da Realidade Virtual (RV) e da Realidade Aumentada (RA), que possibilitam experiências imersivas e memoráveis. A gamificação, mediante o uso de mecânicas de jogos em contextos não lúdicos, também tem se mostrado uma estratégia eficaz para ampliar a interação e o aprendizado em eventos educacionais e corporativos.

Ferramentas como enquetes interativas e sessões de perguntas e respostas digitais dinamizam apresentações, gerando engajamento e permitindo coleta de feedback em tempo real. Já a transmissão online de palestras e painéis democratiza o acesso ao conteúdo, superando barreiras geográficas e dando origem aos eventos híbridos, que conciliam participação presencial e remota.

Embora essas ferramentas ampliem as possibilidades comunicacionais, Campos, Wyse e Araújo (2005) ressaltam que é imprescindível integrá-las a uma estratégia consistente, coerente com os objetivos institucionais.

Assim, ao se considerar os eventos como ferramenta de comunicação, evidencia-se sua capacidade de articular práticas da comunicação institucional com as potencialidades da TD e das tecnologias emergentes, como IA, RV e RA. Essa conjugação amplia a eficácia da gestão e da divulgação, fortalece a imagem organizacional e aprofunda as experiências de diferentes públicos. Quando planejada e executada profissionalmente, essa integração consolida os eventos como um marco na evolução das práticas comunicacionais contemporâneas.

2.6 A IMPORTÂNCIA DOS EVENTOS PARA AS UNIVERSIDADES PÚBLICAS

A evolução dos estudos de comunicação reflete um reconhecimento crescente de seu papel na mediação de relacionamentos, particularmente com entidades externas, como organizações. Isso sugere que a importância da comunicação se tornou mais pronunciada à medida que as sociedades e organizações se desenvolveram (Kunsch, 2020).

O surgimento da comunicação pública como campo de estudo enfatiza ainda mais o crescente reconhecimento do papel da comunicação na sociedade, particularmente na promoção do diálogo entre diferentes partes interessadas (Matos, 2013). No Brasil, essa modalidade de comunicação passou a ser implementada

somente a partir da década de 1980, buscando aumentar a eficácia na administração pública. Já a comunicação pública, em sua forma mais ampla, veio para tratar de temas que dizem respeito ao interesse coletivo, com centralidade no cidadão (Duarte, 2012).

Nas universidades, a comunicação pública é representada, principalmente, através dos eventos. Eles possuem a capacidade de integrar e socializar por meio das mais de 60 modalidades existentes, conforme destacam Arruda Pessoa (2015), Giacaglia (2012), Zitta (2011) e Meirelles (2003).

A universidade, desde seus primórdios, exerceu a missão de ser um farol intelectual, criando condições para o aprimoramento das instituições em todos os domínios da vida social (Crippa, 1980). Essa missão intelectual, voltada à ciência e ao saber, se manifesta em uma instituição formal e complexa que exige ajuste contínuo ao seu ambiente (Arruda Pessoa, 2014). De fato, as universidades são hoje fatores fundamentais para a consecução de prioridades nacionais e internacionais, enfrentando o desafio de converter a criatividade em benefícios para a sociedade (Hadi *et al.*, 2012). Complementarmente, Göransson *et al.* (2009) destacam o papel progressivamente mais importante dessas instituições na expansão econômica e no desenvolvimento social, enquanto Trierweiller *et al.* (2019) apontam para os desafios contemporâneos de aproximação com a sociedade por meio da pesquisa, extensão e inovação.

Nesse contexto, o evento institucional favorece a apresentação e exibição pública do conhecimento científico, tecnológico, cultural, artístico e esportivo desenvolvido e reconhecido pela universidade (Buthod *et al.,* 2014). Os eventos, como forma de disseminação do conhecimento por meio de conferências acadêmicas, seminários e workshops, contribuem para a colaboração em pesquisa e o crescimento intelectual na comunidade acadêmica (Arruda Pessoa, 2015). Para a autora, “[...] os eventos podem alcançar os públicos de interesse da organização de várias formas, seja geográfica, demográfica, psicológica ou comportamentalmente” (Arruda Pessoa, 2015, p. 112).

Melo Neto (2001) acrescenta que os eventos favorecem o aumento da conscientização e envolvimento do público com os objetivos ou serviços da organização, além de fortalecerem as relações de parceria. Sob a mesma perspectiva, Arruda Pessoa (2015) complementa que os eventos devem caminhar junto aos planos

e metas organizacionais, sendo compreendidos como um meio para alcançar resultados estratégicos.

Convém destacar que, em uma universidade, os eventos podem ser caracterizados em três categorias principais: institucionais, acadêmicos e técnico-científicos. Cada uma dessas categorias abrange diferentes tipos de eventos, e alguns podem se enquadrar em mais de uma categoria, dependendo de sua natureza e objetivos.

Além da modernização da gestão, as tecnologias digitais amplificam o impacto estratégico dos eventos promovidos pelas IES. Estes eventos são vitrines essenciais para a disseminação do conhecimento e o estímulo à pesquisa, funcionando como plataformas para apresentar a produção científica e intelectual da instituição à sociedade (Vieira, 2022).

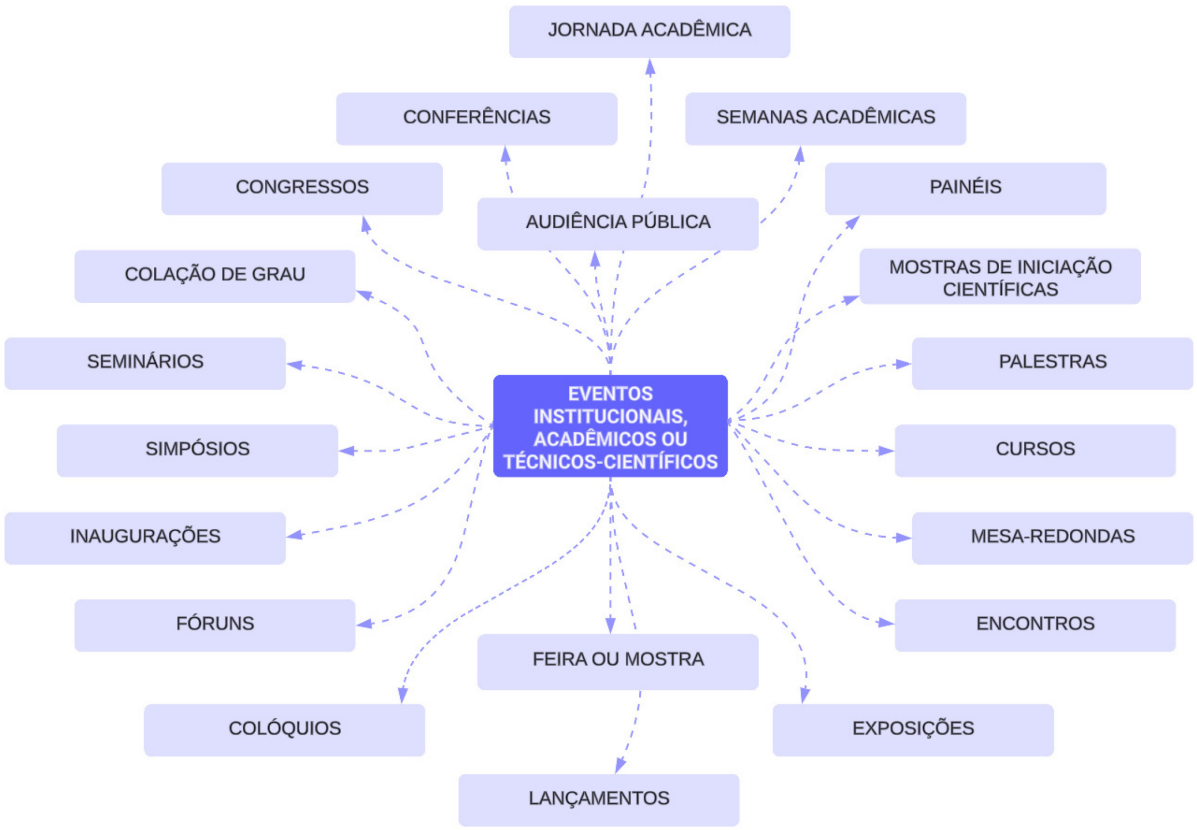
De forma geral, os tipos de eventos podem ser organizados para acontecer presencialmente, de forma híbrida ou virtual. Como exemplo de normatização e tipificação em instituições da Rede Federal, o Manual Operacional para Eventos promovidos pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) define modalidades específicas para eventos virtuais:

i) **Live** - tipo de evento virtual realizado por meio de uma transmissão de vídeo ao vivo, que geralmente acontece em canais de mídia social, como o YouTube, Instagram e Tik Tok. Este tipo de evento proporciona a possibilidade de interação dos participantes com o evento e entre si, pela sua característica e formato de bate-papo ou entrevista.

ii) **Webinar** - tem características semelhantes às de um seminário, porém acontece de forma online. Assim como em um seminário, o objetivo é a troca de conhecimentos entre palestrante e público, sendo relevante que o público consiga interagir com quem está fazendo a apresentação. Geralmente, tem duração de 30 a 60 minutos e conta com um ou dois palestrantes.

Além das modalidades destacadas, muitas outras também são encontradas nas universidades, conforme apresentado na Figura 1 do trabalho. A classificação ocorreu de acordo com Arruda Pessoa (2015), Giacaglia (2012), Zitta (2011) e Meirelles (2003).

Figura 1 - Tipos de eventos realizados nas IES



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos autores supramencionados (2025)

Campos, Wyse e Araújo (2005) afirmam que, independentemente do tipo, o público é sempre peça fundamental no desenvolvimento de um evento. Esses eventos, quando organizados nas IES públicas, servem como plataformas de interação com a comunidade e de atração de futuros alunos, apresentando o ambiente do campus, a vida acadêmica e as atividades extracurriculares (Arruda Pessoa, 2015; Hadi *et al.*, 2012).

Como ilustração, a Figura 2 destaca o evento produzido na disciplina "Desafios de Inovação em Gestão Universitária", do Programa de Pós-graduação em Administração Universitária (PPGAU) da UFSC, realizado em junho de 2024. Este evento foi divulgado para comunidade acadêmica pelo Instagram[2], e assim como tantos outros produzidos nas IES públicas, exemplifica a criação de um ambiente democrático que estimula o pensamento crítico e a troca de ideias, permitindo que professores e alunos tragam suas vivências acadêmicas e profissionais para as discussões com a sociedade.

[2] Disponível em: instagram.com/desafios_ppgau. Acesso em 25 set. 2025.

Figura 2 - Exemplo de evento acadêmico organizado na UFSC

Fonte: @desafios_ppgau (2024)[3]

Zanella (2013) destaca que instituições de ensino superior têm promovido frequentemente eventos como importante ferramenta de relacionamento, divulgação científica e intercâmbio de conhecimento. Para o autor, esses eventos oferecem oportunidades para o engajamento de ex-alunos, networking e arrecadação de recursos, fortalecendo o vínculo entre a universidade e seus graduados.

Entretanto, para alcançar os objetivos desejados com esses eventos, é essencial haver uma comunicação integrada e efetiva com os diversos públicos da instituição (Allen *et al.*, 2011). Os autores supracitados identificaram que as estratégias de comunicação das IES, principalmente as públicas, ocorrem de forma fragmentada entre os setores, ou seja, cada unidade utiliza os canais que conhece e tem à disposição, sem uma coordenação que alinhe as ações para a potencialização dos resultados e o retorno dos feedbacks.

Dessa forma, embora os eventos sejam vitrines essenciais para apresentar a produção científica e intelectual à sociedade, atuando como plataformas de interação comunitária e atração de talentos, seu pleno potencial é frequentemente limitado por essa comunicação desarticulada. Conclui-se, portanto, que ao mesmo tempo em que promovem uma cultura de troca de conhecimento e colaboração, as universidades públicas enfrentam o desafio estrutural de integrar suas estratégias comunicacionais para que tais eventos cumpram integralmente seu papel na promoção da excelência acadêmica e do progresso intelectual (Allen *et al.*, 2011).

[3] Disponível em: https://www.instagram.com/p/C7pzTdENPog/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: out. 2004.

2.7 UM BREVE RESGATE HISTÓRICO DOS EVENTOS NA UFSC

A UFSC, desde seu início na década de 1960, demonstrou uma preocupação com a promoção cultural, artística e científica, importância refletida inclusive na criação de seu brasão com a insígnia *Artes e Ciências*. De fato, desde sua criação, a universidade funcionou como uma instituição para a qual convergiu grande parte da produção e da promoção artística catarinense, reunindo em torno de si artistas, pensadores e produtores que formaram os principais movimentos culturais no estado[4].

Nas décadas de 1970 e 1980, o movimento estudantil na UFSC estava intrinsecamente ligado ao movimento cultural. Grandes eventos eram organizados, não apenas palestras e debates, mas também saraus, festas e shows. Acontecimentos como estes aproximavam os estudantes das atividades políticas, já que muitos dos movimentos eram articulados durante esses episódios. Apesar das restrições impostas, as festas eram bastante frequentadas, destacando-se, entre as bandas de maior sucesso entre os estudantes, o grupo Engenho[5] (Neckel; Küchler, 2010).

Em 1984, ocorreu uma mudança na estrutura da Pró-reitoria de Pesquisa e Extensão com a extinção do Departamento de Assuntos Culturais e do Núcleo de Atividades Artísticas, dando lugar ao Departamento de Apoio à Extensão, que ficou subordinado à recém-criada Divisão de Atividades Artísticas e Culturais. Essa reestruturação culminou, em 1988, em outra significativa mudança organizacional, impulsionada pelo crescente interesse pelas atividades artísticas no campus e fora dele: a criação da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão e a transformação da Divisão no atual Departamento Artístico e Cultural (DAC) - (Neckel; Küchler, 2010).

Durante as décadas subsequentes à sua fundação, os Departamentos da UFSC realizaram centenas de eventos acadêmicos e científicos. Entretanto, a gestão sistemática dessas atividades alcançou maior visibilidade em novembro de 2000, quando, no contexto das comemorações do quadragésimo aniversário da instituição, foi criada a primeira Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPEX). Este evento constituiu-se como um marco institucional, proporcionando um espaço para a

[4] UFSC. Departamento Artístico e Cultural, Florianópolis – SC. Disponível em: https://dac.ufsc.br/historico-do-dac/ . Acesso em: 28 nov. 2024.

[5] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_Engenho. Acesso em: 11 dez. 2024.

demonstração das potencialidades e realizações da universidade, além de promover reflexões sobre seu papel e impacto social (UFSC, 2024).

Pela primeira vez, a UFSC reuniu em um único evento trabalhos em seus três campos de atuação (ensino, pesquisa e extensão), congregando eventos já consagrados, como a 8ª Semana da Pesquisa, o 2º Salão de Cultura e Extensão, o 11° Programa de Formação Pedagógica dos Docentes e o 2º Seminário de Monitoria. A 1ª SEPEX teve grande repercussão, com a apresentação de 735 trabalhos em painéis, 80 em estandes e a oferta de 58 minicursos para as comunidades interna e externa, além de atividades culturais contínuas. O público visitante durante a feira foi de aproximadamente 15.000 pessoas, consolidando a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC como um dos maiores eventos de divulgação científica de Santa Catarina (UFSC, 2024).

Figura 3 - Estrutura montada para 1ª SEPEX da UFSC

Fonte: Agecom (2000)

A Figura 3 ilustra a estrutura de tendas da 1ª SEPEX, montada desde sua origem em frente à Reitoria, no campus da Trindade, em Florianópolis, e composta por projetos nas áreas de comunicação, cultura, educação, tecnologia, meio ambiente, trabalho, direitos humanos e saúde.

Outros eventos de grande relevância consolidaram-se nos anos seguintes, como o Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da UFSC e o Seminário de Extensão Universitária da Região Sul. A universidade também sediou encontros de alcance nacional, como a 32ª edição do ForGRAD Nacional e o Floripa Jazz Festival.

No campo cultural, destacam-se eventos anuais como a Semana da Dança, o Festival Internacional de Teatro de Animação (FITA), o Experimenta Diversidade, o Festival de Música e o Festival Universitário de Cinema e Audiovisual, conforme documentado nos Relatórios de Gestão da UFSC para o período de 2017 a 2023.

Em 2020, a instituição precisou adaptar suas estratégias às plataformas virtuais devido à pandemia da COVID-19, organizando seminários on-line, workshops e apresentações culturais para garantir o envolvimento contínuo com estudantes e o público (UFSC, 2020). Já durante o ano de 2021, a Universidade concentrou-se em eventos de gestão de riscos, conduzindo sessões de treinamento e programas de conscientização para aumentar a resiliência e a preparação institucional (UFSC, 2021).

Observa-se que, nos últimos anos, a UFSC intensificou seus esforços na promoção da acessibilidade e inclusão por meio de eventos como workshops e campanhas de conscientização, enfatizando a importância de criar um ambiente favorável para pessoas com deficiência e para a diversidade de gênero (UFSC, 2022). Além disso, a universidade continua a sediar uma grande variedade de eventos acadêmicos, institucionais e técnico-científicos com foco em tópicos como sustentabilidade, inovação e tecnologia, reforçando seu papel na promoção do discurso acadêmico, da pesquisa e da extensão (UFSC, 2021).

Este resgate histórico evidencia, portanto, um duplo aspecto: por um lado, o compromisso contínuo e a capacidade de adaptação da UFSC na realização de eventos diversificados, desde marcos como a SEPEX até a transição para o ambiente virtual. Por outro, essa trajetória também expõe, de forma implícita, os desafios de gestão e comunicação inerentes a uma produção tão vasta e descentralizada, reforçando a necessidade de estruturas mais integradas que serão discutidas adiante.

2.8 A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NO ÂMBITO DAS UNIVERSIDADES

Na literatura concernente ao trabalho e à sociedade no âmbito da transformação digital, acadêmicos como Bartsch *et al*. (2020) e Bartram (2007) reconhecem a importância primordial de métricas específicas da transformação digital. O termo “transformação digital” (TD) foi cunhado por Patel e McCarthy (2000), originalmente associado ao processo de digitalização. Contudo, sua compreensão

evoluiu para abranger as mudanças que a tecnologia digital causa ou influencia em todos os aspectos da vida humana (Stolterman; Fors, 2004).

Segundo Vial (2019), a TD é um processo que visa melhorar uma organização por meio de combinações de tecnologias de informação, computação, comunicação e conectividade. De forma complementar, Morakanyane, Grace e O'Reilly (2017) a descrevem como um processo evolutivo que aproveita recursos digitais para viabilizar novos modelos de negócios, processos operacionais e experiências do consumidor que geram valor.

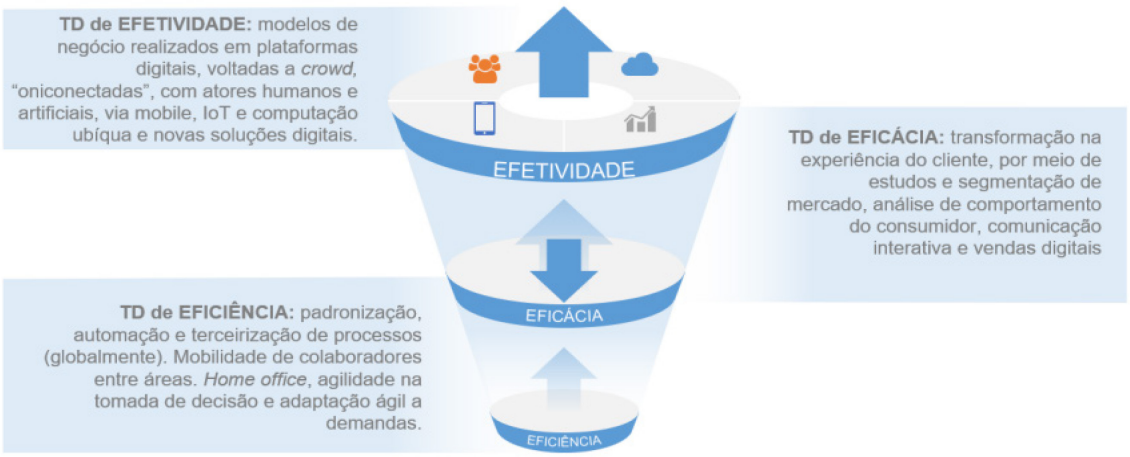
Portanto, o processo de TD engloba a adoção de ferramentas digitais e a avaliação da eficácia gerencial, comercial, humana e operacional (Caraffini *et al.*, 2018). Para ser bem-sucedida, a TD exige uma estratégia transformadora que considere não apenas o "o quê", mas também o "como", permitindo que a organização aproveite seus recursos estratégicos (Westerman *et al.*, 2011). Matt *et al.* (2015) conduziram um estudo com empresas de vários setores e constataram que essas têm se engajado ativamente em iniciativas para alavancar novas tecnologias digitais, promovendo transformações significativas em suas operações, produtos e estruturas.

Para Schwertner (2017), independentemente do setor, a TD implica em mudanças estruturais na estratégia, liderança e cultura organizacional, oferecendo desafios e oportunidades em todos os níveis da organização. Esses impactos podem ser agrupados em três níveis - Eficiência, Eficácia e Efetividade - conforme ilustrado na Figura 4, que, no contexto universitário, representam diferentes ênfases na estratégia de transformação (Pacheco; dos Santos; Wahrhaftig, 2020).

Enquanto o processo de TD de uma empresa envolve a exploração de diferentes formas de transformação comercial, nas universidades a TD exige uma revisão significativa dos produtos e serviços, aproveitando novas tecnologias para melhorar os resultados e as interações com os usuários (Kortaba, 2018, *apud* Llorente, 2016).

Contudo, o ritmo da transformação no ensino superior é frequentemente mais lento que em outros setores da sociedade (Rodriguez-Abitia; Bribiesca-Correa, 2021). Os autores apontam entraves como inércia, cultura organizacional rígida e falta de capacitação como possíveis causas dessa lentidão. Superar esses obstáculos demanda uma força de trabalho competente e uma cultura organizacional aberta à mudança, com objetivos de TD que sejam precisos, realistas e mensuráveis (Wade *et al.*, 2020).

Figura 4 - Dimensões organizacionais de transformação digital



Fonte: Pacheco, dos Santos e Wahrhaftig (2020) a partir de Schwertner (2017)

No setor público, a TD implica na redefinição de estruturas e serviços na relação com a sociedade, sob uma nova perspectiva de criação de valor. Especificamente nas IES públicas, a transformação é vista como um meio de promover maior integração com a comunidade através da digitalização de processos e da oferta de serviços inovadores (Pacheco *et al.*, 2020).

As universidades têm sido desafiadas a repensar suas estruturas e práticas, respondendo a uma demanda por ciclos mais curtos de inovação e por maior coprodução com outros atores socioeconômicos. Para tal, as IES devem desenvolver novas capacitações, revisar suas estratégias e fortalecer a governança para garantir o uso adequado dos recursos e promover a colaboração entre seus setores (Reis *et al.,* 2018; Carcary; Doherty; Conway, 2016; Barbosa, 2018; Da Silva; Souza, 2022).

Contudo, a implementação de mudanças em instituições complexas como as universidades frequentemente enfrenta resistências, exigindo uma abordagem estratégica para a mitigação de obstáculos (Bejinaru, 2017). Diante desse cenário, a TD deve ser uma prioridade estratégica, ajudando as instituições a identificar oportunidades e a detectar riscos (Pacheco *et al*., 2020; Almara *et al.*, 2016).

Os principais impulsionadores para a TD nas IES, conforme Digarc (2018) e ilustrado na Figura 5, são: i) maior competitividade; ii) controle de custos; iii) melhor experiência do usuário; e iv) maior agilidade. A adoção dessas estratégias tende a produzir resultados rápidos, especialmente no engajamento de novos estudantes, cujo primeiro contato com a instituição ocorre, prioritariamente, por meio de plataformas online, e potencializa a experiência inicial favorecendo uma percepção positiva e

imediata dos efeitos das transformações implementadas (Bejinaru, 2017). Dessa forma, a instituição pode observar rapidamente impactos significativos resultantes dessas estratégias, especialmente na receptividade e no engajamento dos ingressantes.

Figura 5 - Fatores impulsionadores da transformação digital nas IES

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Digarc (2018)

É essencial, portanto, distinguir entre digitalização - a conversão de processos analógicos para o formato digital - e a transformação digital, que compreende mudanças estruturais e sistêmicas mais profundas (Bejinaru, 2017). A tecnologia é um facilitador, mas o sucesso da TD depende da capacidade organizacional de superar desafios como a necessidade de aprimorar habilidades, garantir a segurança de dados e adaptar-se a cenários em rápida evolução (Inoue, 2019).

A autora acrescenta que as organizações capazes de superar tais desafios de forma eficaz têm a oportunidade de explorar plenamente os recursos oferecidos pelas tecnologias digitais, promovendo, assim, o desenvolvimento organizacional, o estímulo à criatividade e o aprimoramento de suas estratégias de negócios.

Na economia do conhecimento, a digitalização conecta capital intelectual, serviços e estados, criando redes complexas. Por isso, o processo educacional do futuro deve ir além da mera transmissão de conhecimento, concentrando-se em promover o pensamento crítico, a criatividade e a inovação (Lupan; Bejinaru, 2019).

Por fim, a TD no âmbito das universidades amarra a necessidade de uma solução integrada ao contexto da era digital. Ela é um processo inevitável e disruptivo que redefine estruturas e processos, sendo crucial para as universidades que buscam eficiência, redução de custos, melhoria da experiência do usuário e maior agilidade. Neste ambiente, a adoção de plataformas digitais para a gestão de eventos surge como a resposta para superar a comunicação fragmentada e as abordagens convencionais, alavancando os benefícios da tecnologia para centralizar, automatizar e otimizar a organização e divulgação dos eventos universitários, alinhando-os às prioridades estratégicas das IES.

Este capítulo demonstrou que a comunicação é um pilar estratégico para as IES públicas e que os eventos são suas ferramentas mais importantes para o engajamento social e a disseminação do conhecimento. Contudo, evidenciou-se que a gestão tradicional e fragmentada dessas atividades não responde mais às demandas contemporâneas.

A Transformação Digital surge, assim, não apenas como uma tendência tecnológica, mas como a resposta estrutural necessária para modernizar a gestão universitária. É nesse ponto de convergência - entre a necessidade comunicacional e a inevitabilidade digital - que a proposição de uma plataforma integrada de eventos se revela como o artefato prático e aplicável para superar os desafios identificados, fornecendo a base teórica robusta que direciona e valida a metodologia *Design Science Research* (DSR) adotada neste trabalho.

3 METODOLOGIA

3.1 CLASSIFICAÇÃO

Quanto aos fins, esta pesquisa caracteriza-se como aplicada. No que tange aos meios e à abordagem, o estudo é classificado como bibliográfico, documental e qualitativo. A pesquisa bibliográfica foi elaborada a partir de materiais publicados em bases de dados como o Portal de Periódicos da CAPES, *Web of Science*, Google Acadêmico, *Scielo*, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e a plataforma

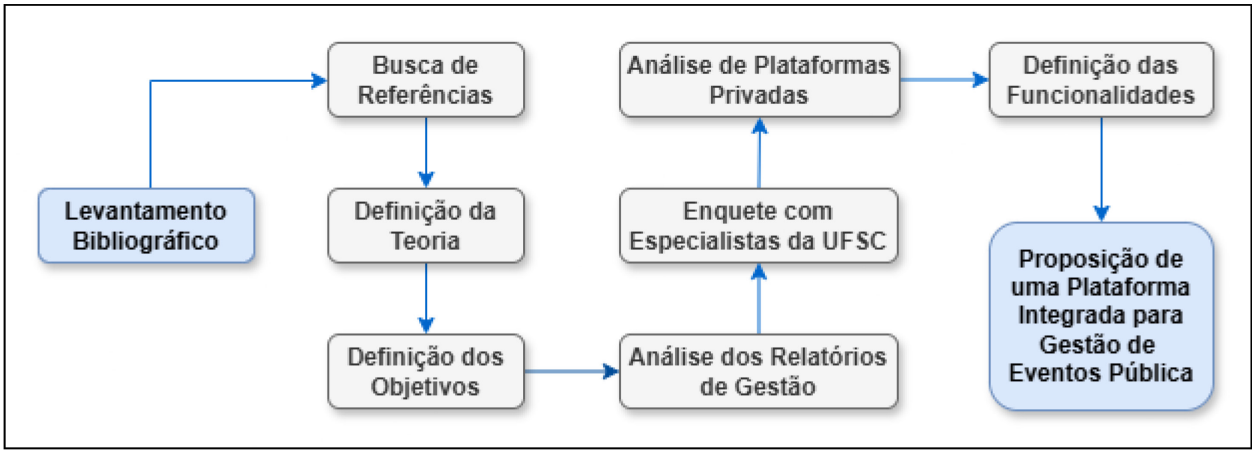
Scispace[6], utilizando como critério de seleção a aderência ao tema. A abordagem qualitativa e documental se justifica pela preocupação em analisar e interpretar aspectos aprofundados do tema, como a importância dos eventos institucionais e os modelos de plataformas digitais, sem o emprego de métodos estatísticos (Sampieri; Collado; Lucio, 2013).

Adicionalmente, a pesquisa incluiu um levantamento de dados por meio de uma enquete realizada com os principais gestores de eventos da UFSC. Os participantes foram selecionados com base na análise dos relatórios de gestão da instituição, compreendendo o período de 2017 a 2023.

3.2 FLUXO DE ETAPAS DA PESQUISA

O fluxo de trabalho da pesquisa foi conduzido conforme ilustrado na Figura 6. A metodologia empregada baseou-se em uma adaptação da abordagem *Design Science* (DS), ou do método *Design Science Research* (DSR), conforme o modelo proposto por Dresch *et al.* (2015). O alinhamento do processo com a metodologia DSR está detalhado a seguir. Em complemento, o Quadro 2 apresenta, de forma descritiva, o diagrama metodológico da pesquisa, abrangendo desde o levantamento bibliográfico inicial até a proposição final da solução.

Figura 6 - Diagrama metodológico da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

[6] Plataforma Scispace.com. Disponível em: https://typeset.io/. Acesso em out. 2024.

Quadro 2 - Diagrama metodológico da pesquisa

Etapa	Descrição
Levantamento Bibliográfico	Ponto inicial do processo, que consiste em identificar e reunir informações relevantes.
Busca de Referências	Pesquisa por referências teóricas e práticas para embasar o estudo.
Definição da Teoria	Seleção e estruturação do arcabouço teórico com base nas referências levantadas.
Definição dos Objetivos	Estabelecimento dos objetivos do estudo ou projeto.
Análise dos Relatórios de Gestão	Exame de dados e relatórios relacionados à gestão de eventos da UFSC para compreender o cenário atual.
Enquete com Especialistas da UFSC	Consulta a especialistas da UFSC para obter percepções e validar informações.
Análise de Plataformas Privadas	Avaliação de soluções privadas existentes para identificar boas práticas e melhorias.
Definição das Funcionalidades	Identificação e especificação das funcionalidades necessárias para a solução proposta.
Proposição de uma Plataforma Integrada para Gestão de Eventos Pública	Como resultado, foi proposta uma solução integrada para gestão eficiente de eventos públicos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

3.3 DESCRIÇÃO DA COLETA DE DADOS

O processo de coleta de dados foi estruturado em etapas metodológicas. Inicialmente, procedeu-se à análise documental dos Relatórios de Gestão da UFSC, compreendendo o período de 2017 a 2023, documentos estes elaborados pelo DPGI/SEPLAN. A partir da análise desses relatórios, foi possível identificar a diversidade e a abrangência dos eventos promovidos pela instituição, compreender seus os mecanismos de promoção e fomento de eventos. A Figura 7 traz a página que contém os relatórios.

Figura 7 - Página dos Relatórios de Gestão da UFSC de 2017 a 2023

ARQUIVO	ANO	LINK
Relatório de Gestão	2023	
Relatório de Gestão	2022	
Relatório de Gestão	2021	
Relatório de Gestão	2020	
Relatório de Gestão	2019	
Relatório de Gestão	2018	
Relatório de Gestão	2017	
DEPARTAMENTO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO		

Fonte: Página do DPGI/SEPLAN[7] (2024)

A análise documental dos Relatórios de Gestão da UFSC, compreendendo o período de 2017 a 2023, serviu como ponto de partida para a coleta de dados. A partir desses documentos, foi possível identificar os principais agentes institucionais envolvidos na organização de eventos, conforme sistematizado no Quadro 3.

Quadro 3 - Principais gestores de eventos na UFSC

	Gestor de evento
1	Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD)
2	Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ)
3	Pró-Reitoria de Extensão (PROEX)
4	Pró-Reitora de Permanência e Assuntos Estudantis (PRAE)
5	Secretaria de Cultura, Arte e Esporte (SeCArtE)
6	Secretaria de Inovação (SINOVA)
7	Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades (SAAD)
8	Hospital Universitário (HU)
9	Editora da UFSC (EdUFSC)
10	TV UFSC e AGECOM

Fonte: Elaborado a partir dos Relatórios de Gestão da UFSC de 2017 a 2023 (2024)

[7] Disponível em: https://dpgi-seplan.ufsc.br/relatorio-de-gestao. Acesso em: set. 2024.

Contudo, a análise revelou que, embora os relatórios mencionem a importância dos eventos para a instituição, eles apresentam lacunas significativas. Faltam dados quantitativos sobre o impacto e o número de participantes na maioria das atividades, bem como relatórios de avaliação da satisfação do público, do alcance dos objetivos propostos e do impacto efetivo na comunidade universitária e na reputação institucional.

Apesar dessas limitações e da ausência de uma plataforma centralizada para gestão de seus eventos, a UFSC emprega um conjunto de indicadores para a gestão estratégica de seus eventos, buscando alinhar as atividades à sua missão e aos objetivos do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). Tais indicadores, ainda que dispersos, corroboram com as atividades promovidas e contribuem para os objetivos estratégicos da universidade, como a disseminação do conhecimento e o engajamento da comunidade. A seguir, são apresentados os principais indicadores de impacto identificados nos relatórios no período analisado. O primeiro indicador destacado é - Engajamento e alcance do público em eventos - conforme destaque no Quadro 4.

Quadro 4 - Engajamento e alcance do público em eventos

(continua)

Indicador	Alcance do público
Número de Participantes	Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica (SIC): A 31ª edição, em 2021, teve 950 estudantes inscritos. O Encontro Regional dos Grupos PET da Região Sul (SulPET): Em 2020, o XXIII SulPET, realizado virtualmente, registrou 832 inscritos. A Feira de Cursos da UFSC: A 1ª edição, em 2023, atraiu um público estimado de 8.500 pessoas, com a participação de 147 escolas e 345 estudantes individuais. Projetos *Mentoring* e *Warmup* (SINOVA): Em 2021, tiveram 136 participantes de todos os campi em 45 ideias inscritas, com 14 equipes finalistas. "Papo Verde" e "Oficinas para uma Vida Melhor/Consciente" (CGA): Em 2022, foram realizadas 52 atividades, com 34 ministrantes voluntários e 663 participantes.

(continua)

Indicador	Alcance do público
Número de Visualizações Online	Live SAAD sobre Ações Afirmativas: Em 2021, uma live registrou 112 visualizações. Palestras da Escola de Gestores (SAAD): Uma palestra em 2021 teve 166 visualizações. A SINOVA com a - Roda de Conexão Interna e Externa em 2022, alcançou 227 visualizações pelo YouTube. Academy UFSC (SINOVA): Em 2023, esta ação teve mais de 14 mil visualizações no YouTube

Fonte: Elaborado a partir dos Relatórios de Gestão da UFSC de 2017 a 2023 (2024)

Este quadro evidencia a diversidade e a variação na escala do alcance público dos eventos promovidos pela UFSC. Dois pontos se destacam como particularmente relevantes: i) O Alto Impacto dos Eventos Presenciais de Grande Porte: A Feira de Cursos da UFSC, em sua primeira edição em 2023, demonstra uma expressiva capacidade de mobilização, tendo atraído um público estimado de 8.500 pessoas. Este número ressalta a importância e o poder de atração de eventos presenciais que visam à interação direta com a comunidade externa, especialmente estudantes do ensino médio; e ii) O Potencial de Escalabilidade do Ambiente Digital: A iniciativa Academy UFSC, promovida pela SINOVA, alcançou mais de 14 mil visualizações no YouTube em 2023. Este dado contrasta com outras ações online listadas, que tiveram um alcance mais modesto, e exemplifica como o conteúdo digital, quando bem estruturado, pode transcender as barreiras físicas e atingir um público massivo, ampliando significativamente a disseminação do conhecimento produzido pela universidade.

O Quadro 5 traz os indicadores que mostram o impacto na produção e disseminação do conhecimento e cultura da UFSC.

Quadro 5 - Impacto na produção e disseminação de conhecimento e cultura

(continua)

Indicador	Impacto na produção e disseminação de conhecimento e cultura
Quantidade de Eventos Realizados / Apoiados / Organizados	Editora da UFSC (EdUFSC): Realizou 72 eventos em 2022. Enquanto em 2023, participou de 38 eventos, resultando na circulação de 5.084 livros. A SeCArtE lançou editais em 2022 "Espaço Vivo" para selecionar propostas de uso de espaços da Reitoria e do Auditório Garapuvu para eventos acadêmicos, científicos, culturais, educacionais e artísticos. A SAAD em 2021, registrou 13 cursos, eventos, lives, palestras e rodas de conversa. A 17ª edição da SEPEX em 2018 teve 115 estandes, 391 trabalhos apresentados e mais de 180 minicursos. Já a 19ª edição em 2022 contou com 55 experiências (estandes) e mais de 130 minicursos gratuitos. A PROPESQ em 2023, realizou 8 chamadas, 1 rodada de conexão, 37 pitches apresentados em eventos e apoiou/organizou 11 eventos de conexão externa. A PRODEGESP em 2017, ofertou 2.807 vagas em 43 cursos (presencial, semipresencial, a distância).
Apoio Financeiro à Participação em Eventos Científicos	Em 2023 foram investidos R$ 857.940,00 (para diárias, passagens e taxas de inscrição de docentes e discentes). Em 2022 o repassem somaram R$ 710.682,81 (sendo R$ 280.194,07 para diárias e passagens de docentes e R$ 430.488,74 para bolsa-auxílio de discentes). No ano 2021 os repasses foram de R$ 71.655,64 (R$ 47.957,99 para diárias de docentes, R$ 1.977,00 para taxas de inscrição de docentes e R$ 21.720,65 para bolsa-auxílio de discentes). Já no ano de 2020, ano em que foi decretada a Pandemia COVID-19, os valores somaram R$ 135.943,97 (R$ 27.311,15 para

(continua)

Indicador	Impacto na produção e disseminação de conhecimento e cultura
	diárias de docentes, R$ 8.753,00 para taxas de inscrição de docentes e R$ 99.879,82 para bolsa-auxílio de discentes). No ano de 2019 o relatório traz a soma de R$ 430.447,61 (R$ 100.471,24 para diárias de docentes, R$ 325.976,37 para bolsa-auxílio de discentes, e R$ 44.515,49 em taxas de inscrição para docentes). O valor investido em 2018 somou R$ 610.627,17 (R$ 81.778,76 para diárias de docentes, R$ 165.971,19 para taxas de inscrição e R$ 362.877,22 para bolsa-auxílio de discentes). Em 2017 o investimento foi de R$ 314.879,59 na remuneração de instrutores, tutores e conteudistas para capacitação.

Fonte: Elaborado a partir dos Relatórios de Gestão da UFSC de 2017 a 2023 (2024)

Com base no quadro apresentado, que detalha o impacto dos eventos na produção e disseminação de conhecimento, dois indicadores principais merecem destaque: i) A Magnitude e Complexidade da SEPEX como espelho de conhecimento. Ela se destaca como um indicador robusto da capacidade da universidade de organizar eventos de grande escala. Os dados da 17ª edição em 2018, com 115 estandes, 391 trabalhos apresentados e mais de 180 minicursos, ilustram a complexidade e a riqueza de um único evento, que funciona como uma vitrine abrangente da produção acadêmica, científica e cultural da instituição para a sociedade; e ii) O Expressivo Investimento Financeiro na Participação Científica: O indicador de "Apoio Financeiro" revela um compromisso institucional significativo com a disseminação externa do conhecimento. O investimento de R$ 857.940,00 em 2023 para custear a participação de docentes e discentes em eventos científicos (diárias, passagens e inscrições) é um dado particularmente relevante. Ele quantifica o esforço da universidade para garantir que seus pesquisadores estejam presentes nos principais fóruns de debate de suas áreas, promovendo o intercâmbio de conhecimento e a visibilidade da produção científica da UFSC em âmbito nacional e internacional.

Na sequência, o Quadro 6 traz os indicadores que mostram o impacto da internacionalização na UFSC.

Quadro 6 - Internacionalização via eventos e suporte

Indicador	Internacionalização via eventos e suporte
Eventos Internacionais Organizados / Apoiados	Em 2023, organizou uma força-tarefa da Embaixada da República da Angola no Brasil na UFSC e viabilizou a candidatura de 62 estudantes nigerianos para programas de pós-graduação da UFSC. Secretaria de Relações Internacionais (SINTER) organizou e promoveu o *Study in Europe Roadshow* em 2022. Em 2018, realizou o 1º Colóquio de Internacionalização da UFSC e promoveu uma mesa-redonda no III *Workweek*.

Fonte: Elaborado a partir dos Relatórios de Gestão da UFSC de 2017 a 2023 (2024)

Este indicador revela uma estratégia de internacionalização multifacetada e proativa por parte da UFSC, que utiliza os eventos não apenas para o intercâmbio de ideias, mas também como ferramentas para a construção de parcerias diplomáticas e a atração de talentos. Essa ação posiciona a UFSC como um interlocutor relevante no cenário internacional, capaz de mediar cooperações que transcendem o âmbito estritamente acadêmico.

Por fim, o Quadro 7 apresenta o papel da UFSC nos indicadores de sustentabilidade, responsabilidade social, eficiência e transparência na gestão de seus eventos.

Os indicadores finais revelam duas frentes estratégicas importantes da universidade: o profundo engajamento com temas de responsabilidade social e os avanços institucionais em direção a uma gestão mais transparente e baseada em dados.

Quadro 7 - Sustentabilidade, Responsabilidade Social, Eficiência e Transparência na Gestão de Eventos

Indicador	Sustentabilidade e Responsabilidade Social via Eventos
Eventos e Campanhas Educativas	A Coordenadoria de Gestão Ambiental realizou, em 2017, 5 minicursos, 6 palestras e 15 visitas técnicas sobre gestão de resíduos perigosos. Em 2023, promoveu 1 minicurso e 15 palestras em disciplinas de graduação e pós-graduação sobre sustentabilidade. A SAAD em 2021, realizou 13 cursos, eventos, lives, palestras e rodas de conversa. Em 2023, promoveu um evento com a Ministra das Mulheres e outro com a Secretária Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência. O Departamento de Atenção à Saúde (DAS), em 2022, realizou a campanha Outubro Rosa com ações de mídia e distribuição de marcadores, em 2023, realizou o evento "Juntos pela Saúde" e o "Circuito Saúde" na Polícia Federal. A Divisão de Saúde e Segurança do Trabalho (DSST), em 2023, realizou 5 capacitações sobre prevenção e combate a incêndio. Enquanto a Coordenadoria de Acessibilidade Educacional (CAE) organizou a 1ª Semana da Luta da Pessoa com Deficiência e Acessibilidade da UFSC.
Indicador	Eficiência e Transparência na Gestão de Eventos
Uso de Sistemas para Monitoramento de Indicadores	Observatório UFSC, lançado em novembro de 2021, reúne mais de 300 indicadores sobre 21 áreas e 106 *dashboards* sobre 24 áreas da UFSC.

Fonte: Elaborado a partir dos Relatórios de Gestão da UFSC de 2017 a 2023 (2024)

Nesses indicadores, temos dois destaques principais: i) A Abrangência da Responsabilidade Social: O primeiro indicador demonstra o papel ativo da universidade como uma plataforma para debates e ações sobre questões sociais cruciais. Isso evidencia que os eventos da UFSC transcendem o academicismo,

servindo como catalisadores para o diálogo social e a formulação de políticas; ii) O Avanço Rumo à Gestão Baseada em Dados: O indicador "Uso de Sistemas para Monitoramento" é particularmente significativo, pois aponta para uma solução estrutural aos desafios de gestão. O lançamento do Observatório UFSC em novembro de 2021, que reúne mais de 300 indicadores e 106 *dashboards*, representa um marco na busca por eficiência e transparência.

Posteriormente, a elaboração do quadro de indicadores, desenvolveu-se um instrumento de pesquisa na forma de enquete, com respostas fechadas, visando coletar as percepções destes agentes institucionais. A amostragem foi definida em até 10 respondentes, conforme apontado no Quadro 3, que destaca os principais gestores de eventos da instituição.

Nesta etapa da pesquisa empregou-se uma abordagem metodológica mista, que integra métodos qualitativos e quantitativos. Esta estratégia foi adotada para proporcionar uma compreensão mais ampla e aprofundada das necessidades e desafios enfrentados pelos gestores de eventos da UFSC. Já para interpretação dos dados qualitativos utilizou-se da análise temática para identificar os temas mais recorrentes. Para os dados quantitativos, a análise foi feita usando estatísticas descritivas como frequências e percentuais, a partir de gráficos gerados com a utilização da ferramenta Google planilhas.

Os resultados obtidos através do levantamento com os especialistas em gestão de eventos da UFSC constituíram os elementos basilares para auxiliar na concepção e desenvolvimento da proposta da plataforma integrada de gestão de eventos institucionais, acadêmicos e técnico-científicos.

3.4 O USO DA METODOLOGIA *DESIGN SCIENCE RESEARCH* (DSR)

Para a condução desta pesquisa, optou-se pela utilização da metodologia *Design Science* (DS), ou método *Design Science Research* (DSR)[8], fundamentado nos trabalhos de Simon (1996). Especificamente, adotou-se a adaptação do método proposta por Dresch *et al.* (2015), cuja aplicação neste estudo está detalhada no

[8] Muitos autores utilizam “*Design Science*” e “*Design Science Research*” como sinônimos. Por vezes, alguns autores utilizam o primeiro termo para representar uma teoria, e a “DSR” seria o método de pesquisa oriundo desta teoria (Rodrigues, 2018).

Quadro 8. O quadro apresenta um comparativo entre as etapas do DSR, o fluxo de condução da pesquisa e as atividades desenvolvidas para a elaboração da proposta da plataforma.

Quadro 8 - Etapas do desenvolvimento do artefato a partir do método DSR

(continua)

Etapas do DSR baseado em Simon (1996)	Passos de Condução de Pesquisa (Dresch *et al.*, 2015)	Atividades para Desenvolvimento da Plataforma Integrada de Eventos
1. Identificação do problema e motivação	Conscientização	Identificar as necessidades enfrentadas pelas IES públicas, a partir de uma revisão de literatura aprofundada; Justificar a relevância de se ter uma plataforma integrada de eventos.
2. Definição dos objetivos da solução	Proposição	Definir quais devem ser os requisitos funcionais e não funcionais da plataforma; Estabelecer os objetivos específicos a serem alcançados; Propor uma solução inicial baseada na revisão da literatura.
3. Revisão da literatura e fundamentação teórica	Sugestão	Revisar estudos sobre plataformas de eventos, integrações e tecnologias relevantes; Analisar soluções existentes e modelos conceituais; Fazer análise de viabilidade econômica.

(continua)

Etapas do DSR baseado em Simon (1996)	Passos de Condução de Pesquisa (Dresch *et al.*, 2015)	Atividades para Desenvolvimento da Plataforma Integrada de Eventos
4. Desenvolvimento do artefato	Desenvolvimento	Proposição do diagrama da plataforma e seus componentes; Definir os módulos e funcionalidades da plataforma; Prever a integração com sistemas e tecnologias necessárias.
5. Avaliação do artefato	Avaliação	Comparar se os requisitos necessários foram atendidos pela proposta.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Simon (1996); Dresch *et al.* (2015)

A aplicação do método iniciou-se pela Etapa 1 (Conscientização), que consistiu na identificação do problema e na motivação da pesquisa. Nesta fase, buscou-se compreender as necessidades das IES públicas e justificar a relevância de uma plataforma integrada de eventos, conforme detalhado no Capítulo 1 e fundamentado no Capítulo 2 deste trabalho.

A Etapa 2 (Proposição) correspondeu à definição dos objetivos da solução. Nesta fase, o estudo buscou identificar as principais etapas do processo de gestão de eventos institucionais, acadêmicos e técnico-científicos em IES públicas. Como apoio a esta etapa, os aspectos centrais da gestão de eventos foram sistematizados com base em autores de referência na área, como Neri (2025), Santos et. al. (2022), Zenha *et al.* (2022), Silvestre (2020), Arruda Pessoa (2015, 2014), Matias (2015), Buthod *et al.* (2014) e Santos (2011), cujas contribuições estão consolidadas no Quadro 9 a seguir. O Quadro apresenta o processo da gestão dos eventos considerando suas etapas, desde o planejamento estratégico, passando pela estrutura organizacional, execução e avaliação e encerramento.

Quadro 9 - Etapas do processo da gestão de eventos

Etapas	Atividades	Autores
Planejamento estratégico	Definição dos objetivos gerais, identificação do público de interesse e o levantamento de recursos financeiros.	Santos *et. al.* (2022) (2022); Arruda Pessoa (2014, 2015); Buthod *et al*. (2014)
Estrutura organizacional	Criação do comitê executivo, coordenação geral do evento, programação do conteúdo, comunicação e marketing e recepção.	Silvestre (2020); Matias (2015)
Execução do evento	Preparação do ambiente, realização das atividades e interação com o público.	Neri (2025); Zenha *et al.* (2022); Matias (2015); Arruda Pessoa (2014);
Avaliação encerramento	Avaliação do evento e relatório final de encerramento.	Arruda Pessoa (2014); Santos (2011)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos autores supracitados (2024)

A análise dessas etapas evidencia a complexidade do processo. Silvestre (2020) destaca os múltiplos componentes do planejamento cruciais para o sucesso, enquanto Arruda Pessoa (2015) enfatiza que os eventos precisam ser planejados principalmente para públicos específicos, tornando vital considerar o público-alvo e sua importância no processo de planejamento. Por fim, Santos (2011) ressalta a importância da fase de encerramento para a avaliação e o aprimoramento de eventos futuros.

Seguindo a sequência metodológica proposta no Quadro 8, foram definidos os requisitos funcionais e não funcionais da plataforma. Os requisitos funcionais de maior destaque estão representados no Quadro 10. A definição desses requisitos é informada por diversas perspectivas. Inoue (2019) sustenta que as plataformas devem oferecer fluxos de trabalho personalizados para diferentes usuários, a fim de garantir maior satisfação. Em uma linha complementar, Bartelle (2021) destaca o potencial da

Inteligência Artificial (IA) para personalizar a experiência do participante e otimizar a gestão de eventos.

Quadro 10 - Requisitos funcionais de uma plataforma digital

Requisitos	Características	Autores
Funcionalidades principais	Descrever quais devem ser as principais funcionalidades que o sistema deve fornecer para atender às necessidades dos usuários.	Deus; Pereira (2021); Bartelle (2021); Poell; Nieborg; Van Dijck, (2020); Inoue (2019)
Fluxo de trabalho	Como devem ser os fluxos de trabalho previstos para os diferentes tipos de usuários (usuários ou administradores).	Inoue (2019)
Integrações	Prever quais integrações serão necessárias com outros sistemas.	Silva (2017)
Gerenciamento de dados	Especificar como serão armazenados os dados dos usuários, acessos, compras, etc.	Pieters; Lopes (2011); Reese (2009)
Segurança	Quais são os requisitos de segurança (autorização, autenticação, etc.).	Silva (2017); Pieters (2011); Reese (2009)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos autores supramencionados (2024)

A UNESCO-UNEVOC (2024), assim como estudos nacionais (Moradin; Moura, 2024; Costa *et al.*, 2021), também aponta para a integração de IA, Realidade Aumentada (RA) e Realidade Virtual (RV) como tecnologias que aprimoram a experiência de aprendizagem. No que tange à segurança, Pieters (2011), Reese (2009) e Lopes (2011) abordam a necessidade de criptografia e políticas robustas para proteger os dados confidenciais. Na sequência, são apresentados os requisitos não funcionais no Quadro 11.

Quadro 11 - Requisitos não-funcionais de uma plataforma digital

Requisitos	Características	Autores
Desempenho	Deve-se estabelecer os requisitos de desempenho da plataforma.	Ansell; Miura (2020);
Escalabilidade	O sistema precisa poder crescer e lidar com alta demanda.	Inoue (2019);
Usabilidade e acessibilidade	Especificar os requisitos de usabilidade e acessibilidades, facilitando a navegação e acessibilidade de todos.	Corrêa; Ribeiro (2016); Cybes (2010); ISO 9241-11 (ABNT, 2008); Nielsen (1993);
Disponibilidade	Prever os níveis de disponibilidade do sistema (uptime).	Silva (2017); Pieters (2011); Reese (2009)
Compatibilidade	Prever compatibilidade com navegadores, sistemas operacionais e dispositivos.	Inoue (2019);
Segurança	Definir requisitos de segurança como proteção contra ataques, etc.	Silva (2017); Pieters (2011); Reese (2009)
Manutenibilidade	Estabelecer requisitos para facilitar a manutenção e evolução do sistema.	Inoue (2019);
Requisitos legais	Adequar a plataforma às leis e padrões regulamentares.	Pieters (2011); Reese (2009)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos autores supramencionados (2024)

Dentre os requisitos não funcionais, a usabilidade e a acessibilidade são primordiais, devendo-se considerar o padrão normativo ISO 9241-11 (ABNT, 2008), as diretrizes do *Web Content Accessibility Guidelines* (WCAG) e a Lei Brasileira de

Inclusão (LBI) para garantir a acessibilidade dos conteúdos de navegabilidade, legibilidade e compatibilidade com tecnologias assistivas. Da mesma forma, os requisitos legais são cruciais, enfatizando a necessidade de cumprir os regulamentos de proteção de dados, privacidade e direitos de propriedade intelectual (Reese, 2009).

A Etapa 3 do método DSR (Sugestão) consistiu na revisão da literatura sobre plataformas de eventos, integrações e tecnologias relevantes, com base em autores como Penteado *et al.* (2023), Subramaniam (2021), Parker *et al.* (2019, 2018) e Van Dijck, Poell e De Waal (2018), entre outros.

A Etapa 4 (Desenvolvimento) correspondeu à materialização do projeto. No presente estudo, essa etapa foi contemplada pela elaboração do diagrama conceitual da plataforma, que reúne as especificações técnicas e funcionais essenciais. Não se avançou para a implementação efetiva do artefato, o que delimita o escopo do trabalho sem comprometer sua relevância científica. De fato, conforme argumenta Venable (2006), o valor da pesquisa em DSR não se restringe à construção do artefato, mas também à produção de conhecimento aplicável que pode subsidiar avanços posteriores, ao oferecer subsídios para o aprimoramento dos sistemas atualmente existentes e ao orientar a criação de soluções futuras voltadas à gestão eficiente de eventos no setor público.

Por fim, a Etapa 5 (Avaliação), conforme sugerido por Dresch *et al.* (2015), consiste na comparação entre os requisitos levantados durante a pesquisa e as funcionalidades propostas no artefato, análise que será aprofundada nos capítulos seguintes.

4 CARACTERIZAÇÃO E RESULTADOS DA PESQUISA

Este capítulo apresenta os resultados empíricos que fundamentam a proposição da plataforma integrada de eventos. Seguindo a metodologia *Design Science Research* (DSR), esta etapa é dedicada à compreensão aprofundada do problema por meio da análise de dados documentais e da percepção de especialistas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Inicialmente, são detalhados os desafios da gestão de eventos na instituição, identificados a partir da análise dos Relatórios de Gestão. Em seguida, são apresentados e analisados os resultados de uma enquete realizada com os gestores de eventos, cujas respostas foram essenciais

para validar os desafios e definir os requisitos do artefato proposto. Por fim, o capítulo avança para a análise de soluções de mercado e a especificação dos requisitos para uma plataforma pública.

Posteriormente, o capítulo enfatiza as particularidades e especificidades que uma plataforma pública de eventos deve apresentar. O capítulo finaliza destacando a possibilidade de se replicar a plataforma para outras IES públicas, principalmente para as universidades, institutos e centros tecnológicos federais.

4.1 OS DESAFIOS DA GESTÃO DE EVENTOS NA UFSC: UMA ANÁLISE DOCUMENTAL

A análise dos Relatórios de Gestão[9] da UFSC, compreendendo o período de 2017 a 2023, emerge como a fonte primária para a compreensão do panorama dos eventos na instituição. Estes documentos, que abrangem os campos da cultura, arte, educação, pesquisa e extensão, forneceram os dados fundamentais para evidenciar os principais desafios estruturais enfrentados pelos gestores, conforme sintetizado no Quadro 12 a seguir.

Quadro 12 - Principais desafios na gestão de eventos na UFSC identificados via análise documental

(continua)

Desafios	Dificuldade encontrada
Conformidade com os Requisitos Legais	Dificuldade em cumprir as normativas de proteção de dados (LGPD), privacidade e direitos de propriedade intelectual na organização de eventos.
Recursos Financeiros Limitados	Restrições orçamentárias que impactam o planejamento, a escala e a qualidade da execução dos eventos.

[9] Disponível em: https://dpgi-seplan.ufsc.br/relatorio-de-gestao/. Acesso em 10 out. 2024.

(Continua)

Desafios	Dificuldade encontrada
Engajamento dos agentes interessados	Dificuldade em envolver de forma coordenada os diversos agentes da comunidade universitária (professores, alunos, técnicos) no planejamento e execução de eventos.
Integração com Sistemas Existentes	Complexidade técnica para garantir a integração de uma nova plataforma com a infraestrutura e os sistemas de TI legados da UFSC, demandando planejamento e conhecimento especializado.

Fonte: Elaborado a partir dos Relatórios de Gestão de 2017 a 2023 (2024)

A partir da análise, destaca-se a necessidade de adequação aos requisitos legais, com ênfase na Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), o que demanda uma reestruturação de processos institucionais, constituindo-se como um desafio significativo para as Instituições de Ensino Superior. Outro ponto crítico refere-se aos recursos financeiros limitados, uma realidade comum em IES públicas que exige a busca por abordagens inovadoras, priorização estratégica, e fontes alternativas de financiamento para maximizar o impacto dos eventos.

Adicionalmente, a natureza diversificada da comunidade universitária torna o engajamento e a coordenação das partes interessadas particularmente desafiador, exigindo uma comunicação eficaz e uma profunda compreensão da cultura organizacional. Por último, a integração com sistemas existentes, por meio da implementação de uma nova plataforma de eventos em uma infraestrutura tecnológica preexistente, pode apresentar complexidades significativas. Isso demanda não apenas recursos financeiros para atualizações tecnológicas, mas também experiência técnica para garantir uma integração eficiente e funcional. Ademais, a necessidade de treinamento e adaptação do pessoal a novos sistemas pode representar um desafio adicional, requerendo planejamento e recursos extras.

4.2 PERCEPÇÕES DOS GESTORES: RESULTADOS DA ENQUETE

Esta seção apresenta os resultados e as análises da enquete conduzida com especialistas em gestão de eventos da UFSC. O objetivo foi validar os desafios e

identificar os elementos fundamentais para o desenvolvimento de uma plataforma integrada que seja eficaz e sustentável, a partir da visão de seus profissionais.

A coleta de dados, realizada entre novembro e dezembro de 2024, obteve respostas de 8 dos 10 especialistas selecionados, representando os principais setores gestores de eventos da instituição. O instrumento consistiu em uma enquete com 15 perguntas, cujos detalhamentos se encontram no Anexo A e os resultados completos no Apêndice A.

Apesar do número limitado de participantes, a seleção criteriosa dos respondentes confere significância às percepções coletadas para a elaboração da plataforma. O Quadro 13 reúne os principais pontos destacados pelos gestores. Esta investigação contribui diretamente para o objetivo geral do estudo, que é desenvolver a proposta de uma plataforma integrada de eventos em uma IES pública, considerando as especificidades dos eventos institucionais, acadêmicos e técnico-científicos.

Quadro 13 - Principais destaques na visão dos gestores de eventos da UFSC

(continua)

Ponto analisado	Principais destaques
Principais desafios enfrentados	Falta de estruturas integradas recebeu 7 votos (87,5%); recursos financeiros escassos recebeu 6 votos (75%); e baixo engajamento do público recebeu 5 votos.
Nível de engajamento atual	Engajamento do público abaixo do esperado foi identificado por 50% dos respondentes.
Estratégias de comunicação eficazes	O marketing digital recebeu 7 votos (87,5%); incentivos aos participantes (50%), e parceria interdepartamentais com 4 votos cada (50%).
Principais barreiras para inovar	Resistência cultural as mudanças (57,1%) e desinteresse do público receberam 4 votos cada (57,1%).

(continua)

Ponto analisado	Principais destaques
Colaboração e comunicação	Painel de gestão e gerenciamento, interação com participantes e integração com o sistema de certificados UFSC foram selecionados por 7 dos 8 que responderam (87,5%). Já a integração com calendário acadêmico é importante para 75% dos respondentes.
Viabilização financeira e métricas de sucesso	62,5% indicam parcerias institucionais com possíveis fontes de recursos, enquanto 50% destacam os editais públicos; Já os principais indicadores de sucesso na visão dos gestores seriam, em primeiro lugar, o aumento do engajamento 87,5%, e a integração com redes sociais e sustentabilidade financeira com 75%, cada.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

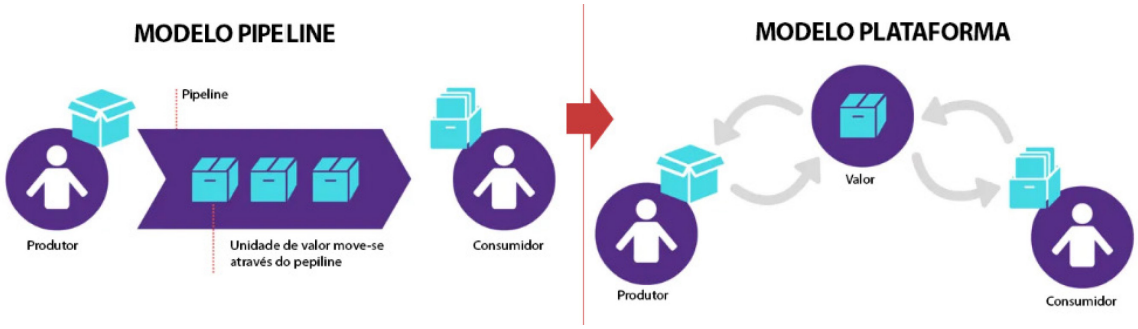
A análise dos dados da enquete evidencia uma necessidade premente de modernização na gestão de eventos institucionais, alinhando-se aos desafios identificados na análise documental. A forte demanda por soluções tecnológicas integradas e estratégias voltadas ao engajamento do público reforça a justificativa para a plataforma proposta. Ademais, os resultados indicam que a implementação de uma plataforma bem estruturada pode contribuir significativamente para a superação dos desafios atuais, fornecendo subsídios para o desenvolvimento de políticas institucionais que aprimorem a eficácia da plataforma digital de eventos da UFSC, com foco na experiência do usuário e na sustentabilidade do sistema.

4.3 PLATAFORMAS DIGITAIS E SEUS REQUISITOS ESSENCIAIS

As plataformas digitais surgiram como resultado da evolução da Internet com as tecnologias de comunicação e informação (TICs). A década de 1990 testemunhou a expansão da *World Wide Web*, facilitando o estabelecimento de sites e serviços online iniciais, marcando o início das plataformas digitais (Castells, 2010), e a transição para a *Web* 2.0, no início dos anos 2000 aprimorou a interatividade dessas plataformas, permitindo um engajamento robusto do usuário.

O conceito de plataforma, popularizado em áreas como economia de redes e negócios antes mesmo da ascensão dos gigantes da tecnologia, representa a transição de um modelo econômico baseado em propriedade para outro fundamentado no acesso e compartilhamento (Rifkin, 2014; Steinberg, 2019). Essa mudança remodelou as cadeias de valor, substituindo o tradicional modelo de *pipeline*[10] por soluções baseadas em plataforma, alterando as relações de consumo (Pacheco; dos Santos; Wahrhaftig, 2020). Os autores trazem como destaque a Figura 8 com as mudanças relacionadas ao consumo decorrentes da implementação de tecnologias digitais.

Figura 8 - Mudanças da cadeia de valor de produto para plataformas



Fonte: Elaborado pelo autor, adaptado de Dao (2016)

Inoue (2019) define uma plataforma digital como uma facilitadora de transações que promove a colaboração em um ecossistema de negócios, diferenciando-a de um sistema online, que se restringe a um aplicativo para tarefas específicas. A noção de plataforma, portanto, delineia a maneira pela qual as infraestruturas digitais permeiam os procedimentos econômicos e culturais (Subramaniam, 2021), como ilustrado pelos modelos de negócio da Amazon[11] (Figura 9) e do eBay[12] (Figura 10). As duas plataformas apresentam layouts semelhantes e disponibilizam uma ampla variedade de produtos e serviços, os quais podem ser negociados diretamente em suas estruturas, evidenciando a versatilidade e o alcance desses ambientes virtuais de comércio.

[10] O Modelo de *Pipeline* refere-se a uma estrutura que descreve como uma empresa cria, entrega e captura valor ao longo de um fluxo sequencial de atividades.

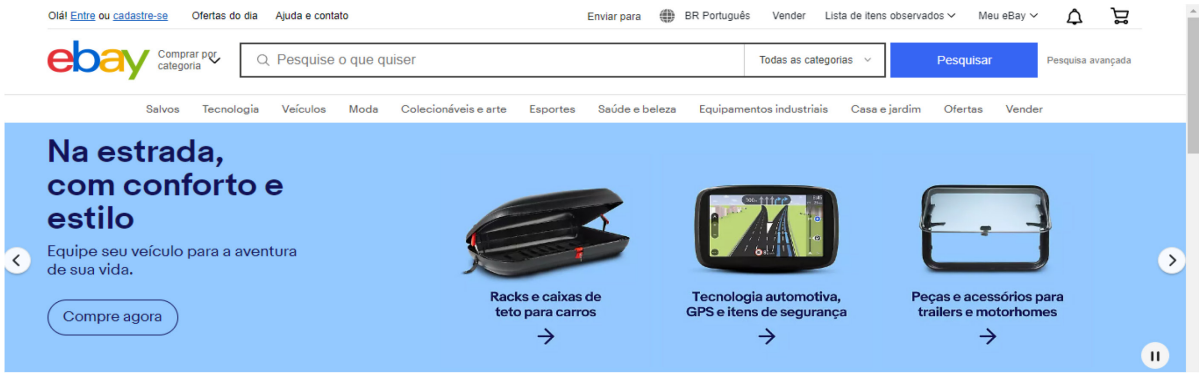
[11] Disponível em: www.amazon.com.br. Acesso em dez. 2024.

[12] Disponível em: www.eBay.com. Acesso em dez. 2024.

Figura 9 - Plataforma Amazon

Fonte: www.amazon.com.br (2024)

Figura 10 - Plataforma eBay



Fonte: www.eBay.com (2024)

O crescente poder dessas estruturas leva a um processo de “plataformização” da sociedade, definido como a penetração das plataformas na web, tornando-as intermediárias essenciais na comunicação e na realização de transações (Helmond, 2015; Penteado *et al.*, 2023). Este fenômeno transcende o aspecto tecnológico, configurando-se como um processo socioeconômico complexo que cria oportunidades ao evidenciar que a economia digital, fundamentada nas plataformas, propicia o surgimento de novas oportunidades de negócios e empreendedorismo, tanto para indivíduos quanto para organizações. (Van Dijck; Poell; De Waal, 2018; Penteado *et al.*, 2023).

Neste contexto, as plataformas se configuram como ecossistemas dinâmicos, compostos por elementos essenciais que variam segundo sua natureza. O Quadro 14 apresenta os principais elementos que caracterizam uma plataforma. Esses elementos variam segundo o tipo de plataforma (*e-commerce*, redes sociais, *marketplaces*, educacionais, entre outros).

Quadro 14 - Elementos essenciais que caracterizam as plataformas digitais

Elemento Essencial	Características
Conectividade	Fornecer uma interface intuitiva e acessível (UI/UX) para a interação entre múltiplas partes interessadas.
Escalabilidade	Ser projetada para dimensionar facilmente à medida que o número de usuários aumenta.
Padrões e Protocolos	Implementar protocolos de segurança robustos para proteger os dados dos usuários.
Intermediação Multiusuário	Atuar como intermediária, facilitando a interação e a troca de valor entre diferentes grupos.
Monetização	Agregar valor e gerar receita (se aplicável) reunindo diversos serviços, produtos ou informações.
Análise de Dados e Algoritmos	Utilizar algoritmos e *big data* para personalização, recomendações e eficiência do sistema.
Governança	Possuir políticas claras para regular o uso, moderar conteúdo e gerir conflitos.
Ecossistema e Inovação Contínua	Permitir que os usuários contribuam com avaliações e *feedback*, promovendo o crescimento mútuo.
Infraestrutura Técnica	Garantir estabilidade, disponibilidade e desempenho otimizado dos serviços.

Fonte: Elaborado a partir dos autores supracitados (2024)

A operacionalização desses elementos é fundamental. A conectividade e a escalabilidade garantem interações eficientes entre usuários e a capacidade de crescimento da plataforma (Inoue, 2019). Os padrões e protocolos de segurança, por sua vez, possuem um papel crucial para garantir a segurança dos dados dos usuários, e ainda, permitir a integração das novas tecnologias e processos, enquanto a intermediação multiusuário facilita a colaboração e a troca de valor entre os diferentes grupos de usuários da plataforma (Subramaniam, 2021).

Embora a monetização seja central para modelos privados, seus princípios de agregação de valor são relevantes. Cabe a este elemento, também, auxiliar na sustentação dos custos operacionais da plataforma. A análise de dados e algoritmos

aprimora a experiência do usuário. Para os autores supramencionados, as plataformas coletam esses dados para adaptar o conteúdo, melhorar a personalização de anúncios, aprimorar a experiência e o engajamento. Já uma governança robusta é necessária para prevenir falhas de mercado e regular o ecossistema (Parker *et al.*, 2019).

Finalmente, um ecossistema que incentiva a participação e uma infraestrutura técnica estável são a base para a sustentabilidade da plataforma. Tecnologias como computação em nuvem, Inteligência Artificial (IA), Realidade Virtual (RV) e Realidade Aumentada (RA) vêm potencializando esses elementos, aumentando a escalabilidade e a eficiência. Além disso, estão se tornando mais envolventes e imersivos, permitindo que os usuários interajam com a plataforma de maneiras mais reais e dinâmicas (Ruggieri *et al.*, 2018; Parker *et al.*, 2019).

Como contraponto, é preciso considerar os pontos negativos da plataformização, como a precarização do trabalho, aumento da informalidade, a concentração de poder e a manipulação de comportamento por meio de algoritmos (Pinto *et al.*, 2023). Em contraste, no setor público brasileiro, plataformas como gov.br[13] e sougov.br[14] foram criadas com o objetivo de unificar e facilitar o acesso a serviços, reduzir a burocracia e promover uma melhor administração pública (BRASIL, 2019; Cardoso; Souza, 2021).

Figura 11 - Plataforma gov.br

Fonte: https://www.gov.br/pt-br (2024)

[13] Disponível em: https://sougov.sigepe.gov.br/sougov/. Acesso em: 20 jun. 2024.

[14] Disponível em: https://www.gov.br/pt-br. Acesso em: 20 jun. 2024.

A plataforma sougov.br é uma plataforma digital de serviços de gestão de pessoas, voltada para facilitar a vida dos servidores públicos federais. Além de simplificar a busca por informações ou a solicitação de algum tipo de direito do servidor, a plataforma também automatiza atividades operacionais para quem atua na unidade de gestão de pessoas.

Ao centralizar uma infinidade de serviços em um ambiente único, a plataforma reduz a burocracia e o investimento temporal necessário para processos administrativos, permitindo que servidores e gestores obtenham informações e executem procedimentos de forma remota e autônoma, conforme a Figura 12.

Figura 12 - Plataforma sougov.br

Fonte: https://sougov.sigepe.gov.br/sougov/ (2024)

No campo da educação, as plataformas digitais permitem que as instituições de ensino superior ampliem sua gama de produtos e serviços em domínios digitais, contornando a mercantilização e alavancando ecossistemas de consumo emergentes (Subramaniam, 2021).

Por estes motivos, as universidades têm adotado plataformas digitais para melhorar a comunicação interna e externa, principalmente por meio de ferramentas como e-mails institucionais, portais acadêmicos e redes sociais. Boyd; Ellison (2007) destacam que essas plataformas facilitam o compartilhamento de informações, a colaboração em projetos e o engajamento da comunidade acadêmica.

A Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP)[15] exemplifica uma plataforma voltada ao interesse público, oferecendo infraestrutura e serviços para a comunidade acadêmica e de pesquisa. Seus serviços são direcionados a universidades, institutos educacionais e culturais, agências de pesquisa, hospitais de ensino, além de parques e polos tecnológicos públicos. A RNP busca trabalhar em conjunto com alunos, professores e pesquisadores para desenvolver novas tecnologias com foco em inovação contínua. Confira a página inicial da plataforma na Figura 13.

Figura 13 - Plataforma digital da Rede Brasileira para Educação e Pesquisa

Fonte: www.rnp.br (2025)

Ao aproveitar as plataformas digitais como ferramenta de apoio, as IES podem ampliar a qualidade das interações com os usuários, utilizar seus dados com melhor eficiência e impulsionar ainda mais os avanços digitais da instituição (Deus, 2021). Consequentemente, integrar plataformas digitais em sua estrutura operacional mostra-se essencial para que a IES floresça em meio ao cenário educacional em rápida evolução.

A comparação entre os modelos privado e público evidencia que a principal diferença reside na natureza do propósito e no tipo de valor que buscam gerar, conforme sintetizado no Quadro 15.

[15] Disponível em: https://www.rnp.br. Acesso em dez. 2024.

Quadro 15 - Comparativo entre Plataformas Privadas e Públicas

(continua)

Característica Principal	Plataformas Privadas (Ex.: Amazon, Ebay)	Plataformas Públicas (Ex.: Gov.br, Sougov.br, RNP)
Propriedade e Controle	Controladas por empresas privadas.	Controladas por entidades governamentais ou públicas, ou com forte orientação para o setor público e de pesquisa.
Público-Alvo Principal	Usuários em geral.	Cidadãos, servidores públicos, instituições de ensino e pesquisa, órgãos governamentais.
Objetivo Principal	Geração de lucro, intermediação de negócios e consumo.	Prestação de serviços públicos, apoio à educação, pesquisa e inovação.
Modelo de Negócios	Baseado na extração e comercialização de dados, publicidade e comissões.	Foco na eficiência, segurança de dados públicos e integração de sistemas.
Conteúdo e Serviço	Diversidade de produtos e serviços.	Serviços públicos, gestão de pessoas no setor público, infraestrutura e serviços para educação e pesquisa.
Geração de Valor	Centralização de dados nas mãos de poucas empresas. Algoritmos usados para moldar comportamentos.	Segurança e autenticidade. Foco na gestão segura de dados de cidadãos e servidores.
Impacto Socioeconômico	Risco de precarização do trabalho e concentração de poder.	O desafio reside na eficiência da prestação de serviços e na adoção pelo público.

(continua)

Característica Principal	Plataformas Privadas (Ex.: Amazon, Ebay)	Plataformas Públicas (Ex.: Gov.br, Sougov.br, RNP)
Arquitetura e Inovação	Arquitetura disruptiva que revolucionam mercados.	Busca por evolução de processos e prestação de serviços para o setor público e acadêmico.
Governança e Regulamentação	Enfrentam questões regulatórias devido ao seu poder de mercado.	Instituídas e regidas por decretos e políticas governamentais.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

O quadro destaca que as plataformas digitais privadas são intrinsecamente definidas por seus modelos de negócios centrados no mercado, com arquitetura disruptiva e utilização estratégica de dados. Essas plataformas operam como intermediárias em uma ampla variedade de transações comerciais, centralizando assim a disseminação de informações e o fluxo de valor. Sua arquitetura é frequentemente disruptiva, impulsionada pelos efeitos de rede lhes confere poder substancial e amplo alcance.

A transparência sobre o uso desses dados é geralmente limitada, e a hegemonia dessas empresas gera debates sobre concentração de poder e impactos sociais (Ansell; Miura, 2018). A hegemonia dessas plataformas gera investigações significativas sobre a concentração do poder, a volatilidade das relações de trabalho e as implicações sociais da influência algorítmica.

Em contraste, as plataformas públicas como gov.br, sougov.br e RNP são concebidas para promover o interesse coletivo, com foco na eficiência, acessibilidade e transparência. Suas funções abrangem desde a facilitação e integração dos serviços governamentais, passando pela supervisão e gestão estratégica dos recursos humanos no setor público, até o estímulo à educação, à pesquisa e à inovação. Dessa forma, essas plataformas reforçam o papel do Estado como provedor de serviços que geram valor social, ampliam direitos, favorecem o desenvolvimento sustentável e fortalecem a relação de confiança entre governo e sociedade. Embora utilizem tecnologias sofisticadas, suas estruturas e objetivos de governança priorizam a

proteção de dados públicos e o aprimoramento da infraestrutura social e acadêmica, em oposição à comercialização de dados de usuários para fins lucrativos.

4.4 ANALISANDO PLATAFORMAS DE EVENTOS PRIVADAS

Diante da premissa de elaborar a proposta de uma plataforma integrada para uma IES pública, torna-se imprescindível analisar as principais soluções de mercado. Para tal, emprega-se parcialmente a análise SWOT, uma ferramenta de planejamento estratégico que avalia os pontos fortes (Strengths), fracos (Weaknesses), as oportunidades (Opportunities) e as ameaças (Threats) de um projeto ou organização. O objetivo é identificar as competências que podem influenciar o desempenho da plataforma, a fim de extrair aprendizados para a concepção da plataforma pública.

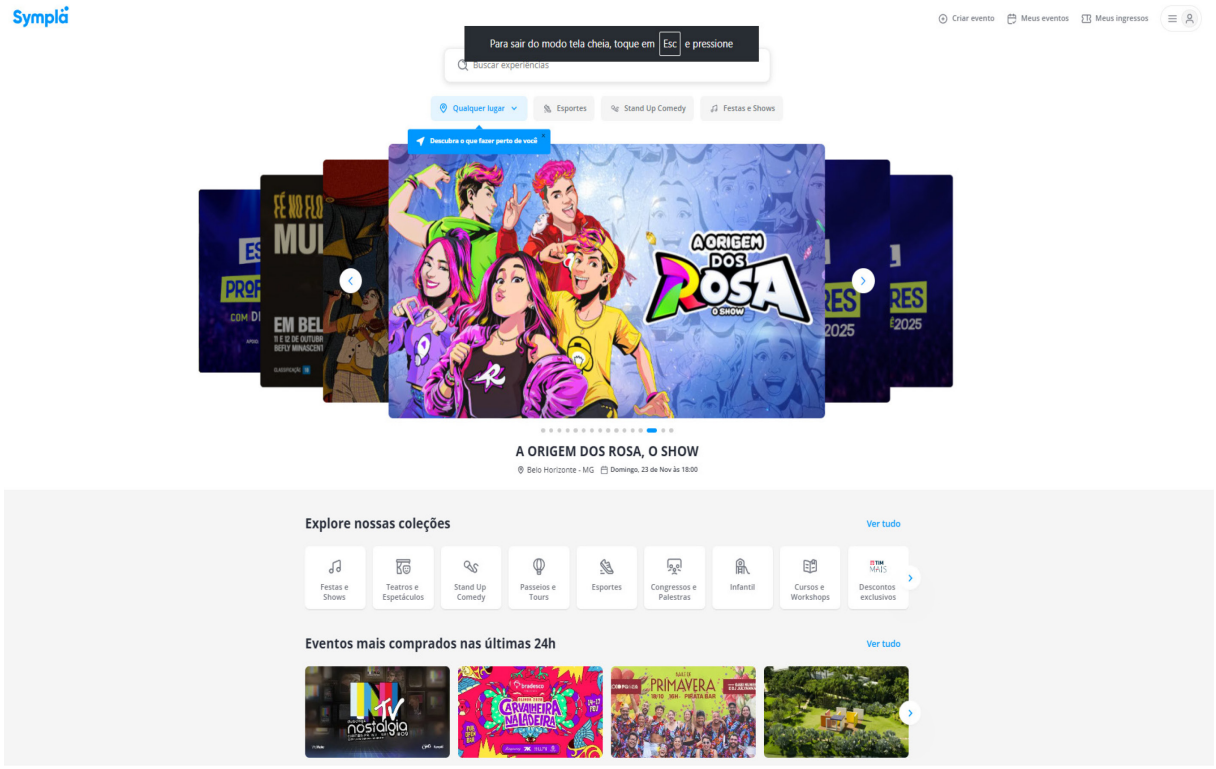
4.4.1 Plataforma Sympla

A Sympla[16] é uma plataforma digital brasileira, criada em 2012, voltada à gestão, divulgação e venda de ingressos para eventos presenciais, híbridos e online. Consolidada como líder no mercado nacional, operando em mais de 4.000 cidades. A plataforma se destaca pela ampla variedade de categorias, atraindo um público diversificado, e por sua interface amigável, tanto para produtores quanto para participantes. O usuário ao entrar no site da plataforma e concluir seu cadastro, ele é direcionado para uma tela que exibe os eventos já cadastrados, conforme mostrado na Figura 14, a seguir.

A Sympla disponibiliza uma ampla variedade de ferramentas inovadoras para a gestão de eventos, como relatórios financeiros automáticos que integram dados de todos os canais de venda do seu evento, proporcionando maior praticidade e organização. Além disso, utiliza Inteligência Artificial (IA) para criar descrições otimizadas do seu evento, ampliando sua visibilidade nos resultados de busca do Google. Disponibiliza também, o Google *Wallet*, SSO, Google *Analytics* 4 e Google *Pay*.

[16] Disponível em: sympla.com.br. Acesso em set. 2025.

Figura 14 - Plataforma de eventos Sympla



Fonte: sympla.com.br (2024)

Outro aspecto de destaque é o suporte técnico e integração com plataformas de streaming, melhorando a experiência tanto dos organizadores quanto dos participantes. Essas características permitem que a Sympla mantenha um engajamento robusto com sua base de usuários, proporcionando-lhes conveniência e diversidade. No Quadro 16, são destacadas as principais características da plataforma.

A análise do quadro revela que, apesar de sua posição dominante, a Sympla enfrenta desafios inerentes a um negócio de base tecnológica. Sua dependência da infraestrutura de internet e a concorrência podem impactar sua operação. Contudo, suas forças em usabilidade, variedade e escala oferecem um modelo valioso sobre como criar uma experiência de usuário positiva e abrangente.

Quadro 16 - Análise da plataforma Sympla com auxílio da matriz SWOT

Ambientes Internos			
Forças	Liderança de mercado sendo a maior plataforma de eventos do Brasil. Plataforma intuitiva e com suporte para múltiplos formatos de evento. Aplicativo Móvel que facilita o acesso e a compra de ingressos. Suporte técnico e integração com plataformas de streaming.	**Fraquezas**	Dependência de tecnologia: depende fortemente de uma infraestrutura tecnológica. Instabilidades na plataforma ou falhas técnicas podem impactar negativamente a experiência do usuário. Concorrência internacional como Hotmart e Club do ingresso, Eventbrite, Ticketmaster. Complexidade para novos usuários devido à diversidade de ferramentas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Apesar de ter a liderança no mercado brasileiro, a plataforma enfrenta desafios consideráveis. Sua dependência de uma conexão consistente com a Internet pode restringir a acessibilidade de certos usuários, enquanto a concorrência nacional e internacional pode exercer pressão sobre sua participação de mercado. Além disso, alterações nos marcos regulatórios e crises, como pandemias, representam ameaças que podem afetar adversamente a execução de eventos presenciais. Por outro lado, a Sympla tem se adaptado para atender à crescente demanda por eventos online e híbridos.

Por fim, para combater as vulnerabilidades, a Sympla tem o potencial de ampliar suas categorias de eventos, buscar colaborações estratégicas e contemplar a expansão internacional nos mercados de língua portuguesa e espanhola, diversificando assim seus fluxos de receita e aumentando sua resiliência em um ambiente competitivo e em constante evolução.

4.4.2 Plataforma Even3

A Even3[17] é uma plataforma brasileira especializada na organização e gestão de eventos, com forte destaque para os mercados acadêmico e científico. A plataforma se destaca por sua versatilidade, facilitando a criação de eventos online, híbridos e presenciais com funcionalidades robustas que atendem a necessidades específicas, como submissão e avaliação de trabalhos científicos, e emissão de certificados com autenticidade. Sua proposta de valor inclui a ausência de taxas de instalação e suporte contínuo, o que a torna atrativa para organizadores com orçamentos limitados.

Figura 15 - Plataforma de eventos Even3

Fonte: www.even3.com.br (2024)

Uma das principais vantagens da plataforma Even3 reside em sua ampla gama de funcionalidades, que abrangem inscrições, programação, submissão de trabalhos, credenciamento, transmissão e emissão de certificados com autenticidade. Essa variedade abrangente permite que organizadores de eventos acadêmicos, corporativos e sociais passem a acessar todas as ferramentas necessárias em uma única plataforma. Além disso, a ausência de taxas de instalação, juntamente com o fornecimento de suporte contínuo, é muito apreciada pelos usuários.

O Quadro 17, a seguir, se apropria da matriz SWOT para fazer uma análise detalhada das forças, fraquezas, oportunidades e ameaças desta plataforma. A

[17] Disponível em: https://www.even3.com.br/. Acesso em nov. 2024.

análise inicial considera que assim como a Sympla, a Even3 também enfrenta desafios, incluindo a concorrência de outras plataformas de eventos que também fornecem funcionalidades robustas e uma interface de usuário intuitiva.

Quadro 17 - Análise da plataforma Even3 com auxílio da Matriz SWOT

Ambientes Internos			
Forças	Funcionalidades completas e especializadas para eventos acadêmicos. Modelo de negócio acessível (sem taxa de instalação). Plataforma intuitiva e com suporte para múltiplos formatos de evento. Presença internacional em expansão. Está presente em países como Portugal, Angola, México, Colômbia e EUA.	**Fraquezas**	Foco de mercado limitado, com menor apelo para eventos de entretenimento. Dependência de conexão estável à internet para eventos online. Concorrência com plataformas de escopo mais amplo, como a Sympla.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A análise da Even3 evidencia a importância de funcionalidades especializadas para atender a um público-alvo específico. A dependência de tecnologia e conectividade com a Internet facilita eventos online e híbridos, mas também pode constituir uma vulnerabilidade em regiões caracterizadas por infraestrutura digital inadequada. Além disso, a necessidade de atualizar continuamente as ferramentas para se alinhar às tendências e demandas do mercado pode representar um desafio considerável. Sua vulnerabilidade reside na dependência tecnológica e na concorrência, mas sua força está em ser uma solução completa para o nicho acadêmico, desde a submissão de artigos até a certificação.

Por outro lado, ameaças como mudanças nas estruturas regulatórias e flutuações nas condições econômicas globais, como as pandemias, podem afetar

adversamente o setor de eventos, exigindo que a Even3 se adapte rapidamente para sustentar sua vantagem competitiva.

4.4.3 Análise Comparativa e Conclusões

O Quadro 18 realiza uma comparação direta entre as funcionalidades oferecidas pelas duas plataformas privadas, evidenciando suas semelhanças operacionais e diferenças estratégicas. As duas plataformas oferecem soluções abrangentes e inovadoras que aprimoram a organização de eventos em vários formatos e modalidades, sejam elas, presenciais, online e híbridas.

Quadro 18 - Comparativo entre a plataforma Sympla e a Even3

Funcionalidade	Sympla	Even3
Criação de Eventos	Sim.	Sim.
Foco em Eventos Acadêmicos	Não é o foco principal, mas adaptável.	Sim, com ferramentas especializadas (submissão de trabalhos, etc.).
Envio de Certificados	Sim, automático.	**Sim**, com maior personalização e autenticidade.
Integração com Streaming	Sim (Zoom, Meet, YouTube, etc.)	Sim (Zoom, Google Meet, Vimeo, etc.)
Relatórios e métricas	Sim, relatórios detalhados.	Sim, com gráficos e detalhamento.
Funcionalidades adicionais	*Marketplace* integrado para divulgação em massa.	Ferramentas para avaliação de trabalhos e publicação de anais.
Suporte técnico	Sim, por e-mail, chat e base de conhecimento do site.	Sim, por e-mail, chat e base de conhecimento do site.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A análise comparativa das plataformas Sympla e Even3 oferece percepções valiosas para a proposição de uma plataforma pública. A Sympla se destaca por sua ampla variedade de categorias de eventos e sua interface intuitiva. Além disso, se destaca pela excelência na experiência do usuário para um público amplo e pela capacidade de escalar eventos de massa, servindo como um modelo de usabilidade e alcance. Por outro lado, o Even3 oferece um conjunto de funcionalidades robustas de como desenvolver funcionalidades especializadas e de alto valor agregado para o nicho acadêmico, como a gestão do fluxo de trabalhos científicos.

Conclui-se que uma plataforma pública de sucesso para uma IES deve buscar uma síntese estratégica: a simplicidade e a interface intuitiva do modelo Sympla, combinadas com a profundidade e a especificidade das ferramentas acadêmicas do modelo Even3. A adoção de tecnologias como a IA, para personalização e análise de dados, também se mostra um caminho promissor. Essas características, adaptadas a um contexto de serviço público focado em transparência e acessibilidade, são fundamentais para a concepção do artefato proposto neste trabalho.

4.5 REQUISITOS FUNCIONAIS DA PLATAFORMA: UMA SÍNTESE DAS NECESSIDADES

Com base na avaliação das plataformas de mercado (Seção 4.4), nas percepções do referencial teórico (Capítulo 2) e, fundamentalmente, nas necessidades expressas pelos especialistas da UFSC na enquete (Seção 4.2), esta seção sintetiza as funcionalidades essenciais que a plataforma integrada deve incorporar. Cada requisito funcional aqui descrito representa uma resposta direta aos desafios diagnosticados, visando criar uma solução eficaz para o contexto de uma IES pública.

a) **Funcionalidades Essenciais de Gestão e Automação**: em resposta à "falta de estruturas integradas", principal desafio apontado por 87,5% dos gestores na enquete, a automação de processos é o pilar da plataforma. As principais funcionalidades apontadas são: i) Gerenciamento de Inscrições: A plataforma deve oferecer um sistema robusto para o gerenciamento de inscrições, com recursos observados nas plataformas de mercado, como validação automática de dados e categorização de participantes, otimizando o processo de registro; ii) Check-in e Credenciamento: Para garantir a organização e

segurança, é fundamental incorporar um sistema de credenciamento versátil, com opções de verificação por QR Code, reconhecimento facial, biometria digital, e tecnologia NFC (*Near Field Communication*). Essa funcionalidade automatiza o controle de acesso, um processo essencial para a gestão eficiente do evento; e iii) Sistemas de Pagamento: Embora não seja prioritário para todos os eventos públicos, a integração de um sistema de pagamento seguro é necessária para atender a demandas específicas, como inscrições em cursos de extensão pagos ou eventos com taxas administrativas, conforme a prática de mercado. Por fim, a geração automática de documentos fiscais e um sistema de reembolso eficiente aprimoram a supervisão financeira e a produção de relatórios.

b) **Funcionalidades de Engajamento e Interatividade:** Para combater o "baixo engajamento do público", desafio mencionado por 62,5% dos gestores, a plataforma deve ser rica em ferramentas que incentivem a participação ativa. As principais funcionalidades nesta categoria são: i) Gamificação: Possibilita incorporar mecânicas de jogos, como sistemas de pontuação, rankings de participação e premiações, para aumentar a interatividade e a motivação dos participantes; ii) Ferramentas Interativas em Tempo Real: Disponibilizar recursos como enquetes dinâmicas, sistemas moderados de perguntas e respostas e murais de interação para enriquecer a experiência durante as atividades e manter os participantes conectados; e iii) *Networking* e Colaboração: Oferecer funcionalidades que promovam a interação profissional, como sistemas de agendamento de reuniões e salas virtuais. O uso de Inteligência Artificial (IA) para sugerir conexões pertinentes entre participantes, com base em seus perfis e interesses, é um diferencial inovador.

c) **Requisitos de Infraestrutura e Suporte:** A plataforma deve ser construída sobre uma base técnica que garanta seu bom funcionamento e crescimento. Para tal, deve possuir: i) Escalabilidade e Confiabilidade: A infraestrutura tecnológica deve ser robusta para garantir a estabilidade do serviço e a capacidade de escalar, suportando desde pequenos workshops até grandes congressos com um número elevado de acessos simultâneos, um requisito essencial para uma instituição do porte da UFSC.

A integração dessas funcionalidades visa criar um ecossistema digital coeso e eficiente para a gestão de eventos públicos. A solução proposta busca oferecer uma experiência de alto valor para organizadores e participantes, mantendo a escalabilidade, a segurança e a adaptabilidade necessárias ao ambiente universitário, respondendo diretamente às necessidades e desafios mapeados ao longo desta pesquisa.

4.6 CARACTERÍSTICAS PARTICULARES DE UMA PLATAFORMA DE EVENTOS PÚBLICA

As plataformas de natureza pública requerem características específicas e diferenciadas, com ênfase particular nos elementos que asseguram conformidade com o arcabouço normativo e legislativo vigente no território nacional. Com o propósito de evidenciar estes atributos fundamentais, foi elaborado o Quadro 19, que apresenta as diretrizes que nortearam o desenvolvimento da proposta.

Quadro 19 - Características particulares para uma plataforma pública

(continua)

Características	Especificidades
Acessibilidade e Inclusão	A plataforma precisa garantir acessibilidade a todos, incluindo pessoas com deficiência, devendo contar com suporte a múltiplos idiomas e ser multiplataforma.
Transparência e Governança	Deve possuir registro detalhado de todas as atividades para fins de auditoria e controle de acesso rigoroso para diferentes níveis de administração.
Recursos Financeiros	Deve prever a possibilidade de uso de *software* livre e soluções de código aberto, com foco na eficiência de custos para desenvolvimento e manutenção.
Colaboração e Parcerias	A plataforma deve facilitar parcerias institucionais, permitindo que entidades parceiras colaborem na organização, promoção e gestão dos eventos.

(continua)

Características	Especificidades
Conformidade com Normas e Regulamentações	Deve estar em conformidade com as políticas de privacidade e proteção de dados (LGPD), bem como com as leis de direitos autorais e de imagem, além das regulamentações específicas da IES.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

As especificidades detalhadas no Quadro 19 estabelecem os parâmetros para a implementação de uma plataforma dotada de acessibilidade, segurança, transparência e eficiência. As seções a seguir aprofundam as características mais críticas para assegurar a participação democrática e inclusiva de todos os usuários, independentemente de suas especificidades técnicas ou limitações físicas e cognitivas.

4.6.1 Design Centrado no Usuário: Usabilidade e Acessibilidade

Para atender à característica de Acessibilidade e Inclusão (Quadro 19), a plataforma deve ser concebida sob a ótica do design centrado no usuário, que integra os princípios de design responsivo, usabilidade e acessibilidade.

O design responsivo é a capacidade da plataforma de se ajustar automaticamente a múltiplos tamanhos de tela e dispositivos (Marcotte, 2011), garantindo uma experiência de usuário (UX) consistente. Seus benefícios incluem acessibilidade ampliada, melhor visibilidade em motores de busca e eficiência no desenvolvimento. Em contraponto, um design intuitivo é aquele de fácil compreensão, que exige mínimo esforço cognitivo do usuário (Krug, 2014), alinhando-se às normas de usabilidade. Conforme destacado pela *Interaction Design Foundation*[18]. A Figura 16 traz como destaque o site do jornal *The New York Times*, destacando suas características de usabilidade e acessibilidade.

[18] Disponível em: https://www.interaction-design.org/. Acesso em 09 ago. 2024.

Figura 16 - Exemplo de *design* responsivo

Fonte: https://www.nytimes.com (2024)

Embora relacionados, usabilidade e acessibilidade não são sinônimas (Corrêa; Ribeiro, 2016). Usabilidade refere-se à facilidade e eficiência com que um usuário interage com o sistema, abrangendo atributos como eficácia, eficiência e satisfação, conforme a norma ISO 9241-11 (ABNT, 2008)[19] . Já a acessibilidade digital é a prática de garantir que todos, incluindo pessoas com deficiências, possam acessar e interagir com o conteúdo (Portal Assistive, 2023)[20]. A legislação brasileira, por meio da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), torna essa prática obrigatória para sítios de órgãos de governo:

> Art. 63. É obrigatória a acessibilidade nos sítios da internet mantidos por empresas com sede ou representação comercial no País, ou por órgãos de governo, para uso da pessoa com deficiência, garantindo-lhe acesso às informações disponíveis, conforme as melhores práticas e diretrizes de acessibilidade adotadas internacionalmente (BRASIL, 2015).

O Quadro 20 destaca algumas das principais características que devem estar presente em uma plataforma digital que possua em sua concepção, um design responsivo, acessível e inclusivo, segundo autores como: Chalegre e Almeida (2021); Vlasenko (2020); Spichkova *et al*. (2016); Majrashi, (2014); Lim *et al.* (2012); e Song (2009).

[19] Disponível em: https://encurtador.com.br/sUbE. Acesso em 08 set. 2024.

[20] Disponível em: https://assistive.com.br/blog/acessibilidade-digital/ Acesso em 14 de abr. 2024.

Quadro 20 - Principais características de *design* responsivo e inclusivo

Característica	Significado
Adaptabilidade entre dispositivos	O design deve ser responsivo e adaptativo a vários tamanhos de telas e dispositivos.
Navegação acessível	Deve ser implementado recursos de navegação acessíveis, descritivos e de fácil navegação para atender usuários com deficiência.
Contraste de cores e legibilidade do texto	Esses elementos garantem legibilidade para usuários com deficiência visual.
Texto alternativo para imagens	Deve-se permitir a inclusão de texto alternativo descritivo para imagens. Esse recurso ajuda os usuários com deficiência visual que usam leitores de tela.
Elementos interativos	A criação de elementos interativos como recursos sensíveis ao toque para usuários móveis, tornando a plataforma fácil de usar.
Teste de usabilidade	Realização de testes de usabilidade com grupo diversificado de usuários para identificar possíveis barreiras de acessibilidade.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Para tal, a plataforma deve seguir as diretrizes do *Web Content Accessibility Guidelines* (WCAG)[21], que se baseiam em quatro princípios: o conteúdo deve ser Perceptível, Operável, Compreensível e Robusto. A Figura 17 apresenta os quatro princípios primários das diretrizes recomendadas pelo *World Wide Web Consortium* (*W3C*) que tem o objetivo de orientar desenvolvedores, designers e gestores na criação de plataformas e conteúdos acessíveis para todos os usuários, incluindo pessoas com deficiência.

[21] Disponível em: https://www.w3.org. Acesso em dez. 2024.

Figura 17 - Diretrizes WCAG 2.x

WCAG 2.x inclui quatro princípios: Perceptível, Operável, Compreensível e Robusto.

Fonte: https://www.w3.org (2024)

O Quadro 21 descreve o que cada um dos quatro princípios prevê.

Quadro 21 - Princípios fundamentais para acessibilidade dos recursos digitais

Princípios	Características
Perceptível	Os recursos digitais devem ser percebidos por todos os usuários, independentemente de suas habilidades sensoriais.
Operável	Os recursos digitais devem ser operáveis por todos os usuários, independentemente de suas habilidades motoras ou de navegação.
Compreensível	Os recursos digitais devem ser compreensíveis por todos os usuários, independentemente de suas habilidades cognitivas ou de leitura.
Robusto	Por fim, os recursos digitais precisam ser robustos o suficiente para serem compatíveis com uma ampla variedade de tecnologias assistivas, navegadores e dispositivos.

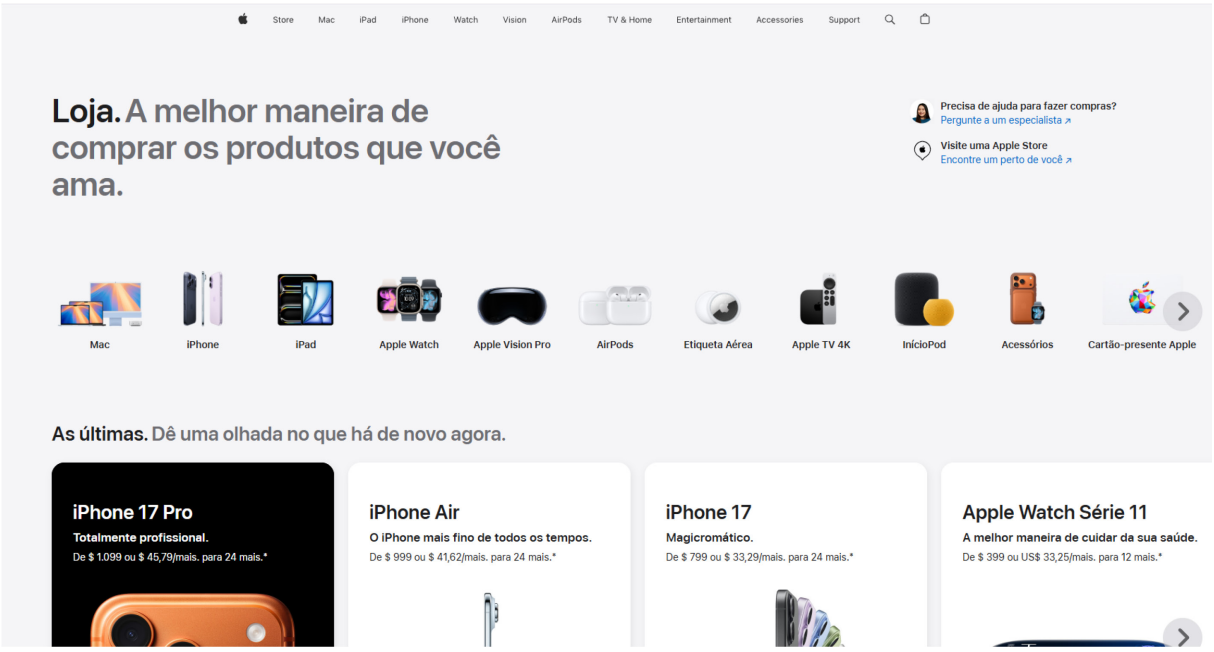
Fonte: Elaborado pelo autor a partir das diretrizes da *W3C* (2024)

A aplicação desses princípios, detalhados em quadros e figuras no corpo do trabalho original, assegura a compatibilidade com tecnologias assistivas e uma experiência inclusiva para todos.

Já uma boa usabilidade impacta diretamente na experiência do usuário, engajamento, conversão, retenção e até mesmo na imagem da marca (Alves; Santos,

2019). Enquanto interfaces complexas levam a problemas de usabilidade (Lim *et al*. 2012) Várias empresas de tecnologia aderem a esses princípios e se destacam na implementação de práticas eficazes de usabilidade em suas plataformas digitais, conforme destaca Krug (2005). Para o autor, a importância de interfaces simples e autoexplicativas é uma habilidade que a Apple[22] demonstra habilmente em sua gama de produtos, incluindo iPhone, iPad e MacBooks. A Figura 18 destaca o que torna a Apple única quando falamos em usabilidade (Vilaça, 2017).

Figura 18 - A usabilidade da plataforma Apple



Fonte: www.apple.com (2025)

Da mesma forma, Krug (2005) destaca o Google[23] pela sua notável usabilidade, incorporando várias das 10 heurísticas de Nielsen[24]. As 10 Heurísticas de Nielsen foram criadas em 1994 pelo cientista da computação Jakob Nielsen[25], também conhecido como o pai da usabilidade. Elas são chamadas de heurísticas porque são regras básicas e não diretrizes específicas de usabilidade, e podem ser observadas na Figura 19.

[22] Disponível em: https://www.apple.com/br/store. Acesso em 09 ago. 2024.

[23] Disponível em: https://www.google.com.br/. Acesso em 09 ago. 2024.

[24] Disponível em: 10 heurísticas de Nielsen. Acesso em 09 ago. 2024.

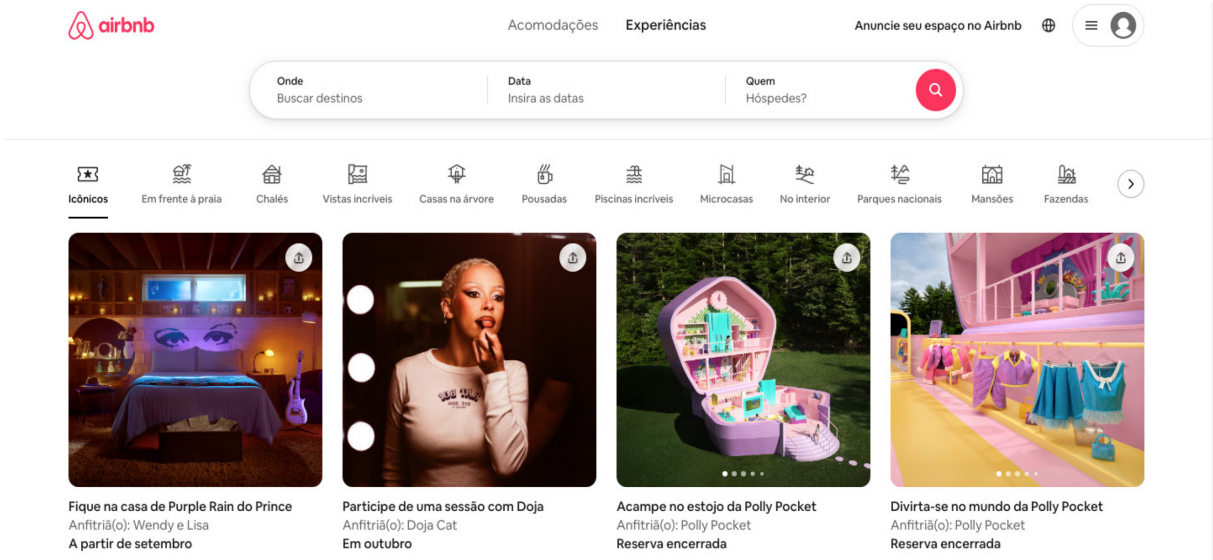
[25] Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jakob_Nielsen. Acesso em 09 ago. 2024.

Figura 19 - As 10 heurísticas de Nielsen

Fonte: Adaptado a partir de Nielsen (1994)

Outra plataforma que merece destaque é o Airbnb[26], conforme representação da Figura 20. Sua usabilidade constitui um componente fundamental que facilita seu sucesso como plataforma digital, pois garante que os usuários, abrangendo anfitriões e hóspedes, sejam capazes de navegar, compreender e executar ações com eficiência, eficácia e satisfação. Seu sistema de busca inteligente, com filtros intuitivos e relevantes, além do seu design visual com fotos grandes e layout bem limpo visualmente são os principais destaques.

Figura 20 - Usabilidade da plataforma Airbnb

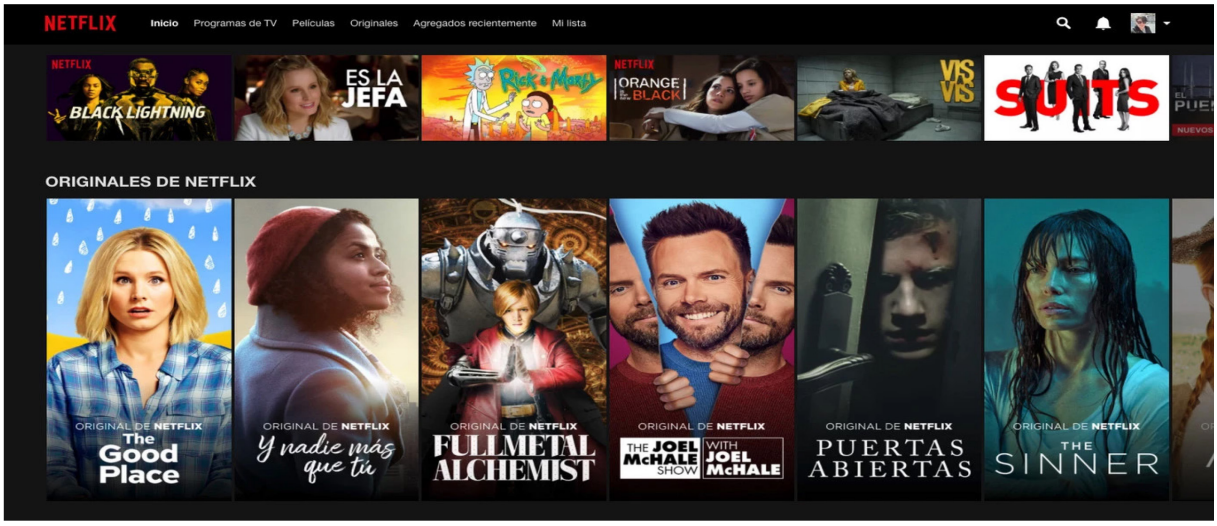


Fonte: www.airbnb.com.br (2024)

[26] Disponível em: https://www.airbnb.com.br/. Acesso em 09 ago. 2024.

Por fim, Krug (2005) destaca a Netflix[27], e sua excepcional usabilidade no serviço de streaming, por apresentar ótima personalização e navegação, e ainda, sua interface adaptativa, conforme destacado na Figura 21. A plataforma possui um design baseado na simplicidade, previsibilidade e consistência.

Figura 21 - Usabilidade da plataforma Netflix



Fonte: www.netflix.com/br (2024)

A aplicação desses princípios, detalhados nos quadros e figuras no corpo do trabalho, devem assegurar que uma plataforma apresente compatibilidade com tecnologias assistivas e uma experiência inclusiva para todos.

4.6.2 Sobre os Direitos de Uso, Autorais e de Imagem

A característica de Conformidade com Normas e Regulamentações (Quadro 19) abrange a gestão de direitos autorais e de imagem, ambos protegidos pela Constituição Federal e por leis específicas.

A Lei de Direitos Autorais (Lei n.º 9.610/1998)[28] protege criações intelectuais como palestras, artigos e materiais audiovisuais, abundantes em eventos universitários. É, portanto, indispensável que a plataforma possua mecanismos para

[27] Disponível em: https://www.netflix.com/br/. Acesso em 09 ago. 2024.

[28] Disponível em: Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Acesso em 27 jan. 2025.

obter e registrar as devidas autorizações dos autores para o uso e disseminação de seus conteúdos, promovendo um ambiente de integridade e respeito à produção intelectual (BRASIL, 1998).

Ao incorporar políticas e protocolos claros para proteger os direitos de imagem dos participantes, a plataforma precisa fornecer aviso sobre gravações e transmissões, apresentar formulários de consentimento para endosso e garantir que as imagens sejam utilizadas conforme os termos acordados. Já para manter a transparência e a conduta ética como princípios fundamentais na gestão dos direitos de imagem, as instituições de ensino superior precisam se comunicar efetivamente com os participantes. Essa abordagem promove a confiança entre a instituição e seu público, demonstrando uma dedicação à defesa dos direitos individuais e da responsabilidade social e de práticas legítimas e éticas, ao mesmo tempo que se protege do que rege o artigo 5º, inciso X da Constituição Federal, que o inseriu no rol dos direitos e garantias fundamentais, prevendo indenização para o caso de sua violação conforme a Lei n.º 10.406/2002[29].

4.6.3 Privacidade e Segurança de Dados (LGPD)

A Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), instituída pela Lei n.º 13.709/2018, é o pilar da conformidade legal da plataforma. No âmbito da construção de uma plataforma de eventos para uma IES pública, a adesão a essa lei é indispensável para evitar transgressões legais e defender os direitos dos criadores. A observância de seus preceitos é um requisito imprescindível, dado o tratamento de dados de estudantes, servidores e parceiros. Para assegurar a conformidade, a plataforma deve implementar os princípios basilares da LGPD, como os da Finalidade e Adequação (coletando apenas dados necessários com consentimento explícito), da Transparência e Livre Acesso (permitindo que usuários gerenciem seus dados), da Segurança e Prevenção (adotando medidas técnicas como criptografia) e da Responsabilização (com a designação de um Encarregado de Proteção de Dados - DPO).

Ao defender as disposições da Lei de Direitos Autorais, a IES não apenas evita complicações legais, mas também promove uma atmosfera de reverência e

[29] Disponível em: Lei nº 10.406 10 de Janeiro de 2002. Acesso em 27 jan. 2025.

reconhecimento pela propriedade intelectual. Isso, por sua vez, pode promover a cooperação e a engenhosidade na esfera acadêmica, pois os criadores estarão mais inclinados a compartilhar seus trabalhos com a garantia de que seus direitos serão respeitados. Além disso, a conformidade com os regulamentos legais reforça a reputação institucional como um estabelecimento ético dedicado à defesa da lei.

Para assegurar a conformidade regulatória, a plataforma precisará implementar os princípios basilares da LGPD, estruturados nas seguintes dimensões, conforme destacado no Quadro 22, a seguir:

Quadro 22 - Princípios fundamentais da LGPD

Princípios	Características
Princípio da Finalidade e Adequação	Coletar exclusivamente os dados estritamente necessários para os processos de inscrição, com o consentimento explícito dos usuários.
Princípio da Transparência e Livre Acesso	A criação de um painel de gestão de dados que possibilite aos usuários visualizar, editar e, se desejarem, excluir suas informações pessoais.
Princípio da Segurança e Prevenção	Adotar medidas técnicas robustas, incluindo: criptografia de dados; mecanismos de controle de acesso hierarquizado; estratégias sistemáticas de backup; e protocolos de recuperação e resiliência de informações.
Princípio da Responsabilização	Designação de um encarregado de Proteção de Dados (DPO), assim como mecanismos para manutenção de registros pormenorizados de tratamento de dados; e mecanismos de auditoria e rastreabilidade das operações.

Fonte - Elaborado pelo autor a partir da Lei n.º 13.709/2018 (2024)

Tais medidas não apenas protegerão integralmente os dados dos usuários, mas também objetivam consolidar a credibilidade institucional, promovendo uma cultura organizacional alicerçada na ética e na transparência digital.

4.7 REPLICABILIDADE DA PROPOSTA NA REDE FEDERAL

Um fator primordial que sustenta a viabilidade da replicação desta proposta é a natureza da Rede Federal de Ensino Superior, composta por instituições que operam sob a coordenação do Ministério da Educação (MEC) (BRASIL, 2024).

Neste cenário, a proposta para a UFSC não surge no vácuo. Algumas IES federais já utilizam soluções como o Sistema Integrado de Gestão de Eventos (SIGEventos)[30], parte do Sistema Integrado de Gestão (SIG), adotado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), ou o *Open Conference Systems* (OCS), mais conhecido no Brasil como conhecido Sistema Online de Acompanhamento de Conferências (SOAC), utilizado pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), (UFFS, 2017).

O Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) também dispõe de uma plataforma própria, desenvolvida a partir do manual da UFRN e posteriormente otimizada pela Diretoria de Tecnologia da Informação da instituição. Sua solução é utilizada para gerenciar os eventos promovidos pelo Ifes, realizar a avaliação de trabalhos e emitir certificados. Os eventos cadastrados no sistema podem ser consultados no endereço eletrônico sigeventos.ifes.edu.br.

Além do contexto institucional unificado e dos precedentes técnicos, diversos fatores específicos contribuem para o alto potencial de replicabilidade da plataforma proposta inicialmente para a UFSC conforme o Quadro 23.

Quadro 23 - Fatores específicos para replicabilidade da Plataforma

(continua)

Fatores	Características
Alinhamento institucional e técnico entre as IES	Sendo a UFSC uma IES federal, sua equipe de desenvolvimento possui conhecimento intrínseco das normas, processos e desafios tecnológicos comuns ao ambiente da rede.

[30] Disponível em: https://sig.unila.edu.br/eventos/login.xhtml. Acesso em out. 2024.

(continua)

Fatores	Características
Economia de escala e otimização de recursos	O desenvolvimento e a manutenção de uma plataforma única, ou de um núcleo comum adaptável, para múltiplas IES representam uma otimização significativa de recursos financeiros e humanos. Além disso, evita-se duplicação de esforços associados ao desenvolvimento.
Infraestrutura compartilhada	A Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), que conecta as IES federais e outras instituições de pesquisa, já oferece uma infraestrutura de rede de alta capacidade e pode ser alavancada para a hospedagem, distribuição e integração da plataforma, garantindo conectividade e desempenho adequados.
Simplificação burocrática	A formalização de acordos de cooperação técnica e o compartilhamento de tecnologia entre IES de mesma natureza (federais) tendem a enfrentar menos entraves burocráticos do que parcerias entre entidades de esferas ou naturezas distintas.
Fomento à inovação	A Lei de Inovação (Lei n.º 10.973/2004) e suas atualizações incentivam a cooperação técnica, científica e a transferência de tecnologia, também entre as próprias instituições públicas.

Fonte - Elaborado pelo autor (2025)

Apesar do cenário favorável, a replicação de uma plataforma em larga escala para outras universidades, institutos e centros técnicos federais, sua replicação em larga escala enfrentaria desafios, principalmente a customização para as necessidades de cada IES, a integração com sistemas legados distintos, o que demandará planejamento e desenvolvimento de APIs (Interfaces de Programação de Aplicações) robustas, e a gestão da mudança e capacitação das equipes locais.

Mesmo considerando os desafios, o potencial estratégico é evidente. A disseminação de uma plataforma robusta e compartilhada pode não apenas otimizar a gestão de eventos em cada instituição, mas também fortalecer a colaboração, o intercâmbio de conhecimento e a visibilidade da produção científica de toda a Rede

Federal de Educação, criando um terreno fértil para a iniciativa. Assim, a análise dos dados coletados e dos requisitos técnicos e legais fornece a base sólida para a proposição do artefato, que será detalhada no capítulo seguinte.

5 CARACTERIZAÇÃO DA PLATAFORMA UFSC

A partir das características fundamentais e essenciais apresentadas durante os capítulos anteriores foi elaborado um diagrama conceitual que divide a plataforma proposta em três módulos principais: “Gestor”, “Participante” e “Integração e Requisitos da Plataforma”, contemplando as principais funcionalidades desejadas na plataforma integrada de gestão de eventos da UFSC. Este diagrama tem por finalidade, contribuir efetivamente para a compreensão do que deve ser uma plataforma, dando uma visão geral e clara, além de reduzir os retrabalhos que possam ocorrer durante o processo de construção.

A concepção da plataforma materializa-se em uma arquitetura modular, projetada para atender às complexas demandas identificadas ao longo desta pesquisa. Conforme evidenciado no Capítulo 4, a gestão de eventos na instituição enfrenta desafios significativos, notadamente a falta de estruturas integradas, a carência de recursos financeiros e o baixo engajamento do público, aspectos corroborados pela enquete realizada com os gestores.

A análise de soluções de mercado, como as plataformas Sympla e Even3, e a investigação dos requisitos essenciais para sistemas públicos, reforçaram a necessidade de uma ferramenta que centralize, otimize e confira transparência aos processos. Autores como Zanella (2013) e Arruda Pessoa (2015) destacam que eventos são ferramentas estratégicas de relacionamento e divulgação científica, e a ausência de uma plataforma integrada, como observado, subutiliza esse potencial.

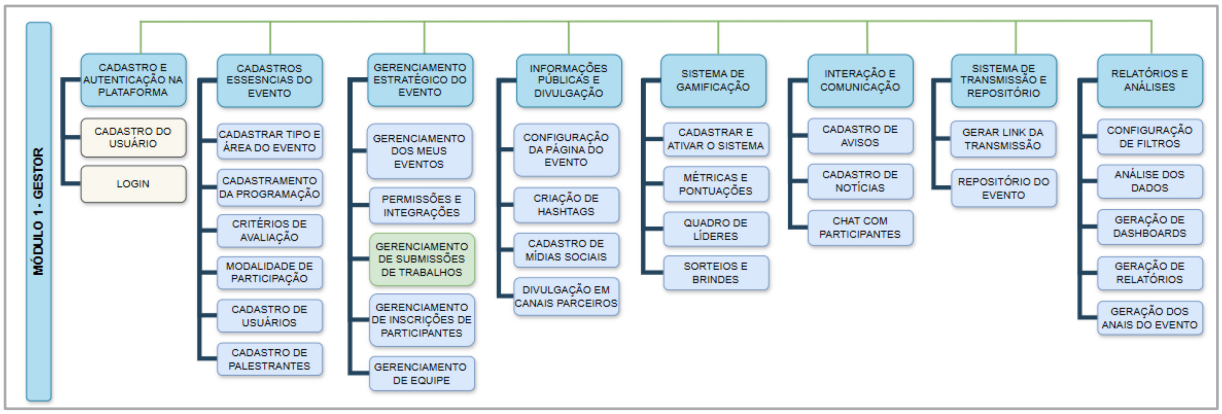
5.1 MÓDULO GESTOR

Nesse contexto, o Módulo “Gestor”, apresentado na Figura 22, constitui o núcleo administrativo e estratégico da plataforma, concebido para empoderar os organizadores de eventos com um conjunto robusto e coeso de funcionalidades. Este módulo foi estruturado para endereçar diretamente as dificuldades operacionais e

estratégicas apontadas, oferecendo uma solução que abrange todo o ciclo de vida de um evento, desde o planejamento inicial até a análise pós-realização e a geração de conhecimento.

A sua arquitetura atende diretamente aos requisitos funcionais e não funcionais detalhados nos Quadros 5B e 5C da metodologia, buscando aliar desempenho, segurança e uma experiência de uso superior. A seguir, detalham-se as funcionalidades que compõem este módulo, traçando sua interrelação com os objetivos e as características delineadas na pesquisa.

Figura 22 - Módulo Gestor



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A primeira interface apresentada é a de “Cadastro e Autenticação na Plataforma”. Ela é a porta de entrada para a gestão ao sistema de cadastro e autenticação, desenhado para garantir segurança e personalização da experiência administrativa, atendendo ao requisito funcional de segurança (autenticação e autorização), conforme preconizado por Silva (2017) e Pieters (2011). A opção “Cadastro do Usuário” permite que servidores e discentes, validados por meio de integração com os sistemas corporativos da UFSC, criem seus perfis de gestor. Esta funcionalidade responde à necessidade de controle de acesso rigoroso, um pilar de governança para uma plataforma pública. Já a opção “Login” assegura o acesso seguro à área administrativa. A integração com um sistema de identidade único simplifica o processo, reforçando a segurança dos dados em conformidade com o requisito legal da LGPD.

A segunda interface é a de “Cadastros Essenciais do Evento”. Esta seção centraliza a inserção das informações principais que estruturam o evento, promovendo a padronização e a organização. A implementação de um fluxo de

trabalho claro atende ao requisito funcional "fluxo de trabalho", que, segundo Inoue (2019), deve ser adaptado às necessidades dos diferentes tipos de usuários.

Na interface de cadastro essenciais do evento, a primeira opção que é destacada é “Cadastrar Tipo e Área do Evento” que permite a classificação do evento e sua vinculação a uma área do conhecimento, taxonomia fundamental para a geração de relatórios e análises, conforme a necessidade de mensuração de resultados destacada por Balduck *et al.* (2015). Já a opção “Cadastramento da Programação” oferece uma interface intuitiva para a criação da agenda do evento. A terceira e a quarta opção destacadas são “Critérios de Avaliação” e “Modalidade de Participação” ferramentas que conferem flexibilidade ao gestor para adaptar a plataforma a eventos acadêmicos e híbridos, refletindo a necessidade de adaptação a novos formatos. Por fim, temos a opção “Cadastro de Usuários” e “Cadastro de Palestrantes” que centraliza o gerenciamento dos envolvidos, facilitando a comunicação e a atribuição de permissões.

A terceira interface é “Gerenciamento Estratégico do Evento”. Este conjunto de funcionalidades constitui o painel de controle do evento, materializando o requisito de "Funcionalidades Principais" ao fornecer as ferramentas necessárias para uma gestão completa. A primeira opção desta interface é o “Gerenciamento dos Meus Eventos”, uma área que lista todos os eventos criados pelo gestor. Na sequência temos a “Permissões e Integrações”, ferramenta crucial para delegar acesso e gerenciar a integração com sistemas acadêmicos, atendendo ao requisito funcional de "Integrações" e respondendo a uma demanda prioritária de (87,5%) dos gestores por maior sinergia sistêmica.

As próximas opções são “Gerenciamento de Submissões de Trabalhos” e “Gerenciamento de Inscrições de Participantes”, que organizam os fluxos de submissão dos trabalhos enviados pelos participantes, automatizam os processos e otimizam o trabalho manual, uma das vantagens da transformação digital apontadas por Parker *et al*. (2018). Já a quinta e última opção é o “Gerenciamento de Equipe” que facilita a organização da equipe envolvida.

A próxima interface é “Informações Públicas e Divulgação” visando combater o baixo engajamento do público, esta seção permite aos gestores de ferramentas ampliar o alcance dos eventos, alinhando-se ao pensamento de Kunsch (2020), que destaca o papel da comunicação organizacional na interação com diversos públicos.

A primeira opção desta interface é “Configuração da Página do Evento” que permite a criação de uma página *web* customizável, melhorando a experiência do usuário, um aspecto central do requisito não funcional de "Usabilidade". Na sequência temos a “Criação de *Hashtag*s” e “Cadastro de Mídias Sociais” que fomentam a integração com redes sociais, principal inovação desejada pelos gestores (85,7% dos votos), e se alinha às estratégias de marketing digital consideradas mais eficazes por (87,5% dos votos) dos participantes da enquete.

A última opção é “Divulgação em Canais Parceiros” que automatiza a divulgação nos canais institucionais, potencializando a comunicação de forma integrada.

A interface “Sistema de Gamificação” possui estratégia de aumentar o engajamento nos eventos, por isso, a plataforma incorpora este módulo de gamificação. Esta é uma abordagem inovadora para aumentar a participação e o aprendizado, como sugerido por Dias, Sano e Medeiros (2019). As duas primeiras opções encontradas nessa interface é “Cadastrar e Ativar o Sistema” e “Métricas e Pontuações” que permitem ao gestor configurar dinâmicas de jogo, definindo regras para pontuação baseadas na participação. Já o “Quadro de Líderes” e “Sorteios e Brindes” exibem *rankings* e gerenciam recompensas, incentivando a participação ativa e contínua.

A próxima interface é “Interação e Comunicação” que permite a comunicação eficiente, e é pilar da comunicação organizacional. Este módulo oferece ferramentas para uma interação direta, aprimorando o relacionamento com os participantes. As duas primeiras opções destacadas são “Cadastro de Avisos” e “Cadastro de Notícias” que centralizam o envio de comunicados importantes, enquanto, o “Chat com Participantes” oferece um canal de comunicação em tempo real para esclarecimento de dúvidas, melhorando a experiência do usuário (UX).

A sétima interface do Módulo Gestor é “Sistema de Transmissão e Repositório”. Este módulo integra ferramentas de transmissão e armazenamento de conteúdo, garantindo a "Disponibilidade" do evento, um requisito não-funcional chave, destacado por Silva (2017); Pieters (2011); Reese (2009).

A opção “Gerar Link da Transmissão” facilita a integração com plataformas de *streaming*, como o serviço da RNP, garantindo uma solução robusta. A segunda opção é “Repositório do Evento” que cria um espaço para armazenamento de materiais,

contribuindo para a preservação da memória dos eventos, uma prática fundamental para a disseminação do conhecimento, como enfatizado pela CAPES (2019).

Por fim, temos a interface “Relatórios e Análises” para promover uma gestão baseada em dados, este módulo é dedicado à mensuração de resultados. A capacidade de analisar dados para otimizar futuras edições é uma aplicação promissora da tecnologia, como aponta Bartelle (2021). Neste módulo as primeiras opções são “Configuração de Filtros” e “Análise dos Dados” que permitem a extração de dados detalhados sobre inscrições e engajamento, atendendo ao requisito funcional de "Gerenciamento de dados".

Na sequência temos “Geração de *Dashboards*” e “Geração de Relatórios” que apresentam visualizações de dados e permitem a criação de relatórios gerenciais, que subsidiam o planejamento e a prestação de contas. A última encontrada nesta interface é “Geração dos Anais do Evento” que automatizam a compilação e publicação dos trabalhos, agilizando processos acadêmicos.

Em síntese, o “Módulo Gestor” foi concebido como uma resposta direta e articulada aos desafios e necessidades identificados na pesquisa. Cada funcionalidade busca solucionar um ponto de dor específico e está fundamentada tanto nos referenciais teóricos sobre comunicação e gestão de eventos quanto nos requisitos técnicos para plataformas digitais robustas, seguras e usáveis. Ao final, temos como objetivo transformar a gestão de eventos na UFSC em um processo mais eficiente, estratégico e transparente, alinhado às melhores práticas de gestão universitária na era digital.

Na sequência é apresentado o “Módulo Participante” que oferece uma experiência amigável e intuitiva, permitindo que os participantes acessem informações e serviços de forma facilitada.

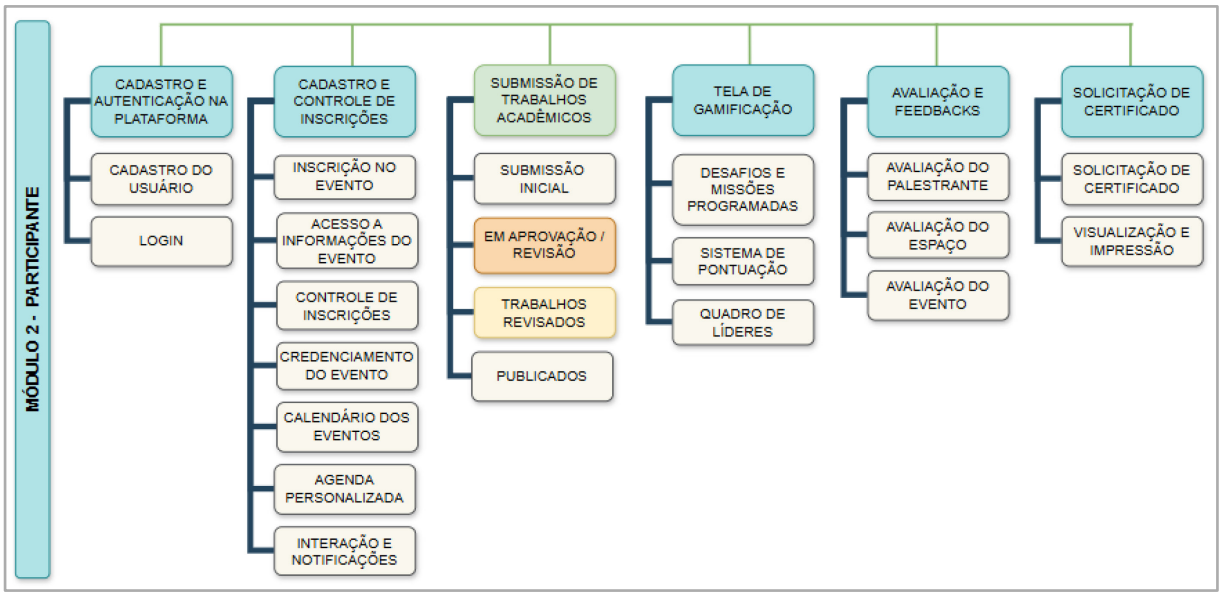
5.2 MÓDULO PARTICIPANTE

Enquanto o Módulo Gestor constitui o núcleo administrativo da plataforma, o “Módulo Participante” representa sua interface pública e o principal ponto de contato com a comunidade acadêmica e externa. Sua concepção é uma resposta direta ao desafio do "baixo engajamento do público", identificado como uma preocupação central pelos gestores da UFSC (62,5% dos respondentes), e ao princípio de que o público é a razão fundamental para a existência de um evento, como enfatiza Arruda

Pessoa (2015). O design deste módulo foi orientado pelos princípios de usabilidade e acessibilidade, buscando criar uma experiência de usuário (UX) intuitiva e inclusiva, conforme defendido por autores como Krug (2014) e as diretrizes da ISO 9241-11 (ABNT, 2008), para garantir que a tecnologia sirva como um facilitador e não como uma barreira.

Este módulo visa transformar a interação do participante com o evento, passando de um processo passivo e fragmentado para uma jornada ativa, personalizada e integrada. As funcionalidades aqui descritas foram projetadas para simplificar o acesso, fomentar a participação e maximizar a experiência do usuário final. A Figura 23 traz o módulo em destaque.

Figura 23 - Módulo Participante



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Neste módulo a primeira interface encontrada também é “Cadastro e Autenticação” na Plataforma. A jornada do participante inicia-se com um processo de registro e login simplificado, fundamental para uma experiência positiva desde o primeiro contato. Assim como no Módulo Gestor, aqui o participante deve acessar o “Cadastro do Usuário” que permite que qualquer interessado, seja da comunidade interna ou externa, crie um perfil único na plataforma. O processo deve ser ágil, solicitando apenas dados essenciais, em estrita conformidade com os princípios da LGPD (Lei n.º 13.709/2018). Caso o usuário já possua cadastro na Plataforma, ele deve acessar a opção “Login” que garante o acesso seguro ao perfil do usuário, onde suas inscrições, certificados e atividades ficam centralizados.

Na segunda interface encontramos o “Cadastro e Controle de Inscrições”. Este conjunto de ferramentas dá poder ao participante, oferecendo autonomia e controle sobre sua participação nos eventos, centralizando informações que, conforme a pesquisa, hoje se encontram dispersas.

A primeira opção nesta interface é “Inscrição no Evento” que é um fluxo de inscrição simplificado e intuitivo para os eventos de interesse. Na sequência temos “Acesso a Informações do Evento” que disponibiliza de forma centralizada toda a programação, perfil dos palestrantes, locais e materiais de apoio, combatendo a comunicação fragmentada, um dos principais desafios da gestão universitária apontado por Allen *et al.* (2011).

Já o “Controle de Inscrições” é uma área pessoal onde o participante pode visualizar e gerenciar todos os eventos nos quais está inscrito. Ainda neste ambiente, o “Credenciamento do Evento” oferece um QR Code único para o participante, agilizando o processo de *check-in* em eventos presenciais ou híbridos, uma funcionalidade essencial em plataformas modernas como Sympla e Even3.

As opções “Calendário dos Eventos” e “Agenda Personalizada” permitem ao usuário visualizar todos os eventos disponíveis na instituição e montar sua própria agenda, selecionando as atividades de interesse. Essa personalização da experiência é um recurso promissor para otimizar o engajamento, como destaca Bartelle (2021).

Por último temos a opção “Interação e Notificações” que é um sistema de alertas sobre o início de atividades, alterações na programação e comunicados gerais da organização, mantendo o participante engajado e bem-informado.

A Interface “Submissão de Trabalhos Acadêmicos” é uma funcionalidade de nicho, mas de suma importância para o contexto de uma universidade, que organiza inúmeros congressos e seminários. Este fluxo de trabalho digitaliza e confere transparência a um processo tradicionalmente complexo. Como proposta inicial, a pesquisa prevê o direcionamento das revisões para um Módulo de Integração Externo, porém, integrado com a plataforma pública proposta.

Nesta interface a primeira opção é “Submissão Inicial” que permite o envio de artigos, resumos e outros formatos de trabalho científico. A opção “Em Aprovação/Revisão” permite que o autor acompanhe em tempo real o status de sua submissão, desde o recebimento até o parecer final. Posteriormente temos “Trabalhos Revisados” e “Publicados” que disponibiliza os pareceres dos avaliadores e,

posteriormente, os trabalhos aprovados, que podem ser integrados aos anais do evento.

A interface “Tela de Gamificação” busca atender à demanda por maior interatividade e combater o "desinteresse do público" apontado como uma barreira à inovação. Este módulo utiliza mecânicas de jogos para incentivar a participação. A primeira opção destacada é “Desafios e Missões Programadas” que traz tarefas que o participante pode cumprir para ganhar pontos, como fazer *check-in* em uma palestra ou interagir em um fórum.

Na sequência temos “Sistema de Pontuação” e “Quadro de Líderes” que traz um sistema transparente de pontos e um *ranking* que estimulam a competição saudável e o engajamento contínuo durante o evento. A gamificação é uma estratégia eficaz para aumentar a participação, como corroborado por Dias, Sano e Medeiros (2019).

A próxima interface encontrada no Módulo Participante é “Avaliação e Feedbacks”. Essa foi pensada para criar um ciclo de melhoria contínua, desta forma, a plataforma deve coletar ativamente a percepção dos participantes, fornecendo dados valiosos para os gestores. Neste módulo temos como primeiras opções a “Avaliação do Palestrante” e “Avaliação do Espaço” permitindo que os participantes avaliem sessões específicas e a infraestrutura do evento. Por último, encontramos “Avaliação do Evento” que coleta um *feedback* geral sobre a experiência, medindo o nível de satisfação do participante. Este é um componente chave da usabilidade segundo a norma ISO 9241-11.

A última interface do Módulo Participante é “Solicitação de Certificado”. Esta funcionalidade automatiza um dos processos mais críticos e demandados em eventos institucionais, acadêmicos e técnico-científicos, respondendo diretamente a uma das funcionalidades mais desejadas pelos gestores da UFSC, “a integração com o sistema de certificados”, apontada como essencial por 87,5% dos respondentes.

Nesta interface encontra-se a opção “Solicitação de Certificado” que permite, a partir de clique, que o participante que cumpriu os requisitos de presença possa solicitar seu certificado. Também está disponível a opção “Visualização e Impressão” do documento digital, com autenticação de validade, que fica permanentemente disponível no perfil do usuário para visualização e download.

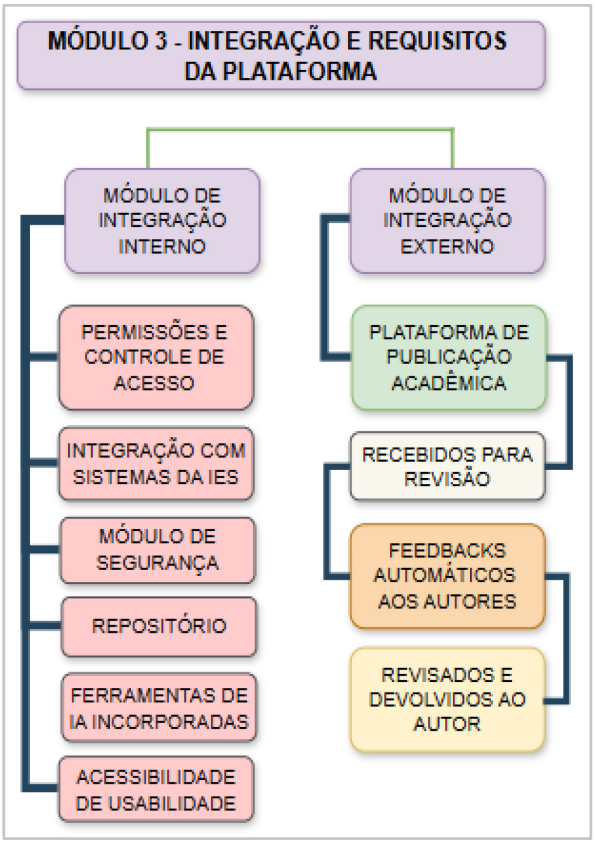
Em resumo, o “Módulo Participante” foi meticulosamente desenhado para colocar o usuário no centro da experiência. Ao oferecer ferramentas de

personalização, facilitar o acesso à informação, promover a interatividade e automatizar processos-chave, a plataforma não apenas soluciona problemas de engajamento e comunicação, mas também fortalece o relacionamento entre a universidade e seus públicos, alinhando-se à sua missão de disseminar o conhecimento de forma aberta e acessível.

5.3 MÓDULO INTEGRAÇÃO E REQUISITOS

Se os módulos Gestor e Participante representam as interfaces visíveis da plataforma, o Módulo Integração e Requisitos constitui sua espinha dorsal técnica e conceitual. A Figura 24 destaca este módulo e suas funcionalidades.

Figura 24 - Módulo Integração e Requisitos da Plataforma



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Este módulo não é uma área de interação direta para a maioria dos usuários, mas sim a camada fundamental que garante o funcionamento coeso, seguro e eficiente de todo o ecossistema digital. Sua arquitetura é a materialização dos requisitos funcionais e não funcionais, detalhados nos Quadros 10 e 11 da pesquisa,

e foi projetada para resolver um dos problemas mais críticos da gestão universitária: a interoperabilidade entre sistemas e a conformidade com as rigorosas normativas do setor público.

Este capítulo detalha os componentes internos e externos que compõem esta infraestrutura de suporte, demonstrando como cada elemento responde a uma necessidade teórica ou empírica levantada durante o estudo. O Módulo de “Módulo de Integração Interno” contém o conjunto de componentes assegurando que a plataforma opere de maneira harmoniosa dentro do ambiente tecnológico da UFSC, garantindo segurança, consistência e conformidade.

A primeira opção encontrada neste módulo é “Permissões e Controle de Acesso” que implementa um sistema de autorização hierarquizado, garantindo que cada usuário (gestor, membro de equipe, avaliador) acesse apenas as funcionalidades pertinentes ao seu papel. Este componente é essencial para atender ao requisito não-funcional de “Segurança”, protegendo a integridade dos dados e das operações, em linha com as preocupações de segurança em nuvem de autores como Pieters (2011) e Reese (2009).

Na sequência temos “Integração com Sistemas da IES”. Este é talvez o componente mais estratégico do módulo, pois responde diretamente à "falta de estruturas integradas" apontada como o principal desafio pelos gestores (87,5% dos respondentes). Para eles, a plataforma deve ser capaz de se comunicar com sistemas legados da universidade, como o sistema acadêmico (para validação de matrículas), o sistema de RH (para autenticação de servidores) e, crucialmente, o sistema de certificação. Essa interoperabilidade é um pilar da Transformação Digital (TD) bem-sucedida, que, segundo Pacheco *et al. (*2020), promove maior integração entre a universidade e sua comunidade.

Já a opção “Módulo de Segurança”, que diferente do controle de acesso, este componente abrange a proteção contra ameaças cibernéticas, a criptografia de dados em trânsito e em repouso e a conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). Ele materializa o Princípio da Segurança e Prevenção em destaque no Quadro Princípios Fundamentais da LGPD, criado a partir da Lei n.º 13.709/2018, sendo um requisito legal e de confiança indispensável para uma plataforma pública.

O componente “Repositório” constitui a base de dados centralizada da plataforma, onde todas as informações dos eventos, materiais, submissões e certificados são armazenados de forma segura e organizada. Este repositório não

apenas serve às operações do dia a dia, mas também à preservação da memória institucional, um valor destacado pela CAPES (2019).

Conseguinte temos a opção “Ferramentas de IA Incorporadas” com uma perspectiva de inovação contínua, a arquitetura da plataforma deve prever a incorporação de Inteligência Artificial. Conforme discutido por Bartelle (2021) e Kunsch, Lima e Sampaio (2022), a IA pode ser utilizada para personalizar a experiência do participante, otimizar a logística de eventos e analisar grandes volumes de dados para gerar percepções, posicionando a universidade na vanguarda da gestão de eventos.

A última opção deste módulo é “Acessibilidade de Usabilidade”. Este requisito não-funcional permeia toda a plataforma. A arquitetura deve garantir que o design das interfaces e as funcionalidades sejam aderentes às diretrizes do WCAG e à Lei Brasileira de Inclusão (LBI), como detalhado na pesquisa. A aplicação dos princípios de autores como Krug (2014) e Nielsen (1993) não é um complemento, mas uma exigência fundamental para garantir o acesso democrático e inclusivo.

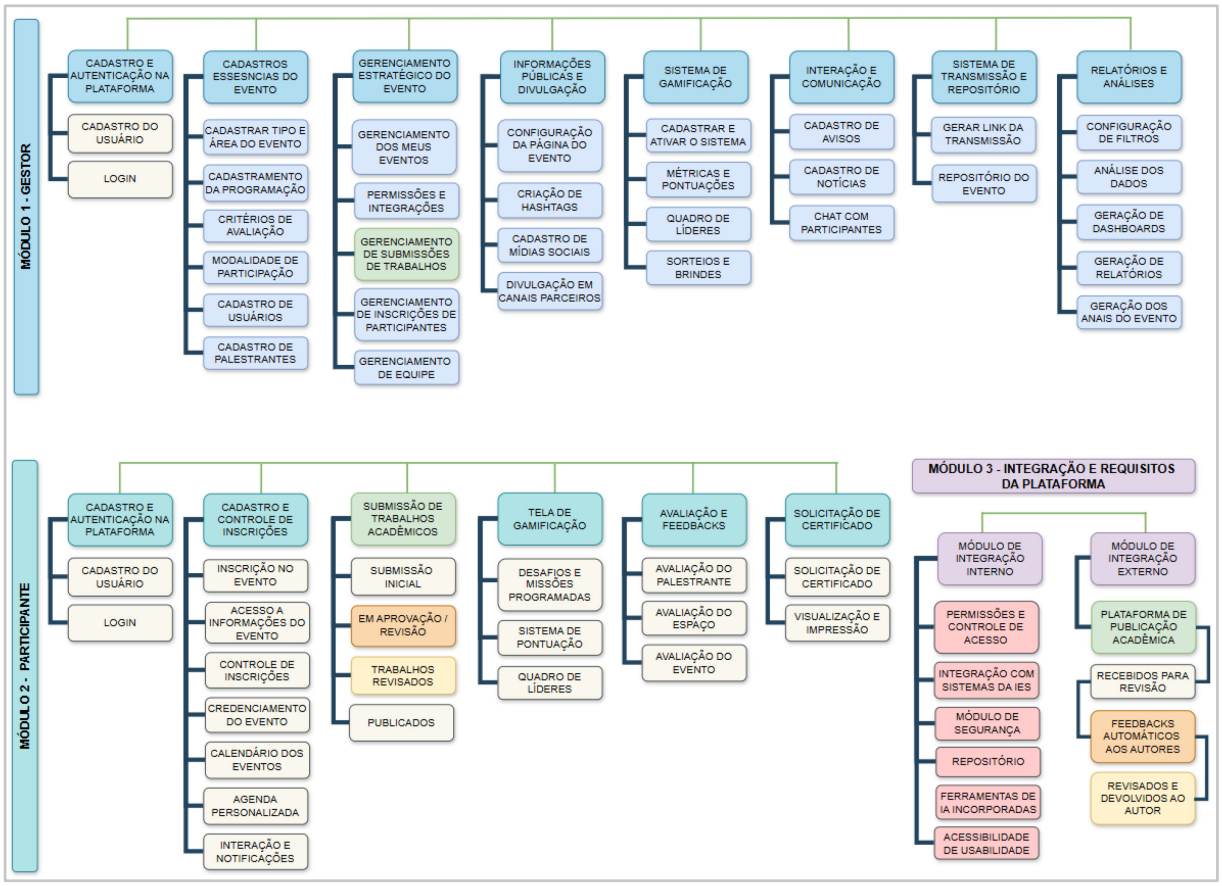
Os últimos conjuntos de funcionalidades estão presentes no “Módulo de Integração Externo”. Este componente foca na comunicação da plataforma com sistemas e processos externos, notadamente aqueles ligados à produção e disseminação científica, o cerne da missão universitária. Este módulo contém a interface “Plataforma de Publicação Acadêmica” que representa a integração do sistema de submissão de trabalhos com o ecossistema de publicações científicas.

O fluxo detalhado abaixo digitaliza e otimiza o processo de revisão por pares. Primeiro os trabalhos são “Recebidos para Revisão” processo que organiza os trabalhos submetidos e os direciona para os avaliadores cadastrados. A etapa seguinte é “*Feedbacks* Automáticos aos Autores” que mantém os autores informados sobre cada etapa do processo de avaliação, aumentando a transparência e melhorando a experiência do pesquisador. A última etapa do processo é “Revisados e Devolvidos” ao Autor. Este consolida os pareceres e os envia de volta ao autor para correção ou notificação de aceite/recusa.

Este fluxo de trabalho não apenas confere eficiência a um processo crítico, mas também reforça o papel da universidade como polo de produção e validação do conhecimento científico, uma de suas funções primordiais, conforme apontado por Göransson *et al.* (2009).

A análise dos três módulos - Gestor, Participante e Integração e Requisitos - revela a proposta de uma plataforma que transcende a mera funcionalidade de uma ferramenta de eventos. Trata-se de um ecossistema digital integrado, projetado para ser um ativo estratégico para a Universidade Federal de Santa Catarina. A representação integral do Diagrama da Plataforma está representada na Figura 25.

Figura 25 - Diagrama conceitual da Plataforma Pública



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

O Módulo Gestor ataca diretamente a ineficiência e a fragmentação, oferecendo aos organizadores as ferramentas para um planejamento e execução de excelência, com base em dados e processos padronizados. O Módulo Participante, por sua vez, foca na experiência do usuário, utilizando personalização, interatividade e gamificação para combater o baixo engajamento e transformar a participação em eventos em uma jornada mais rica e valiosa. Finalmente, o Módulo de Integração e Requisitos serve como alicerce, garantindo que a plataforma seja segura, acessível, escalável e perfeitamente alinhada ao complexo ambiente tecnológico e regulatório da instituição.

Para a comunidade acadêmica interna, a plataforma representa uma otimização de recursos, a redução da carga de trabalho manual e burocrática, e a criação de um calendário unificado que promove a visibilidade e a colaboração interdisciplinar. Ela potencializa a capacidade da universidade de organizar eventos de alto impacto, desde a submissão de trabalhos científicos até a emissão automatizada de certificados.

Enquanto para o público externo e a sociedade, a plataforma se consolida como um poderoso instrumento de Comunicação Pública, conceito explorado por Duarte (2012). Ela se torna a principal vitrine da produção científica, tecnológica, cultural e de extensão da universidade, tornando o conhecimento gerado mais acessível e transparente. Ao facilitar a participação da comunidade em seus eventos, a UFSC fortalece seus laços com a sociedade, cumpre sua função social de disseminação do saber e reforça sua imagem como uma instituição pública, gratuita e de excelência a serviço do país.

5.4 PROPOSTA DE MODELO PARA IMPLANTAÇÃO E GOVERNANÇA DA PLATAFORMA

A transição de um artefato conceitual, como o diagrama da plataforma de eventos proposto, para um sistema funcional e plenamente integrado à rotina de uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública, demanda um modelo de implantação estratégico e pragmático. A mera existência de uma solução tecnológica não garante sua adoção ou sucesso; o processo de implementação é tão crítico quanto o design do próprio artefato.

Este capítulo delineia uma proposta de implantação em fases, inspirada em metodologias ágeis e em referenciais de sucesso da própria UFSC, como o projeto "Observatório UFSC". Adicionalmente, aborda-se a necessidade de uma estrutura de governança robusta e de um plano de gestão da mudança, elementos cruciais para superar as barreiras identificadas na pesquisa, como a "resistência cultural às mudanças" e a "falta de estruturas integradas".

5.4.1 Paradigmas de Implantação e o Precedente do Observatório UFSC

A literatura sobre transformação digital no setor público aponta que abordagens monolíticas e de "big-bang" (implementação única e total) são arriscadas e frequentemente ineficazes, especialmente em organizações complexas como as universidades (Pacheco *et al.*, 2020). Em vez disso, modelos iterativos - capazes de descrever ações, processos ou métodos que se repetem, gerando um ciclo de aprimoramento e refinamento contínuo até que um resultado satisfatório seja alcançado - e incrementais, que permitem aprendizado contínuo e ajustes de rota, são mais adequados.

Nesse sentido, a implantação do Observatório UFSC[31] serve como um valioso estudo de caso interno. Lançado oficialmente em novembro de 2021, o Observatório surgiu da "necessidade de evidenciar os dados e informações da Universidade [...] em uma plataforma única e integrada", com o objetivo de "modernizar a gestão e dar transparência às ações da UFSC". Sua estratégia de lançamento com mais de 300 indicadores sobre 21 áreas, com a previsão de ser "gradualmente ampliado", demonstra a eficácia de uma abordagem faseada. O projeto partiu de uma necessidade clara, obteve apoio estratégico da alta gestão e entregou valor de forma incremental, consolidando-se como uma ferramenta de referência para a comunidade e outras instituições.

Inspirado neste modelo, propõe-se um ciclo de vida para a implantação da Plataforma Integrada de Eventos da UFSC, dividido em três fases distintas, cada uma com objetivos, escopo e entregáveis claros.

5.4.2 Modelo de Implantação Faseado

Fase 1: Prova de Conceito e Projeto Piloto (6 a 9 meses)

Possui intuito de validar as funcionalidades centrais da plataforma, testar a arquitetura técnica e gerar engajamento inicial com um grupo controlado de usuários. Quanto ao Escopo de implantação da Fase 1, destacam-se: i) Desenvolvimento do Produto Mínimo Viável (MVP), focado nas funcionalidades essenciais do “Módulo Gestor”, como o cadastro de eventos, a gestão de inscrições e a configuração da

[31] Disponível em: https://obs.ufsc.br/observatorio/portal/. Acesso em set. 2025.

página pública do evento; ii) Seleção de 2 a 3 unidades organizadoras de eventos de alto volume e relevância como parceiras piloto. Com base no Quadro 3 da pesquisa, unidades como a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), a Secretaria de Cultura, Arte e Esporte (SeCArtE) ou a Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ) seriam candidatas ideais; e iii) Implementação do “Módulo Participante” com as funcionalidades básicas de cadastro, login, inscrição e visualização da agenda.

Esta etapa de implementação deve garantir a Plataforma funcional com o MVP, documentação dos resultados do piloto, coleta de *feedback* estruturado dos usuários-piloto e um plano de ajustes e melhorias. Por fim, a Fase 1 deve mitigar os riscos associados a grandes investimentos iniciais, um ponto sensível dado a "escassez de recursos financeiros" apontada pelos gestores.

Fase 2: Expansão e Integrações Críticas (9 a 12 meses)

Esta fase pretende ampliar o uso da Plataforma para um número maior de unidades da UFSC e implementar as integrações sistêmicas que conferem o caráter "integrado" à solução. No escopo da Fase 2 estão: i) Incorporação de novas unidades gestoras, com base no aprendizado da fase piloto; ii) Desenvolvimento e implementação das integrações do “Módulo 3 - Integração e Requisitos da Plataforma”, priorizando aquelas de maior impacto, como a "Integração com Sistemas da IES". A exemplo, a integração com o sistema de certificação da UFSC, é a demanda de 87,5% dos gestores, e deve ser a prioridade máxima desta fase. Além disso, a integração com o calendário acadêmico (desejada por 75%) e os sistemas de autenticação da universidade também são de suma importância; e iii) Aprimoramento das funcionalidades existentes com base no *feedback* da Fase 1.

Ao final desta fase a Plataforma possuirá novos módulos de integração funcionais, documentação das APIs desenvolvidas, manuais de usuário e material de treinamento, e um plano de expansão para toda a universidade.

Fase 3: Consolidação e Inovação Contínua

Com objetivo de universalizar o uso da plataforma na UFSC, e consolidá-la como o canal oficial para gestão de eventos, será preciso introduzir funcionalidades avançadas que agreguem valor estratégico. Quanto ao escopo para esta fase estão: i) Disponibilização da plataforma para todas as unidades da UFSC; ii) Implementação

das funcionalidades avançadas previstas no diagrama, como o "Sistema de Gamificação" para aumentar o engajamento e as "Ferramentas de IA Incorporadas" para análise de dados e personalização da experiência, conforme sugerido por Bartelle (2021); e iii) Criação de um ciclo de vida de desenvolvimento contínuo para atualizações, correções e novas funcionalidades, com base no *feedback* da comunidade e nas tendências tecnológicas.

Os entregáveis da Fase 3 de implantação deixará a Plataforma em pleno funcionamento e adotada em toda a instituição. Além de um roteiro (roadmap[32]) de inovações futuras, relatórios e dashboards de impacto gerados a partir da plataforma.

5.4.3 Governança do Projeto e Gestão da Mudança

Uma estrutura de governança clara é essencial para guiar a implantação. Desta forma, propõe-se a criação de um Comitê Gestor da Plataforma, com representação multissetorial, incluindo membros da Superintendência de Governança Eletrônica e Tecnologia da Informação (SETIC), da Secretaria de Comunicação (SECOM) e das principais pró-reitorias e secretarias organizadoras de eventos. Este comitê será responsável por decisões estratégicas, alocação de recursos e supervisão do cronograma.

Paralelamente, um plano robusto de Gestão da Mudança Organizacional deve ser executado. A literatura sobre adoção de tecnologia em universidades enfatiza que o "lado humano" da transformação é determinante (Perides, Vasconcellos & Vasconcellos, 2020). Para superar a "resistência cultural" e a "preferência por métodos tradicionais", o plano deve incluir: i) Comunicação Contínua: Manter toda a comunidade informada sobre os objetivos, o progresso e, principalmente, os benefícios da plataforma; ii) Capacitação e Suporte: Oferecer workshops, tutoriais e canais de suporte eficientes para garantir que os gestores de eventos se sintam seguros e capacitados para utilizar a nova ferramenta; e iii) Engajamento dos Interessados: Envolver os futuros usuários desde as fases iniciais, coletando *feedback* e fazendo com que se sintam parte do processo de construção, o que aumenta a aceitação e a satisfação.

---

[32] Um roadmap é uma representação visual de uma estratégia. Ele mostra os objetivos que uma equipe está trabalhando e como eles vão atingi-los. Fonte: https://miro.com/pt/agile/o-que-e-roadmap/#o-que-%C3%A9-um-roadmap. Acesso em set. 2025.

Ao adotar este modelo de implantação faseado, governança participativa e gestão da mudança proativa, a UFSC pode não apenas construir uma plataforma tecnicamente sólida, mas também garantir sua plena absorção pela cultura organizacional, transformando-a, de fato, na solução integrada e eficiente que a comunidade acadêmica demanda.

O Capítulo 6 - Considerações Finais - traz resultados da pesquisa, onde estão destacados os pontos positivos e negativos da pesquisa, dando ênfase nos objetivos geral e específicos, e destacando as possibilidades de estudos futuros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação debruçou-se sobre a complexa dinâmica da gestão de eventos em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, culminando no desenvolvimento de uma especificação artefatual para uma plataforma integrada. *O estudo partiu do seguinte problema de pesquisa: Quais são os elementos essenciais para o desenvolvimento de uma plataforma integrada de gestão de eventos de uma instituição pública de ensino superior?* A jornada para responder a esta questão foi orientada pelo objetivo geral de propor um diagrama conceitual de uma plataforma de gestão de eventos para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), considerando as múltiplas facetas de suas atividades institucionais, acadêmicas e técnico-científicas.

Para alcançar tal propósito, os objetivos específicos foram metodicamente perseguidos. Inicialmente, procedeu-se à “identificação dos principais agentes gestores de eventos na UFSC e suas dificuldades”, o que foi realizado por meio da análise aprofundada dos Relatórios de Gestão (2017-2023) e da aplicação de uma enquete com especialistas da instituição. Os resultados revelaram um cenário de notória fragmentação organizacional, com desafios preponderantes como a "falta de estruturas integradas" (apontada por 87,5% dos gestores), a "escassez de recursos financeiros" (75%) e o "baixo engajamento do público" (62,5%).

A seguir, a pesquisa dedicou-se a “analisar estudos sobre plataformas de eventos existentes”, com ênfase nas soluções de mercado Sympla e Even3. Esta análise, instrumentalizada pela matriz SWOT, permitiu identificar funcionalidades consolidadas e melhores práticas em automação de processos, experiência do

usuário e ferramentas especializadas, como as de submissão de trabalhos acadêmicos, que informaram a concepção da proposta.

Com base nesse diagnóstico, foi possível “definir os requisitos funcionais e não funcionais para a plataforma”. Esta etapa extrapolou a mera replicação de funcionalidades, ao triangular as demandas dos gestores da UFSC, as melhores práticas de mercado e as exigências singulares do setor público. Foram detalhadas características particulares indispensáveis, como a conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), o respeito aos direitos autorais e de imagem, e a aderência a rigorosos princípios de acessibilidade digital e usabilidade.

Finalmente, o objetivo de “elaborar o diagrama da plataforma pública e seus componentes” foi plenamente atingido, materializando-se como a principal contribuição deste trabalho. O artefato proposto, estruturado nos módulos Gestor, Participante e Integração e Requisitos, oferece uma solução holística que abrange todo o ciclo de vida de um evento. Adicionalmente, a pesquisa avançou ao propor um modelo de implantação faseado, inspirado no sucesso do projeto Observatório UFSC, e uma estrutura de governança e gestão da mudança, conferindo pragmatismo e viabilidade à proposta.

Dentre as funcionalidades especificadas, a gestão integrada do ciclo de submissão de trabalhos acadêmicos merece destaque. Este componente é um diferencial crucial que alinha a plataforma diretamente à missão de pesquisa e produção científica da universidade. Ao digitalizar e automatizar um processo tradicionalmente complexo, que envolve a definição de critérios pelo Módulo Gestor, o envio e acompanhamento pelo Módulo Participante e o fluxo de revisão gerenciado pelo Módulo de Integração, a plataforma não apenas otimiza um processo operacional, mas também confere maior transparência e rigor à organização de congressos, seminários e simpósios. Essa funcionalidade exemplifica de forma contundente como o artefato proposto traduz uma necessidade estratégica da IES em uma solução tecnológica prática, que fomenta a produção e a disseminação do conhecimento, um dos principais indicadores de impacto da instituição.

A principal contribuição científica deste estudo reside, portanto, na especificação conceitual de uma plataforma que responde diretamente aos desafios da comunicação pública e da gestão universitária na era da transformação digital. O trabalho demonstrou, por meio da metodologia *Design Science Research* (DSR), como a construção de um artefato tecnológico pode ser um vetor para solucionar

problemas organizacionais práticos, ao mesmo tempo que gera conhecimento aplicável. A plataforma proposta não é apenas uma ferramenta operacional, mas um ecossistema digital estratégico, capaz de otimizar recursos, ampliar a visibilidade da produção acadêmica e fortalecer o relacionamento da universidade com a sociedade, consolidando-se como um poderoso instrumento de Comunicação Pública.

Reconhece-se, contudo, as limitações inerentes a este estudo. A proposta permanece no campo conceitual, e sua efetividade prática dependerá de uma futura implementação e validação em ambiente real. Adicionalmente, uma limitação de ordem metodológica deve ser pontuada. A metodologia DSR, na adaptação de Dresch *et al.* (2015) aqui adotada, prevê como etapa final a "Avaliação" do artefato. Este passo consistiria na validação do diagrama conceitual proposto junto aos mesmos especialistas que participaram da enquete inicial. Contudo, em virtude do cronograma para a execução desta dissertação, essa etapa não foi realizada. Recomenda-se, portanto, que esta validação seja conduzida como uma fase preliminar indispensável em estudos futuros, antes do efetivo desenvolvimento técnico da plataforma, a fim de refinar e ratificar os requisitos aqui especificados. Embora a pesquisa aponte para um alto potencial de replicabilidade na Rede Federal de Ensino Superior, a generalização dos resultados deve ser feita com cautela, dadas as especificidades culturais e estruturais de cada instituição.

Como sugestões para estudos futuros, recomenda-se: i) a investigação de modelos de financiamento e sustentabilidade para a manutenção da plataforma no setor público; ii) a realização de testes de usabilidade com os públicos-alvo (gestores e participantes) a partir de um protótipo funcional; iii) a análise do impacto da plataforma, após implementada, nos indicadores de engajamento e na otimização de processos; e iv) a exploração aprofundada da integração de tecnologias emergentes, como Inteligência Artificial e Realidade Virtual, para enriquecer a experiência dos eventos e automatizar tarefas complexas de gestão.

Por fim, conclui-se que os elementos essenciais para o desenvolvimento de uma plataforma integrada de eventos para uma IES pública englobam uma arquitetura modular e flexível, a integração profunda com os sistemas institucionais, o foco na experiência do usuário e a estrita observância aos princípios de transparência, acessibilidade e segurança que regem o serviço público. A implementação de tal solução representa um passo decisivo para superar a fragmentação histórica e alinhar

a gestão de eventos à missão estratégica da universidade de produzir e disseminar conhecimento de forma aberta, eficiente e impactante para toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

Televisão Universitária do RN (TVU): Contribuição para a Democratização da Informação e a Difusão do Conhecimento Científico produzido pela Universidade. 2012. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

ALBERTIN, L. **Inteligência Artificial Aplicada à Gestão**: Estratégias, Tecnologias e Aplicações. Revista de administração pública, Rio de Janeiro, 2008, p. 1-28, abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/37B3xwwvmvw5bnVzJRXyXLD/?format=pdf&lang=pt#:~:text=Os%20benef%C3%ADcios%20de%20TI%20incluem,competitiva%20e%20transforma%C3%A7%C3%A3o%20de%20neg%C3%B3cio>. Acesso em: 29 ago. 2024.

ALLEN, Johnny; O'TOOLE, William; HARRIS, Robert *et al.* **Organização e gestão de eventos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

ALMARAZ-MENENDEZ, Fernando; MAZ-MACHADO, Alexander; LOPEZ-ESTEBAN, Carmen. University Strategy and Digital Transformation In Higher Education Institutions. A Documentary Analysis. **Internation Jornal of Advanced Research (IJAR)**. Nov. 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.21474/IJAR01/2337.

ALVES, D. C. da Silva; SANTOS, L. A. da Silva Santos. **Lei de Acesso à Informação e Usabilidade em Plataformas Digitais**: Um estudo em sites de Prefeituras do Agreste Setentrional Pernambucano. 2019. Disponível em: https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/2166/1/tcc_art_dianecarladasilvaalves.pdf. Acesso em: 13 abr. 2024.

AMARATUNGA, D.; BALDRY, D.; SARSHAR, M.; NEWTON, R. **Quantitative and qualitative research in the built environment**: application of “mixed” research approach. Work Study, v. 51 n.1, 2002.

AMORIM, Lidiane; OLIVEIRA, Rosângela Florczak. **O lugar da comunicação estratégica e relacional nas organizações educacionais**. In: WELS, Ana; SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade (org.). De qual comunicação organizacional estamos falando? Porto Alegre: Edipucrs, 2015. p. 68 - 79.

ANGELUCI, A. C. B.; REDIGOLO, G. L.; ARAKAKI, P. J.; DA SILVA, P. S. F. **Design science research como método para pesquisas em tdic na educação.** Congresso Internacional de Educação e Tecnologias - CIET - EnPED. 2020.

ANSELL, Christopher; MIURA, Satoshi. **O poder das plataformas pode ser aproveitado para a governança?** Administração Pública, v. 98, n. 1, p. 261-276, 2020. DOI: 10.1111/padm.12636. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/padm.12636. Acesso em: 23 out. 2023.

AKEN, J. E. V. **Management Research Based on the Paradigm of the Design Sciences**: The Quest for Field-Tested and Grounded Technological Rules. Journal of Management Studies, v. 41, n. 2, p. 219-246, 2004.

AQUINO, Estela M. L. *et al.* **Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19**: potenciais impactos e desafios no Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, v. 25, suppl. 1, p. 2423-2446, jun. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/3dsjL8KRBQx8G3x3CL57M9K/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 28 abr. 2025.

ARAÚJO, Yasmin Lisboa; FRANKLIN, Luiza Amália Soares. **Efeitos do covid-19 nas tendências da indústria de eventos e repercussões no Brasil**. Ateliê do Turismo, Campo Grande, v. 7, n. 1, p. 48-67, jan./jun. 2023. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/adturismo/article/download/15248/12049/. Acesso em: 28 abr. 2025. DOI: https://doi.org/10.55028/at.v7i1.15248.

ARÁNEGA, A.Y.; Montesinos, C.G.; del Val Núñez, M.T. **Towards an entrepreneurial leadership based on kindness in a digital age**. J. Bus. Res. 2023, 159, 113747. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0148296323001054?via%3Dihub. Acesso em 20 out. 2023.

ARDITO, C., *et al.* **Uma abordagem para avaliação de usabilidade de aplicativos de e-learning**. Acesso Universal na Sociedade da Informação, 4(3), 270–283, 2006. doi:10.1007/s10209-005-0008-6.

ARRUDA, D. F. de. **Benefícios e Desafios Encontrados na Adoção de Cloud Computing**. Caruaru, PE. 2011. Disponível em: http://www.facol.com/si/downloads/Revista_SI_2011/Artigo04.pdf. Acesso em: 05 set. 2020.

ARRUDA PESSOA, M. **Os eventos institucionais como estratégias comunicativas**. Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília, v.7, n. 2, p. 182-203, 2915. Disponível em: https:// doi.org/10.31501/comunicologia.v7i2.5657.

ARRUDA PESSOA, M. **O Desenvolvimento de Eventos como Estratégias da Comunicação Organizacional:** Um Estudo de Caso da Universidade Metodista de São Paulo. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) - Universidade Metodista de São Paulo.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9241-11: **Requisitos Ergonômicos para Trabalho de Escritórios com Computadores Parte 11 – Orientações sobre Usabilidade**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: https://www.inf.ufsc.br/~edla.ramos/ine5624/_Walter/Normas/Parte%2011/iso9241-11F2.pdf. Acesso em: 16 jun. 2024.

BALDUCK, Anneleen *et al*. **Communicating university events**: analysing students' motives and information acquisition behaviour. Public Relations Review, v. 41, n. 5, p. 809-814, dez. 2015.

BAKER, M. **Digital Transformation;** Buckingham Business Monographs: Buckingham, UK, 2015.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 8. ed. rev. - Cap. 1, 2 e 3. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

BARBOSA, Matheus B. **O Processo de Inovação na Administração Pública:** proposta de Sistema de Informações Gerenciais de Gestão de Pessoas na Universidade Federal do Pampa. Faculdade de Administração e Turismo. Pelotas. 2018.

BARLING, J.; WEBER, T.; KELLOWAY, E.K. **Effects of transformational leadership training on attitudinal and financial outcomes**: A field experiment. Journal of Applied Psychology, v. 81, p. 827, 1996. Disponível em: http://doi.org/10.1037/0021-9010.81.6.827.

BARTRAM, T.; CASIMIR, G. **The relationship between leadership and follower in-role performance and satisfaction with the leader**: The mediating effects of empowerment and trust in the leader. Leadersh. Organ. Dev. J. v. 28, p. 4–19, 2007. Disponível em: https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JOSM-05-2020-0160/full/html.

BARTSCH, S.; WEBER, E.; BÜTTGEN, M.; HUBER, A. **Leadership matters in crisis-induced digital transformation**: How to lead service employees effectively during the COVID-19 pandemic. Journal of Service Management, v. 32, p. 71–85, 2020.

BARTELLE, L. B. A inteligência artificial e a educação superior online. **Trajetória Multicursos**, v. 11, n. 22, p. 110-125, 2021. Disponível em: https://cientifica.cnec.br/trajetoria/article/view/3089. Acesso em: 5 maio 2025.

BARICHELLO, Eugenia Maria Mariano; MACHADO, Jones. **Comunicação organizacional no contexto midiático digital**: a reconfiguração dos fluxos comunicacionais. Comunicação Midiática, v. 7, n. 2, p. 162-177, 2012.

BARTELLE, L. B. A inteligência artificial e a educação superior online. **Trajetória Multicursos**, v. 11, n. 22, p. 110-125, 2021. Disponível em: https://cientifica.cnec.br/trajetoria/article/view/3089. Acesso em: 5 maio 2025.

BEJINARU, Ruxandra. **Impact of Digitalization on Education in the Knowledge Economy**. Academia de Cientistas Romenos, Bucareste, Romênia, 2017. ISSN 2392-8042 (on-line).

BOWDIN, G. A. J. *et al.* **Events management**. 3. ed. Routledge, 2011.

BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. **Social network sites**: Definition, history, and scholarship. Journal of Computer-Mediated Communication, v. 13, p. 210-230, 2007.

BUENO, W. da C. **Comunicação Científica e Divulgação Científica**: aproximações e rupturas conceituais. Informação & Informação, Londrina, v. 15, n. esp, p. 1-12, 2010. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/14078. Acesso em: 17 ago. 2022.

BUDUMA, N.; LOCASCIO, N. **Fundamentals of Deep Learning**: Designing Next-Generation Machine Intelligence Algorithms. O'Reilly: Beijing, China, 2017.

BAYM, N. K. **Connect with your audience**! The relational labor of connection. The Communication Review, v. 18, n. 1, p. 14–22, 2015. doi:10.1080/10714421.2015.996401.

BUNTAK, Krešimir; KOACIC, M.; MARTINCEVIC, I. **The impact of digital transformation on knowledge management in organization**. Advances in Business-Related Scientific Research Journal, v. 11, n. 1, p. 36, 2020.

BRANDÃO, E. P. **Comunicação Pública e Sociedade**. Summus Editorial, 2009.
BRASIL. Lei nº 8.977, de 6 de janeiro de 1995. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1995/lei-8977-6-janeiro-1995-374633-norma-atualizada-pl.pdf. Acesso em: 23 ago. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2013.146-2015?OpenDocument. Acesso em: 14 abr. 2024.

BRASIL. Padrões Web em Governo Eletrônico: **Cartilha de Usabilidade**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação - Brasília: MP, SLTI, 2010.

BRASIL. **Programa de Governo Eletrônico Brasileiro** (e-MAG). 2014. Disponível em: https://emag.governoeletronico.gov.br/. Acesso em: 14 abr. 2024.

BRASIL. **Lei n.º 13.709**, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 ago. 2018.

BRASIL. **Lei n.º 9.610**, de 19 de fevereiro de 1998. Lei que Regula os Direitos Autorais. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm. Acesso em: 14 jun. 2024.

BRASIL. **Decreto n.º 8.936**, de 19 de dezembro de 2016. Decreto que institui a Plataforma de Cidadania Digital e dispõe sobre a oferta dos serviços públicos digitais. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8936.htm. Acesso em: 20 jun 2024.

BRASIL. Estratégia de Governança Digital. **Linha do Tempo**. Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. 2019. Disponível em: https://www.gov.br/governodigital/pt-br/estrategia-de-governanca-digital/do-eletronico-ao-digital. Acesso em: 20 jun 2024.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Relatório da Avaliação Quadrienal 2017-2020**. Brasília, DF: CAPES, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/avaliacao/avaliacao-quadrienal. Acesso em: 30 ago. 2025.

BRITTO, J., & FONTES, N. **Estratégias para eventos**. Editora Aleph; 1ª edição, 2002.

BOSTROM, N. **Superinteligência**: caminhos, perigos, estratégias. São Paulo: Darkside Books, 2018.

CABRERA, M. A., & MATTOS, A. D. **Comunicação digital e mídias sociais nas organizações**: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora Atlas. 2021.

CARCARY, M.; DOHERTY, E.; CONWAY, G. **Uma abordagem de capacidade dinâmica para a transformação digital** - um foco nos principais temas fundamentais. In: CONFERÊNCIA EUROPEIA SOBRE GESTÃO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO, 10., 2016, Reading. Anais [...]. Reading, Reino Unido: Academic Conferences and Publishing Limited, 2016. p. 20-28.

CARDOSO, G. de Arruda; SOUZA, R. dos Santos. **A transformação digital na Administração Pública**. O processo de institucionalização do governo digital no Brasil. In. SIEGEP - Inovação e Empreendedorismo Públicos em tempos de crise, v. 4, 2021. Lavras. **Anais**. Universidade Federal de Lavras, 2021. p. 22-36. Disponível em: 02 out 2021.

CAMPOS, Luiz Cláudio de A. Menescal; WYSE, Nely; ARAUJO, Maria Luiza Mota da Silva. **Eventos:** oportunidades de novos negócios. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005.

CANTON, A. M. **Eventos**: ferramenta de sustentação para as organizações do terceiro setor. 2002. São Paulo: Editora Rocca, 2007.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Editora Paz & Terra; 24ª edição, 2013.

CARAFFINI, J. P. T. S., Souza, R. B. L., & Behr, A. **Transformação Digital E Desempenho no Setor Bancário**. Congresso Transformação Digital. p. 1–16. 2018

CARRUSCA, André Vasconcelos. **Gestão de micro-serviços na Cloud e Edge**. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. 2018. Dissertação de Mestrado. Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/59505/1/Carrusca_2018.pdf#page=156&zoom=100,113,201. Acesso em: 05 set. 2022.

CASTRO, C.M. **A Prática da Pesquisa**. 2.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

CAVALCANTE, D. de Moura. **Princípios de usabilidade e acessibilidade como ferramentas de garantia do acesso à informação**: uma avaliação sobre a plataforma gov.br. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro de Informática (CIn) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2016.

CESCA, Cleusa Gertudes Gimenes, **Organização de eventos:** manual para planejamento e execução – São Paulo: Summus Editorial, 1997.

CESCA, Cleuza G. Gimenez. **Organização de eventos**: manual para planejamento e execução. 9ª ed. São Paulo: Summus, 2008.

COSTA, A. H. R.; BARROS, L. N.; REZENDE, S. O.; CARVALHO, A. C. P. L. F. Trajetória acadêmica da inteligência artificial no Brasil. *In*: CARVALHO, A. C. P. L. F.; LORENA, A. C.; REZENDE, S. O. (org.). **Inteligência artificial**: uma abordagem de aprendizado de máquina. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2021. Cap. 1. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/003039509. Acesso em: 5 maio 2025.

CYBIS, W. BETIOL, A. H. FAUST, R. **Ergonomia e usabilidade**: conhecimentos, métodos e aplicações. 2. Ed. São Paulo. Novatec Editora. 2010.

CHALEGRE, Virginia; ALMEIDA, Ana Margarida. **Software requirements for inclusive employment**: accessibility, usability and user experience contributions. 2021. doi: 10.54941/ahfe100888.

CRESWELL, J. W. **Research Design**: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches (4th ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications. 2014. Disponível em: https://spada.uns.ac.id/pluginfile.php/510378/mod_resource/content/1/creswell.pdf. Acesso em 16 maio 2024.

CRIPPA, Adolpho. **A Universidade**. São Paulo. Editora Convívio, 1980. Temas atuais.

DAO, Linh. **Can you mix and match your way to a platform business model?** Enabled Innovation Blog. 07 jul. 2016. Disponível em: https://bit.ly/32N04uf. Acesso em: 24 abr. 2020

DACOREGGIO, Marlete dos Santos. **Competências no Contexto da Ação Docente:** Ressignificando o Conceito. Contrapontos, Itajaí - v. 6, n. 1 - p. 49-64 -, jan/abr. 2006.

DALCOL, Charlene. A Mensuração em Redes Sociais Digitais como Ferramenta de Relações Públicas na Comunicação Organizacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0745-1.pdf. Acesso em: 07 maio 2025.

DE OLIVEIRA, A. C. B.; DOS SANTOS, C. A. B.; FLORÊNCIO, R. R. **Métodos e técnicas de pesquisa em Educação**. Revista Rios Eletrônica (Fasete), v. 1, n. 21, 2019.

DEUS, Alson L. de; PEREIRA, Frederico C. M. **Modelo de Negócios Plataforma**: dimensões e tendências. Revista Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, 2021.

DIAS, Thiago Ferreira; SANO, Hironobu; MEDEIROS, Marcos Fernando Machado de. **Inovação e tecnologias da comunicação e informação na administração pública**. Brasília, DF: Enap, 2019.

DIGARC (2018). **4 drivers of digital transformation in education**. Disponível em: https://www.digarc.com/blog/2018/08/four-drivers-of-digital-transformation-in-education/. Acesso em: 28 jul. 2019.

DUARTE, Jorge de. **Comunicação Pública**: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público. 1. ed. São Paulo, Atlas, 2007.

DUFFY, B. E. **The romance of work**: Gender and aspirational labour in the digital culture industries. International Journal of Cultural Studies, v.19, n.4, p. 441–457, 2016. Disponível em: Doi:10.1177/1367877915572186.

DRESCH, A.; LACERDA, D. P.; JÚNIOR, J. A. V. A. **Design science research**: método de pesquisa para avanço da ciência e tecnologia. Bookman Editora, 2015.

DRUCKER, P. **The age of discontinuity**. New York: Harper & Row, 1969.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (ENAP). *Módulo II – Gerenciamento de Escopo e elaboração de uma EAP.* In: CHAVES, Tiago *et al.* **(conteudistas).** *Gerência de Projetos: teoria e prática.* Brasília: ENAP, 2017. Disponível em: https://repositorio.enap.gov.br/handle/1/5320. Acesso em: 7 set. 2025.

ESPANHA, Rita. **Comunicação estratégica e integrada**: a visão dos autores de 5 países. 1ed. Brasília. Editora Rede Integrada, 2020. p. 338-346.

EVANS, P., & GAWER, A. **The Rise of the Platform Enterprise**: A Global Survey. The Center for Global Enterprise. 2016.

FATHULLA, Kamaran; e BASDEN, Andrew. **Information Retrieval Based Algorithm for Question Paper Generation.** In: International Conference on Computing and Communication Systems (I3CS), 2007. Proceedings [...]. IEEE, 2007. p. 10-14. ISBN 978-1-4244-1404-6. Disponível em: https://ieeexplore.ieee.org/document/4272092. Acesso em: 23 jan. 2025.

FENWICK, Nigel & GILL, Martin. **The Future of Business Is Digital**: The Powerful Advantages of Embracing Dynamic Ecosystems of Value. Forrester Research, Inc. 2014.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANTZ, Janet M.; RITCHIE, J. Brent. Organizational Communication Satisfaction in the Virtual Workplace. **Journal of Management Information Systems**, v. 13, n. 2, p.145-176, 16 dez. 1996.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GAWER, A.; CUSUMANO, M. A. **Platform leadership**: How Intel, Microsoft, and Cisco drive industry innovation. Boston: Harvard Business School Press. 2002.

GETZ, D. **Eventos**. In JAFARI, J. (Ed.). Encyclopedia of Tourism. Londres: Routledge, 2000.

GETZ, D. **Event Studies**: Theory, Research and Policy for Planned Events. Oxford, Elsevier Butterworth-Heinemann, 2007.

GIACAGLIA, Maria Cecília. **Eventos**: como criar, estruturar, captar recursos e cativar públicos. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRALDI, Rita. C. **Histórico dos Eventos**. São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/4906096/Hist%C3%B3rico_dos_eventos. Acesso em: 25 de março de 2024.

GOLDBLATT, Joe. **Special Events**: Event Leadership for a New World. 4. ed. John Wiley & Sons, 2008.

GOND, Rampravesh; GUPTA, Rashi. A study on digital education in India: scope and challenges of an indian society. **Anveshana's International Journal of Research in Regional Studies, Law, Social Sciences, Journalism and Management Practices**, v. 2, n. 3, p. 12-18, 2017.

GÖRANSSON, Bo., MAHARAJH, Rasigan., SCHMOCH, Ulrich. New challenges for universities beyond education and research. **Science and Public Policy**, v. 36, p. 83-84. 2009. Disponível em: https://doi.org/10.3152/030234209X406872. Acesso em: 23 nov. 2023.

GREGOR, Shirley; HEVNER, Alan R. Positioning and Presenting Design Science Research for Maximum Impact. **MIS Quarterly**, v.37, n.2, p.337-355, Junho, 2013.

Guia de comunicação pública. Organização: Armando Medeiros, Lilian Chirnev. – Brasília: **Associação Brasileira de Comunicação Pública**, p. 53. 2021. Disponível em: https://abcpublica.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Guia_de_Comunicac%CC%A7a%CC%83o_Pu%CC%81blica.pdf. Acesso em: 20 de mar. 2024.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia:** entre facticidade e validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, v.II.

HADI, Salehi., MELOR, Md, Yunus., ZEINAB, Salehi. The Role of Universities in Achieving National and International Priorities: A Closer Look at Education, Research and Innovation. **Australian journal of basic and applied sciences**, v.9, p. 281-286. 2012.

HELMOND, A. **The Platformization of the Web**: Making Web Data Platform Ready. Social Media + Society. 2015. v.1. doi:10.1177/2056305115603080

HEVNER, A. R. **A three cycle view of design science research**. Scandinavian journal of information systems, v.19, p.4. 2007. Disponível em: https://aisel.aisnet.org/cgi/viewcontent.cgi?article=1017&context=sjis. Acesso em: 06/05/2024.

HILALI, Wail El; MANOUAR, Abdellah El. **Digital business models**: definitions, drivers and new trends. In: Proceedings of the 4th International Conference on Smart City Applications. 2019.

HOLANDA, A. E.G., BRANDÃO, P. de M. **Comunicação Integrada em uma Universidade Pública**: um modelo para análise situacional na perspectiva da teoria da comunicação integrada e da análise de redes sociais. Revista Observatório. v. 5, n. 4, Jul-Set. 2019. Doi:http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n4p502

HOWE, N., & STRAUSS, W. **Millennials rising**: The next great generation. New York: Vintage Books, 2000.

IBARRA, Dorleta; GANZARAIN, Jaione; IGARTUA, Juan Ignacio. Business model innovation through Industry 4.0: A review. **Procedia Manufacturing**, v. 22, p. 4-10, 2018.

IFSC, Instituto Federal Santa Catarina. **Manual Operacional para Eventos Promovidos pelo IFSC,** 1ª edição. Publicado em Fev/2025.

INOUE, Patricia. K. **Empresas e plataformas digitais**: evolução e adaptações das corporações. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Sistemas Produtivos).

JOHNSON, L., Adams Becker, S., Estrada, V. and Freeman, A. **NMC Horizon Report:** 2014 Higher Education Edition. Austin, Texas, Estados Unidos: The New Media Consortium. Disponível em: http://goo.gl/Tah2T0. Acesso em: 15 de set. 2016.

JOHANNESSON, P.; PERJONS, E. An introduction to design science. **Springer**, 2014.

Kääriäinen, J.; Pussinen, P.; Saari, L.; Kuusisto, O. **Applying the Positioning Phase of the Digital Transformation Model in Practice for SMEs**: Toward Systematic Development of Digitalization. Int. J. Inf. Syst. Proj. Manag., [S. l.], v. 8, p. 24-43, 2020.

KOTARBA, Marcin. **Digital Transformation of Business Models**, Universidade de Tecnologia de Varsóvia, Faculdade de Administração, Varsóvia, Polônia.

KOTHARI, C. R.. **Research Methodology**: Methods and Techniques, 2 ed. New Delhi: New Age International Publishers. 2004. Disponível em: https://ccsuniversity.ac.in/bridge-library/pdf/Research-Methodology-CR-Kothari.pdf. Acesso em: 16 maio 2024.

KOVACS, Michelle Helena *et al.* **Podemos confiar nos resultados de nossas pesquisas?** Uma Avaliação dos Procedimentos Metodológicos nos Artigos de Marketing do EnANPAD. Disponível em: https://anyflip.com/cmyx/jmlk/basic. Acesso em 27/10/2023.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Comunicação organizacional estratégica**: aportes conceituais e aplicados. Editora: Summus. São Paulo. 2016. ISBN: 9788532310460.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Comunicação estratégica e integrada**: a visão dos autores de 5 países. 1 ed. Brasília. Editora Rede Integrada, 2020.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling; LIMA, Fábia Pereira; SAMPAIO, Adriano de Oliveira (Org.). **Comunicação organizacional e relações públicas**: 15 anos da Abrapcorp. Salvador: EDUFBA; São Paulo: ABRAPCORP, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35309/4/Comunicacao%20organizacional%20e%20relacoes%20publicas-repositorio.pdf. Acesso em: 07 maio 2025.

KLAES, L. S.; ERDMANN, R. H. **Administração da Produção**. 2. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

KRAUS, Sascha *et al.* - **Digital Transformation:** An Overview of the Current State of the Art of Research. SAGE Open: p. 1-15, Jul-Set. 2021. https://doi.org/10.1177/21582440211047576.

KINCHESCKI, Geovana Fritzen. **Estratégias de inbound marketing aplicáveis à Secretaria de Inovação da UFSC**. 2020. 1 dissertação (Mestrado em Administração Universitária) - Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária, Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

KRUG, Steve. ***Don't Make Me Think***: A Common Sense Approach to Web Usability Capa comum. 2005.

LACERDA, D. P., *et al.* **Design Science Research**: método de pesquisa para a engenharia de produção. Gestão de Produção. São Carlos, v. 20, n. 4, p. 741-761, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber**. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Editora UFMG. Reimpressão, 2008.

LEE, Y., Hong, S., *et al.* **Metodologia de avaliação sistemática para interfaces de usuário de telefones celulares**. Interagindo com Computadores. v.18, p. 304–325, 2006. Doi:10.1111/j.0007-1013.2004.00390.x.

LIBERATO, F. de Paula. Instrumentos da comunicação pública como auxílio à participação política dos cidadãos - Avaliação das políticas públicas de cidadania do

portal eletrônico do governo da cidade de São Paulo. **Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos**. Ipea. Code 2011.

LIBOIS, B. *La communication publique*: por une philosophie politique des medias. Paris: L'Harmattan, 2002.

LIEDTKE, Paulo e Curtinovi, Jéfferson. **Comunicação pública no Brasil**: passado, presente e futuro. OpenEdition Journals. v.11 n. 20, 2016. https://doi.org/10.4000/cp.1171

LIM, Cheolil; SONG, Hae-Deok; LEE, Yekyung. **Improving the usability of the user interface for a digital textbook platform for elementary-school students**. Education Tech Research Dev. v. 60, n 1, p. 159–173, 2012. Doi: 10.1007/s11423-011-9222-5.

LIMA, Y. G. D. S., LIMA, C. C. de, AMORIM, M. P. de, ALVES, A. D., MOURA, V. F. de. **Transformação Digital no Ensino Superior**: Potencialidades para Gestão e para o Ensino. Congresso Transformação Digital, 2019.

LOPES, S. Aspectos arquiteturais na adoção de Cloud Computing. **MundoJ**, Curitiba–PR, v. 8, n. 47, p.20 - 23, maio/jun. 2011.

LUPAN, M. & BEJINARU, R. **Perspectivas da governança universitária para o desenvolvimento do empreendedorismo**. Anais de Economia e Administração Pública da USV, v. 19, n. 29, p. 74-81, 2019.

MARCH, S.T.; SMITH, G.F. 1995. ***Design and natural science research on information technology***. *Decision Support Systems*, v.15, n.4, p.251-266.

MAGALHÃES, Cláudio M. Televisão Universitária como Ensino, Pesquisa e Extensão: 45 Anos da Experiência Brasileira. **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**, Porto Alegre, v. 19, n.1, p. 106-126, jan-jun 2013.

MANUAL PRÁTICO DE EVENTOS E CERIMONIAL PÚBLICO - **HCFMUSP**. 2a Ed., Novembro/2018. Disponível em: https://www.hc.fm.usp.br/hc/conteudo/manuais/manual%20pratico%20de%20eventos_versao%20final%20fev%202019.pdf. Acesso em: 22 de nov. 2023.

MACIÁ, Pérez F., Berná, J. V., Sánchez, J. M. Lorenzo, I., e Fuster, A. **Smart University**: Hacia una universidad más abierta. Alicante: Marcombo. 2016.

MAJRASHI, K.; HAMILTON, M.; UITDENBOGERD, A. L. **Cross-platform usability and eye-tracking measurement and analysis model.** In: Proceedings of the 26th Australian Computer-Human Interaction Conference on Designing Futures: The Future of Design. 2014. p. 418-421. doi: 10.1145/2686612.2686677.

MARCOTTE, E. ***Responsive Web Design***. A Book Apart. 2011.

MARFINLAB. **Acessibilidade Digital: O Guia Final da Internet Inclusiva**. Assistive - Acessibilidade Digital - Tornando as pessoas mais independentes no mundo digital. Disponível em: <https://assistive.com.br/blog/acessibilidade-digital/>. Acesso em: 03 Jun. 2024.

Morakanyane, R.; Grace, A.A.; O'Reilly, P. **Conceptualizing Digital Transformation in Business Organizations**: A Systematic Review of Literature. Em Proceedings of the 30th Bled eConference: Digital Transformation-From Connecting Things to Transforming Our Lives, Bled, Eslovênia, 18-21 de junho de 2017; p. 21.

MATIAS, Marlene. **Organização de eventos**: procedimentos e técnicas. São Paulo: Manole, 2010.

MATIAS, Marlene. **Organização de eventos**: procedimentos e técnicas. 6ª ed. Barueri: Manole, 2013.

MATOS, Heloiza. (org.). **Comunicação pública**: interlocuções, interlocutores e perspectivas – São Paulo: ECA/USP, 288p, 2013.

MCAFEE, A., & BRYNJOLFSSON, E. Machine, Platform, Crowd: Harnessing Our Digital Future. New York: W. W. Norton & Company. 2017.

MEIRELLES, G. F.. **Eventos**: seu negócio, seu sucesso. São Paulo: IBRADEP, 2003.

MEIRELLES, G. F. **Eventos**: Definição e amplitude conceitual. In Eventos: Estratégias de Planejamento e Execução. p. 21-38, 1999.

MEDEIROS, Gilda Fleury. **Eventos** - Seu Negócio Seu Sucesso. Editora Livro certo. São Paulo. 2003.

MELO, Marcelo Morais. **Auxílio à Tomada de Decisão no Processo de Migração para Computação em Nuvem**. Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Mestrado Profissional em Gestão de Redes de Telecomunicações. Campinas, 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes para a Educação Superior**. Brasília: MEC. 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12991. Acesso em: 03 Jun. 2024.

MORAES, Anamaria de. **Ergonomia e usabilidade: conhecimentos, métodos e aplicações**. Rio de Janeiro: Elsevier, Cap. 4, p. 69-88, 2004. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/17096/17096_5.PDF. Acesso em: 16 jun 2024.

MORANDIN, J. L. P. L.; MOURA, A. M. M. Análise patentométrica sobre a inteligência artificial no Brasil. *In*: ENCONTRO BRASILEIRO DE BIBLIOMETRIA E CIENTOMETRIA, 9., 2024, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: IBICT, 2024. Disponível em: https://ebbc.inf.br/ebbc/index.php/ebbc/article/view/308. Acesso em: 5 maio 2025.

NADELLA, S. Hit Refresh: **A busca pela alma da Microsoft e a criação de um futuro melhor para todos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

NAVITAS V. **Transformação digital no ensino superior**. 2017. Disponível em: https://www.navitasventures.com/wp-content/uploads/2017/08/HE-Digital-Transformation-_Navitas_Ventures_-EN.pdf. Acesso em: 30 Jul. 2019.

Neckel, R.; Küchler, A. D. C. **UFSC 50 anos** - Trajetórias e Desafios. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

NERI, Yuri. **Challenges and opportunities of hybrid teaching after the Covid-19 pandemic**. Notícias IOC, Rio de Janeiro, 31 mar. 2025. Atualizado em 01 abr. 2025. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/en/noticias/desafios-e-oportunidades-do-ensino-hibrido-depois-da-pandemia-de-covid-19. Acesso em: 28 abr. 2025.

NITA, A. M., & IOANA, A. The Role of Leadership and Digital Transformation in Higher Education Students' Work Engagement. Int. J. Environ. **Res. Public Health 2023**, v.20. Disponível em: https://doi.org/10.3390/. Acesso em: 25 nov. 2023.

NIEBORG, David B.; Poell, Tomas. A plataformização da produção cultural: teorizando a mercadoria cultural contingente. **Novas mídias e sociedade**, [s.1], v. 20, n. 11, p. 4275-4292, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324755330_The_platformization_of_cultural_production_Theorizing_the_contingent_cultural_commodity. Acesso em 20 jun 2024.

NIELSEN, J. ***Usability engineering***. San Francisco, CA: Morgan Kaufmann, 1993.

NIELSEN, J. ***Report From a* 1994 *Web Usability Study***. Nielsen Norman Group, 18 dez. 1994. Disponível em: https://www.nngroup.com/articles/1994-web-usability-report. Acesso em: 8 ago. 2024.

OLIVEIRA, Maxwell F. de. **Metodologia Científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Universidade Federal de Goiás (UFG), Catalão, 2011.

OLIVEIRA, Maria José da Costa. **Comunicação Pública**. São Paulo. editora Alínea; 1 ed., 2004.

Oliveira, I. L. & Paula, M. A. **O que é comunicação estratégica nas organizações?** 2.ª ed., São Paulo: Paulus. 2008.

O'Reilly, T. **What is Web 2.0**: Design patterns and business models for the next generation of software. 2005.

PAPPAS, C. **The Massive Shift Towards Elearning**: Opportunities for E-Learning Professionals. e-learning Industry. 2015.

PARKER, Geoffrey G.; ALSTYNE, Marshall W. Van; CHOUDARY, Sangeet Paul. **PLATAFORMA** - A Revolução da Estratégia**,** Editora Alta Books, Rio de Janeiro, 2018.

PACHECO, F., *et al.* **Rumo à transformação digital da universidade**. Future Studies Research Journal, 2020.

PACHECO, R. C. dos Santos , DOS SANTOS, N. e WAHRHAFTIG, R. **Transformação digital na Educação Superior**: modos e impactos na universidade. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 12, n. 27, p. 94-128, set./dez. 2020.

PATEL, N. V., & MCCARTHY, W. E. **Transformação digital**. Ablex Publishing Corporation, 2000.

PENTEADO, C., PELLEGRINI, J., DA SILVEIRA, S. A., Org. **Plataformização, Inteligência Artificial e Soberania de Dados**: Tecnologia no Brasil 2020-2030. Ação Educativa. São Paulo, 2023. ISBN 978-65-6050-004-4.

PESSOA, Mirella Arruda. **O Desenvolvimento de Eventos Como Estratégias da Comunicação Organizacional**: Um Estudo de Caso da Universidade Metodista de São Paulo. Universidade Metodista de São Paulo. 2014.

PEREIRA, S. S. dos Santos. **Computação em Nuvem**: Um levantamento sobre a utilização desta tecnologia por empresas de tecnologia da informação de Santa Catarina. 2013. Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

PÉREZ, Oscar Mauricio. El diagrama, método del diseño entre el dibujo, la pintura, el cine y la informática. **MAS D, Revista Digital de Diseño**, v. 9, n. 16, p. 30-49, 2015. DOI: 10.18270/MASD.V9I16.1310. Disponível em: https://doi.org/10.18270/MASD.V9I16.1310. Acesso em: 23 jan. 2025.

PERIDES, M. P. N., VASCONCELLOS, E. P. G. de, & VASCONCELLOS, L. (2020). A gestão de mudanças em projetos de transformação digital: estudo de caso em uma organização financeira. **Revista De Gestão E Projetos**, 11(1), 54–73.

PIMENTEL, M; FILIPPO, D; DOS SANTOS, T. M. **Design Science Research:** pesquisa científica atrelada ao design de artefatos. RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning. v. 3, n. 1 março/abril 2020.

PINTO, J. P. G. *et al.* **Plataformização, Inteligência Artificial e Soberania de Dados**: Tecnologia no Brasil 2020-2030. Ação Educativa. São Paulo, 2023. ISBN 978-65-6050-004-4.

PIETERS, W. Security and privacy in the clouds: a bird's eye view. In: **Computers, Privacy and Data Protection**: an Element of Choice. Springer Netherlands, 2011. Cap. 21, p. 445 - 457.

POELL, Thomas, NIEBORG, David e DIJCK, José van. **Plataformização**. revista Fronteiras – estudos midiáticos n. 22, p. 2-10. janeiro/abril, 2020. Unisinos – doi: 10.4013/fem.2020.221.0

PORTER, M. E. **Competição**: estratégias competitivas essenciais. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

Portal Brasiliana Fotográfica - **Série "O Rio de Janeiro desaparecido" II** – A Exposição Nacional de 1908 na Coleção Família Passos, 5 de abril de 2018. Disponível em: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=11621, acessado em 18/10/2023.

REIS, J.; AMORIM, M.; MELÃO, N.; MATOS, P. **Transformação digital**: uma revisão da literatura e diretrizes para pesquisas futuras. In: ROCHA, A.; ADELI, H.; REIS, L. P.; COSTANZO, S. (Eds.). 6th World Conference on Information Systems and Technologies. Berlim, Alemanha: Springer, 2018. p. 411-421.

REESE, G. **Cloud Application Architectures**: Building Applications and Infrastructure in the Cloud. CA, United States/Sebastopol: O'Reilly Media, 2009. 208 p.

RIFKIN, J. **The zero marginal cost society**. Palgrave Macmillan, 2014.

RODRÍGUEZ-ABITIA, Guillermo, e BRIBIESCA-CORREA, Graciela. **Digital Transformation in Universities** (Avaliando a transformação digital nas universidades). Future Internet, n. 13, p. 52, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.3390/fi13020052.

RODRIGUES, Diogo Duarte. **Design Science Research como caminho metodológico para disciplinas e projetos de Design da Informação**. Infodesign. São Paulo, v. 15, n. 1. 2018, p. 123 – 124.

RUBIN, J. (1994). **Manual de testes de usabilidade**: Como planejar, projetar e realizar testes eficazes. Nova Iorque: John Wiley & Sons.

RUGGIERI, Roberto *et al.* **The impact of digital platforms on business models**: An empirical investigation on innovative start-ups. Management & Marketing, v. 13, n. 4, 2018.

SACILOTTI, A. C., MADUREIRA JR, José R, M., SACILOTTI, Reginaldo. **Periódico Eletrônico da FATEC** - São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, v.1, n. 7, Mar./Set. 2013. Disponível em: https://www.fatecsaocaetano.edu.br/fascitech/index.php/fascitech/article/view/78/77#. Acesso em: 06 set. 2022.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, María del Pilar B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SAUNDERS, M., LEWIS, P., & THORNHILL, A. **Research Methods for Business Students** (8th ed.). Harlow: Pearson Education Limited. 2019.

SANTOS, Vanessa M.; OLIVEIRA, Carolina R.; FREITAS, Cindy F.; VIEIRA, Valquíria. **O audiovisual jornalístico da TV Pública nas mídias sociais**: possibilidades e desafios para a divulgação científica. Revista Eletrônica AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento, p. 28-38, jul./dez. 2019. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/69923. Acesso em: 22 ago. 2022.

SANTOS, Meire Dias dos. Eventos verdes. In: MATIAS, Marlene (Org.). **Planejamento, organização e sustentabilidade em eventos culturais, sociais e esportivos**. Barueri: Manole, 2011.

SANTOS, Adevailton Bernardo dos; SANTOS, Luan Rafael Pereira; AVELAR, Samara Oliveira. Feiras de ciências durante a pandemia da COVID-19: um estudo sobre eventos on-line. **Revista Insignare Scientia (RIS)**, Chapecó, v. 5, n. 3, p. 69-84, mai./ago. 2022. Disponível em: https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/download/12487/8534. Acesso em: 28 abr. 2025.

SCHWERTNER, Krassimira. Digital Transformation of business. **Trakia Journal of Sciences**, v. 15, n. 1, p. 388-393, 2017.

SIMON, H. **The sciences of artificial**. Cambridge: MIT Press, 1996.

SILVA, Carine Simas da. **Comunicação nas Plataformas Digitais:** um estudo sobre universidades brasileiras com conceito institucional cinco. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2017. Disponível em: https://hdl.handle.net/10923/10866. Acesso em: 19/09/2023.

SILVA, L. M. da. **Comunicação Pública**: Caminhos e Desafios. Casa das Musas, 2004.

SILVA, P.; COUTO, E. S. **Plataforma de Aprendizagem e Protagonismo de Tela nas Práticas Pedagógicas**. Preprints SciELO, 2022. DOI: 10.1590/SciELOpreprints.3697. Disponível em: https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3697. Acesso em: 20 jun. 2024.

SILVEIRA, Tiago de Souza. **Benefícios da Redução de Custo na Infraestrutura da Migração de Serviços de Computação em Nuvem**. Faculdade e Escola Técnica Alcides Maya. Porto Alegre, 2020.

SILVESTRE, L. P. F. (Org.). **Ciências Sociais Aplicadas: Avanços, Recuos e Contradiçõe.** Editora: Atena. DOI: 10.22533/at.ed.487201008. Ponta Grossa, PR 2020.

SOARES de Souza, L., SPINOLA, M. de M. **Requisitos de usabilidade em projetos de interface centrado no usuário de software de dispositivos móveis**. XXVI ENEGEP, Fortaleza, CE, Brasil. 2006. Disponível em: https://abepro.org.br/biblioteca/enegep2006_tr470319_7324.pdf. Acesso em: 16 jun 2024.

SOHRABI, C. *et al*. **World Health Organization declares global emergency**: A review of the 2019 novel coronavirus (COVID-19). **International Journal of Surgery**, v. 76, p. 71–76, 2020.

SONG, Hong-zhi. **Usability testing platform**. Computer Engineering and Design, 2009.

SOUSA, G. M. S. Ferreira de. **Comunicação organizacional digital**: dimensões de análise da produção científica. Tese (Doutorado em Comunicação 151 Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SOUZA, A. A. A., **Desenho de Plataforma Digital de Aplicação de Sanções Administrativas na Prefeitura Municipal de João Pessoa**. Universidade Federal da Paraíba. Departamento de Pós-graduação em Gestão nas Organizações Aprendentes. João Pessoa, 2023.

SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. **Perspectivas teóricas da comunicação organizacional**. São Paulo: Associación Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación , 2006. Disponível em: http://www.eca.usp.br/associa/alaic/boletin11/cleusa.htm. Acesso em: 20 out. 2017.

SHIRKY, C. Here comes everybody: **The power of organizing without organizations**. Penguin Books. 2009. ISBN 978-0143114949.

SPICHKOVA, M.; SCHMIDT, H.W.; YUSUF, I.I.; THOMAS, I.E.; ANDROULAKIS, S.; MEYER, G.R. **Towards Modelling and Implementation of Reliability and Usability Features for Research-Oriented Cloud Computing Platforms**. In: MACIASZEK, L.; FILIPE, J. (eds). Evaluation of Novel Approaches to Software Engineering. ENASE 2016. Communications in Computer and Information Science, v. 703. Springer, Cham, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-319-56390-9_8. Acesso em: 05 Jun 2024.

STEINBERG, M. **The Platform Economy**. How Japan Transformed the Consumer Internet. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2019.

STOLTERMAN, E., & FORS, A. C. **Informação e transformação digital**. Ideal Group Publishing. 2004.

SUBRAMANIAM, Mohan. **The 4 Tiers of Digital Transformation**. Harvard Business Review. Setembro 21, 2021.

TARGINO, M. das G. Divulgação de resultado como expressão da função social do pesquisador. Intercom: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 11-35, jan. / jun. 2001.

TORQUATO, Gaudêncio. **Comunicação nas organizações**: empresas privadas, instituições e setor público. São Paulo: Summus, 2015. E-book

TORRES, Ana Paula D. **A TV Universitária como Ferramenta de Gestão do Conhecimento em Instituição de Ensino Superior** - Mestrado Profissional em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento. Faculdade de Ciências Empresariais (Fumec), Belo Horizonte, 2015.

TULLIS, T., & ALBERT, B. **Medindo a experiência do usuário**: Coletando, analisando e apresentando métricas de usabilidade. Burlington, MA: Morgan Kaufmann, 2008.

POELL, T.; NIEBORG, D.; VAN DIJCK, J. - Plataformização. **revista Fronteiras** – **estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 2-10, janeiro/abril, 2020 - Unisinos

TRIERWEILLER, Andréa Cristina; VEFAGO, Yuri Borba; DE PAULA, Luciano Barcellos. Extensão universitária e universidade inovadora: uma revisão exploratória no repositório institucional UFSC. RACEF - **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**. v. 13, n. 1, p. 19-31, 2022.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. (2019a). **Estrutura**. Florianópolis. UFSC. Disponível em: https://estrutura.ufsc.br/. Acessado em: 23 de novembro de 2024.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. (2024). **Histórico**. Disponível em: https://sepex.ufsc.br/historico/. Acessado em: 24 de nov. 2024.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Relatório de Gestão 2016. Florianópolis**: UFSC, 2017. Disponível em: https://dpgi-seplan.ufsc.br/relatorio-de-gestao. Acesso em: 24 nov. 2024.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Relatório de Gestão 2017**. Florianópolis: UFSC, 2018. Disponível em: https://dpgi-seplan.ufsc.br/relatorio-de-gestao. Acesso em: 24 nov. 2024.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Relatório de Gestão 2018**. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: https://dpgi-seplan.ufsc.br/relatorio-de-gestao. Acesso em: 24 nov. 2024.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Relatório de Gestão 2020**: 60 anos de excelência. Florianópolis: UFSC, 2021. Disponível em: https://dpgi-seplan.ufsc.br/relatorio-de-gestao. Acesso em: 24 nov. 2024.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Relatório de Gestão 2022**. Florianópolis: UFSC, 2023. Disponível em: https://dpgi-seplan.ufsc.br/relatorio-de-gestao. Acesso em: 24 nov. 2024.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Relatório de Gestão 2023**. Florianópolis: UFSC, 2024. Disponível em: https://dpgi-seplan.ufsc.br/relatorio-de-gestao. Acesso em: 24 nov. 2024.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2020-2024**. Disponível em: https://pdi.ufsc.br/files/2020/06/PDI-2020-2024.pdf. Acesso em: 10 set. 2021.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2015-2019.** Florianópolis: UFSC, 2015. Disponível em: Acesso em: 23 de novembro de 2024.

UNESCO-UNEVOC. **Biennial Report 2022-2023**: Transforming TVET for the Future. Bonn: UNESCO, 2024. Disponível em: https://unevoc.unesco.org/pub/unesco-unevoc_biennial_report_2022-23_online.pdf. Acesso em: 5 maio 2025.

VAN AKEN, J. E. **Management Research Based on the Paradigm of the Design Sciences**: The Quest for Field Tested and Grounded Technological Rules. Journal of Management Studies, v. 41, n. 2, p. 219-246, 2004. http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-6486.2004.00430.x

VAN DIJCK, D. POELL, T. e DE WAAL, M. **The Platform Society**: Public Values in a Connective World. 2018.

VENABLE, J. R. **The Role of Theory and Theorising in Design Science Research**. DESRIST, v. 24-25, p. 1-18, 2006.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 14ª ed. São Paulo: Atlas: 2013.

VIAL, G. **Understanding digital transformation**: A review and a research agenda. Journal of Strategic Information Systems, 28(2), 2019 - 118–144. https://doi.org/10.1016/j.jsis.2019.01.003.

VILAÇA, Thiago. **Um panorama sobre o design da Apple** - O design que mudou os padrões de consumo. Alura, 07 nov. 2017. Disponível em: https://www.alura.com.br/artigos/um-panorama-sobre-o-design-da-apple-o-design-que-mudou-os-padroes-de-consumo. Acesso em: 9 ago. 2024.

VLASENKO, K.; VOLKOV, S.; SITAK, I.; LOVIANOVA, I.; BOBYLIEV, D. **Usability analysis of on-line educational courses on the platform** “Higher school mathematics teacher”. E3S Web of Conferences, v. 166, p. 10012, 2020. doi: 10.1051/E3SCONF/202016610012.

WESTERMAN, G., CALMÉJANE, C., BONNET, D., FERRAIS, & MCAFEE, A. (2011). **Digital Transformation: A Roadmap for Billion-Dollar Organizations**. MIT Sloan Management Review, p. 1–68. Disponível em: https://doi.org/10.4028/www.scientific.net/KEM.726.460. Acesso em: 03 Jun 2024.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marilia Sá. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 5, e00068820, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csp/a/JCZ4wPzYVnF74NnLzNnQ8xD/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 28 abr. 2025.

WIERINGA, Roel J. **Design Science Methodology for Information Systems and Software Engineering**. New York, Dordrecht, Heidelberg, London: Springer, 2014.

WIERINGA, R. **Design science as nested problem solving**, Proceedings of the 4th int. conf. on design science research in information systems and technology, ACM, p.8, 2009.

WINCKLER, Marco; PIMENTA, Marcelo Soares. **Avaliação de usabilidade de sites web**. In: NEDEL, Luciana Porcher (Org.). Escola de Informática da SBC Sul - ERI. Porto Alegre, 2002.

WORLD WIDE WEB CONSORTIUM (W3C). **Web Content Accessibility Guidelines (WCAG) 2.1**. 2018. Disponível em:: https://www.w3.org/TR/WCAG21/. Acesso em: 03 Jun 2024.

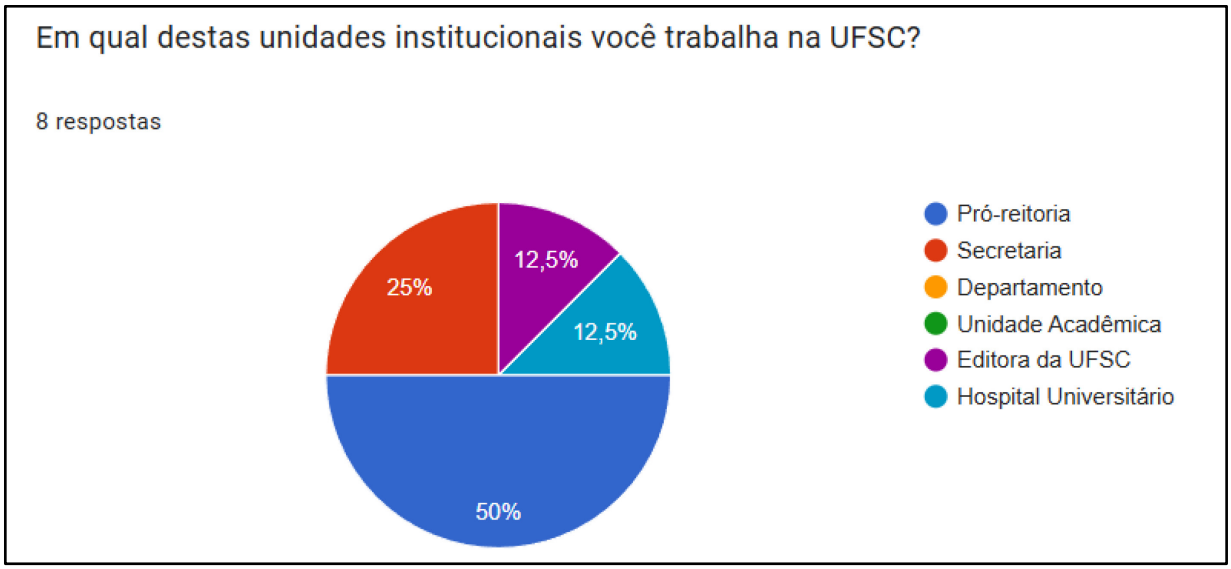
ZANELLA, Luiz Carlos. **Organização de eventos**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

ZENHA, L.; COSTA, R. P.; SILVA, C. R. B.; SANTOS, R. J. Lives: reflexões a partir de atividades acadêmicas por meio de canais do Youtube. **Interletras**, [S. l.], v. 1, n. 34, p. 1-17, 2022. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/index.php/interletras/article/view/5991. Acesso em: 5 maio 2025.

APÊNDICE A - RESULTADOS DA PESQUISA COM GESTORES DA UFSC

A Figura 1 destaca os principais gestores de eventos da UFSC, selecionados a partir dos dados extraídos dos Relatórios de Gestão Institucional entre os anos 2017 e 2023. A enquete foi respondida por oito dos dez gestores selecionados, trazendo uma taxa de resposta de 80%. Do total de respondentes, 50% estão representados por Pró-reitorias, 25% representam Secretarias, 12,5% representam respectivamente a Editora da UFSC e o Hospital Universitário.

Figura 1 - Representação dos setores da UFSC



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da enquete.

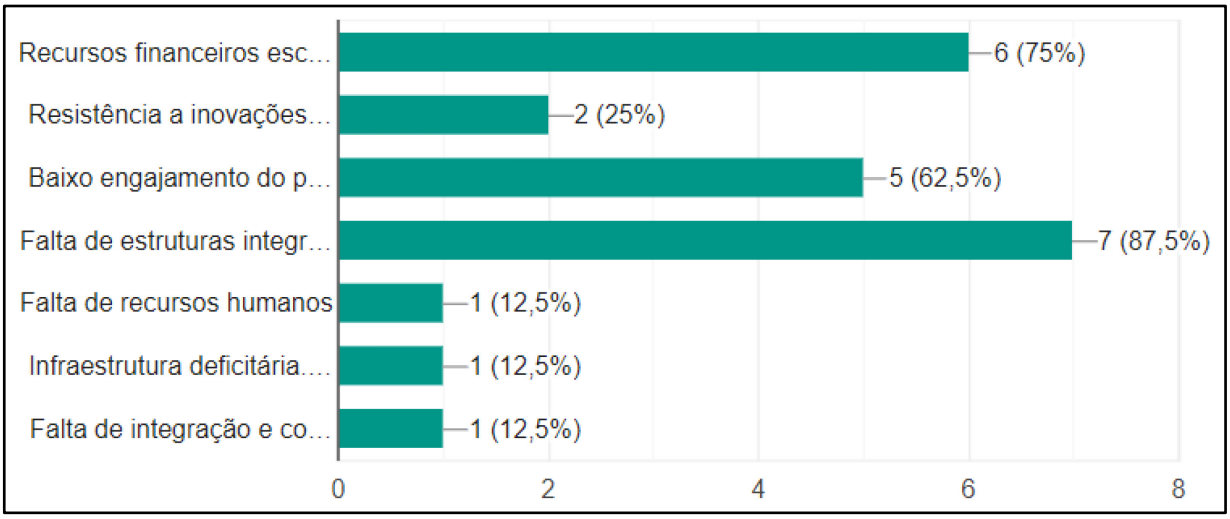
Na sequência, temos a Figura 2 que evidencia, segundo os respondentes, quais são os principais desafios enfrentados na gestão de eventos na UFSC.

Os dados podem ser interpretados da seguinte forma. Quando perguntados sobre os maiores desafios para gestão de eventos na UFSC, os especialistas destacaram, em primeiro lugar, o desafio da falta de estruturas integradas, com 7 votos, representando 87,5% dos respondentes. Isso sugere que a ausência de um sistema coeso de organização dificulta a realização dos eventos de forma eficiente.

O segundo desafio mais destacado, com 6 votos, indicado por 75% dos respondentes, está relacionado à escassez de recursos financeiros. Para os profissionais, a falta destes recursos é um dos principais desafios, sugerindo haver

uma limitação significativa na capacidade de realização de eventos em virtude das restrições orçamentárias.

Figura 2 - Quais são os principais desafios enfrentados na organização de eventos atualmente na UFSC?



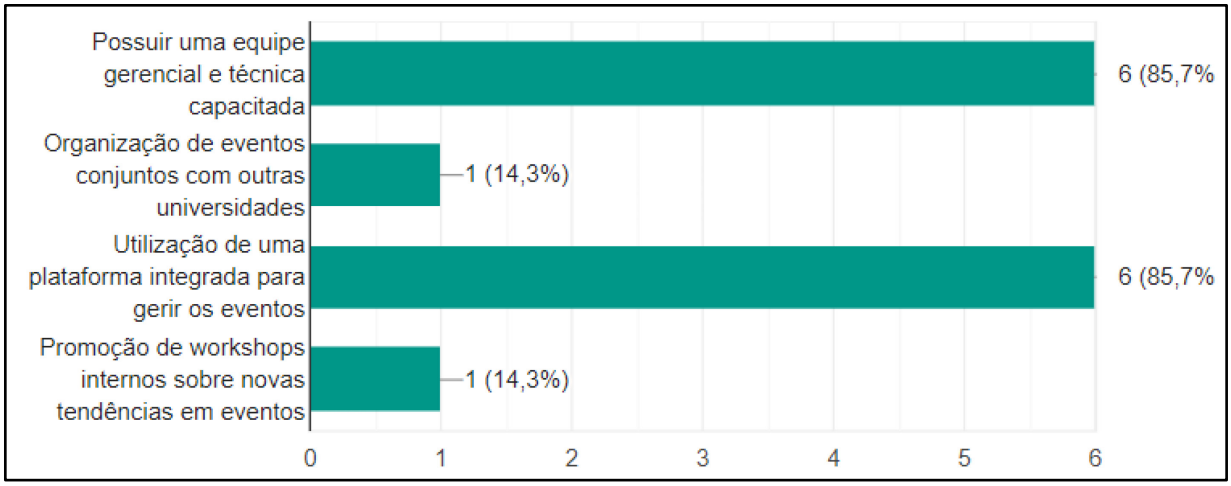
Fonte: Elaborado pelo autor a partir da enquete.

O terceiro desafio mais votado está relacionado com o baixo engajamento do público, com 5 votos, somando 62,5% dos respondentes; enquanto o quarto, com 2 votos, 25%, está relacionado com a resistência a inovações. Para os especialistas, a adoção de novas ideias ou tecnologias pode ser um obstáculo para a gestão de eventos em algumas instituições, assim como na UFSC.

A falta de recursos humanos, infraestrutura deficitária e a falta de integração com sistemas acadêmicos receberam, cada, um 1 voto, e representou 12,5% dos respondentes para cada opção.

Em relação aos recursos considerados benéficos para aprimorar a gestão de eventos na instituição, a Figura 3, destaca dois fatores com igual relevância, sendo apontados por 6 dos 8 respondentes, ou 85,7% dos especialistas consultados. Para eles, a necessidade de uma equipe gerencial e técnica capacitada, e a implementação de uma plataforma integrada para gestão de eventos seria essencial para o sucesso dos eventos na instituição. Enquanto com menor expressividade, 1 de 8 respondentes, ou 14,3%, indicaram a parceria com outras universidades, e a promoção de *workshops* internos sobre novas tendências, como pontos benéficos para a gestão de eventos na instituição.

Figura 3 - Recursos considerados mais benéficos para gestão de eventos

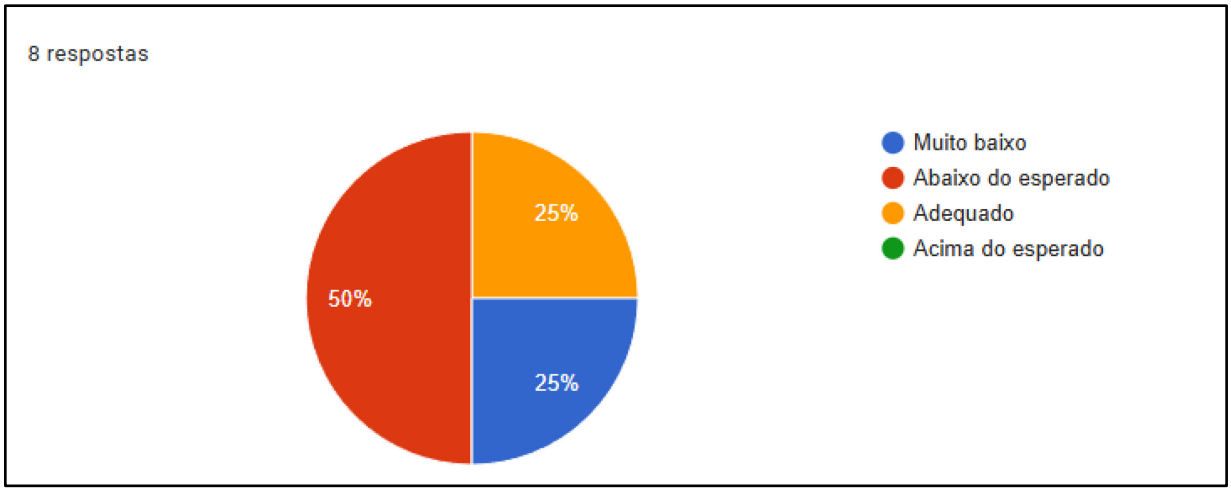


Fonte: Elaborado pelo autor a partir da enquete.

Estes resultados apresentados na Figura 3 sugerem uma clara priorização dos aspectos relacionados à capacitação profissional e a atualização da infraestrutura tecnológica a partir do uso de uma plataforma digital como elementos-chave para a gestão de eventos na universidade.

Quando perguntados sobre o nível de engajamento do público (alunos, professores, comunidade) nos eventos atuais na UFSC, conforme representado na Figura 4, os gestores destacam em primeiro lugar, com 50% das indicações, abaixo do esperado. 25% consideram muito abaixo e 25% consideram adequado.

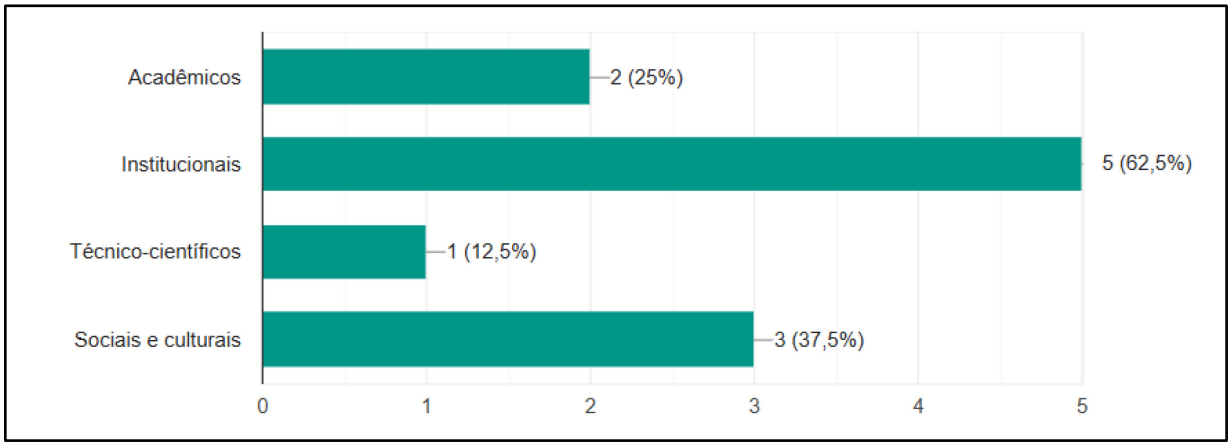
Figura 4 - Sobre o nível de engajamento do público nos eventos



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da enquete.

Ao serem perguntados quais os tipos de eventos com maior frequência em suas unidades, a Figura 5, destaca os eventos institucionais com a maior relevância, com 5 indicações, representando 62,5% dos respondentes. Na sequência, com 3 indicações e 37,5% dos respondentes, estão os eventos sociais e culturais.

Figura 5 - Quais tipos de eventos têm maior frequência em sua unidade



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da enquete.

Complementarmente, com 2 indicações representando 25% dos respondentes, foram destacados os eventos acadêmicos. E por último, com menor expressão, com somente 1 indicação, representando 12,5% das indicações, foram indicados os eventos institucionais.

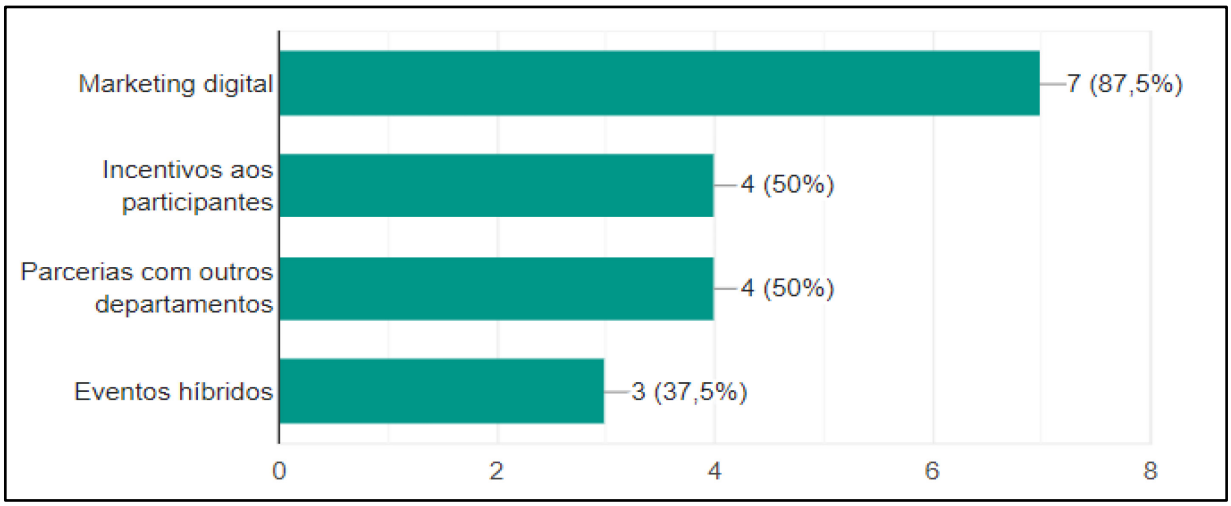
Os resultados indicam uma preferência por eventos institucionais, sugerindo que esses são prioritários nas unidades analisadas. Essa predominância pode estar ligada a estratégias organizacionais ou administrativas. No entanto, a baixa frequência de eventos técnico-científicos pode ser uma oportunidade de desenvolvimento, dependendo dos objetivos de cada unidade.

Quando perguntados sobre qual seriam as melhores e mais eficazes estratégias de comunicação para a promoção de eventos e aumento do engajamento do público, o marketing digital emergiu como a abordagem predominante, indicado por 7 dos 8 especialistas, representando 87,5% dos respondentes, conforme mostra a Figura 6, a seguir.

Em um segundo patamar de relevância, dois elementos foram igualmente considerados com 4 indicações, ou 50% dos respondentes estão: a oferta de incentivos aos participantes, e o estabelecimento de parcerias com outros departamentos. Complementarmente, com 3 indicações, ou 37,5% dos especialistas,

apontaram a realização de eventos híbridos como uma estratégia eficaz de comunicação e engajamento de público.

Figura 6 - Estratégias de comunicação consideradas mais eficazes



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da enquete.

Estes resultados evidenciam uma clara tendência à digitalização das estratégias de comunicação institucional, sem desconsiderar a importância de abordagens tradicionais como parcerias internas e benefícios diretos aos participantes, além da adaptação às novas modalidades de eventos que emergiram no contexto pós-pandêmico.

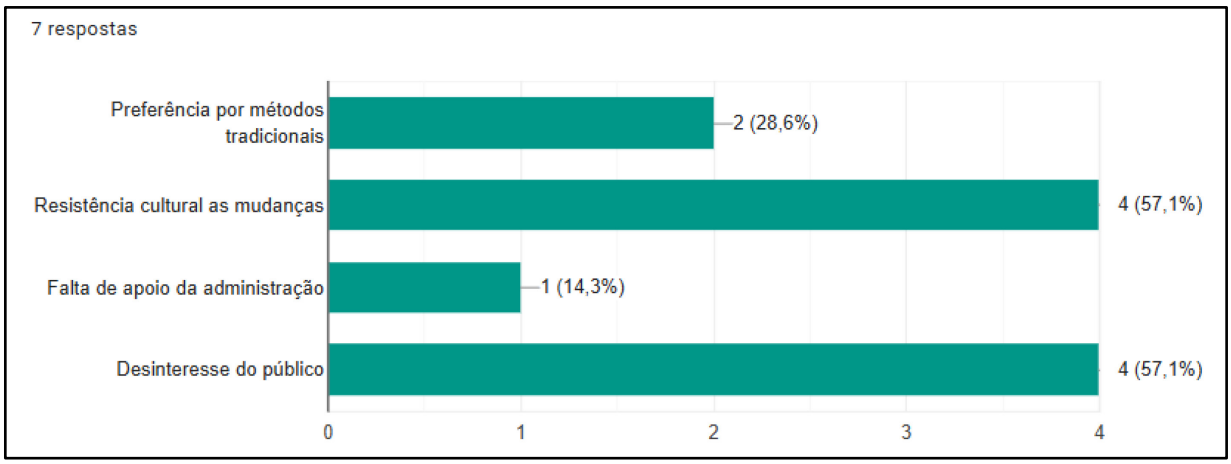
A Figura 7, que detalha as principais barreiras enfrentadas na tentativa de inovar eventos na UFSC, foi representada com base nas respostas de 7 dos 8 respondentes. Em primeiro lugar, empatados com 4 indicações cada, e representando 57,1% das respostas, estão a resistência cultural às mudanças e o desinteresse do público.

Posteriormente, com 2 indicações e representando 28,2% das respostas, está a preferência por métodos tradicionais. Enquanto em último lugar, com somente 1 indicação e 14,3% das respostas, foi selecionado o apoio da administração.

Os resultados sugerem que a inovação de eventos na UFSC enfrenta desafios culturais e comportamentais, como resistência às mudanças e desinteresse do público. Para superar essas barreiras, é necessário investir em estratégias que promovam a conscientização sobre os benefícios da inovação, além de incentivar o engajamento do público. Uma abordagem participativa, aliada a uma comunicação

eficaz, pode ajudar a minimizar essas dificuldades e criar um ambiente mais receptivo a novas ideias.

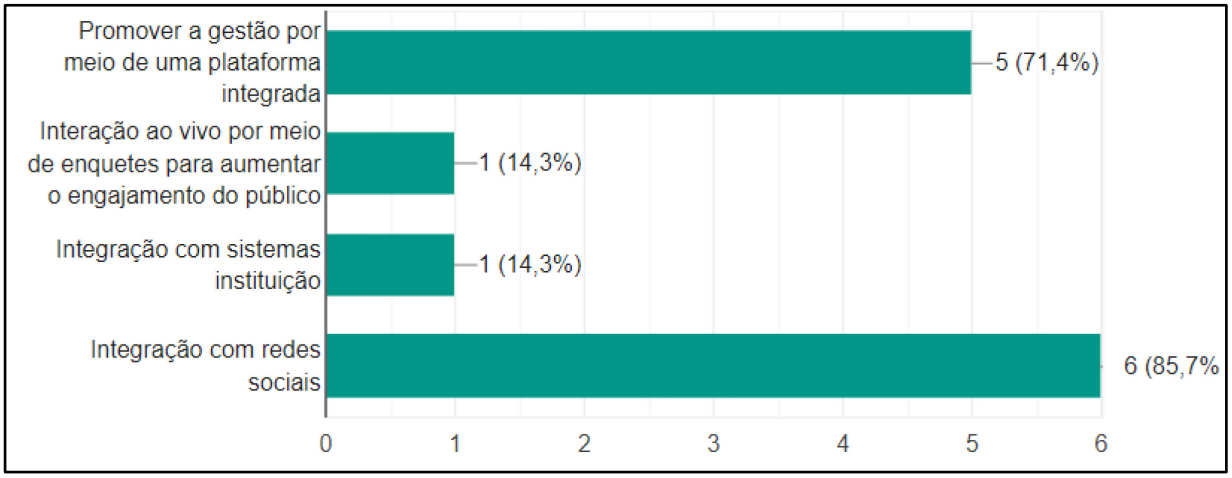
Figura 7 - Quais são as principais barreiras ao tentar inovar os eventos na UFSC



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da enquete.

Quando perguntados sobre as inovações desejadas para tornar os eventos mais atrativos e eficazes, conforme apresentado na Figura 8, os especialistas da UFSC destacaram a integração com redes sociais como a principal demanda, indicada por 6 dos 8 especialistas, representando 85,7% dos respondentes. Em segunda posição, com 5 indicações, ou 71,4% dos respondentes, está a necessidade de promover a gestão por meio de uma plataforma integrada.

Figura 8 - Tipos de inovação você que gostaria de implementar



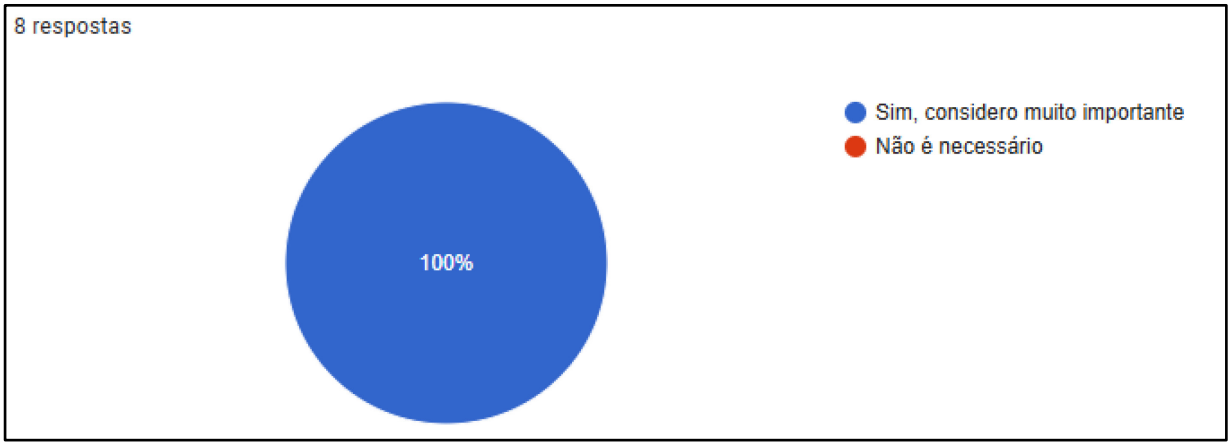
Fonte: Elaborado pelo autor a partir da enquete.

Enquanto com menor expressividade, mas igualmente relevantes, duas outras inovações foram mencionadas 1 vez, representando 14,3% dos participantes da enquete: a implementação de interação ao vivo por meio de enquetes para aumentar o engajamento do público do evento e a integração com sistemas da instituição.

Este panorama sugere uma forte tendência à digitalização e integração tecnológica na gestão de eventos, com ênfase particular na presença nas redes sociais e na necessidade de ferramentas integradas de gestão, evidenciando a busca por soluções que combinem alcance social e eficiência administrativa.

Ao serem perguntados se a UFSC deveria ter uma plataforma integrada para a gestão de seus eventos, conforme representado na Figura 9, os 8 respondentes, representando 100% das respostas, consideram muito importante.

Figura 9 - considera importante a UFSC desenvolver uma plataforma integrada



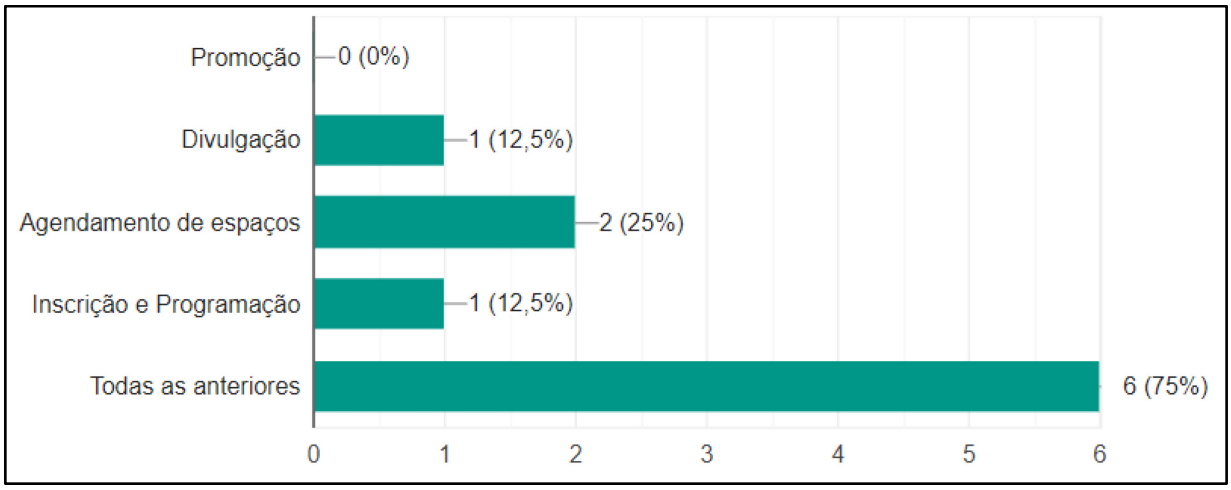
Fonte: Elaborado pelo autor a partir da enquete.

Quando perguntados sobre a importância das funcionalidades essenciais a serem incorporadas na plataforma de gestão de eventos, a Figura 9, detalha as respostas por ordem de importância considerada.

Os dados mostram que a maioria dos participantes, 87,5% consideram que todas as funcionalidades citadas são essenciais para a usabilidade de uma plataforma de gestão de eventos. Isso inclui cadastro simplificado de eventos, geração de relatórios, emissão de certificados, módulo de inscrições integrado e comunicação direta com participantes. Individualmente, funcionalidades como cadastro simplificado, emissão de certificados e comunicação direta foram citadas por 1 respondente, 12,5% dos participantes cada, enquanto geração de relatórios e módulo de inscrições integrado não receberam votos isolados.

Quando perguntados sobre quais etapas do evento a plataforma deveria permitir a gestão, o resultado da enquete foi o seguinte, conforme representação na Figura 10.

Figura 10 - Quais etapas da gestão de eventos a plataforma deve permitir



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da enquete.

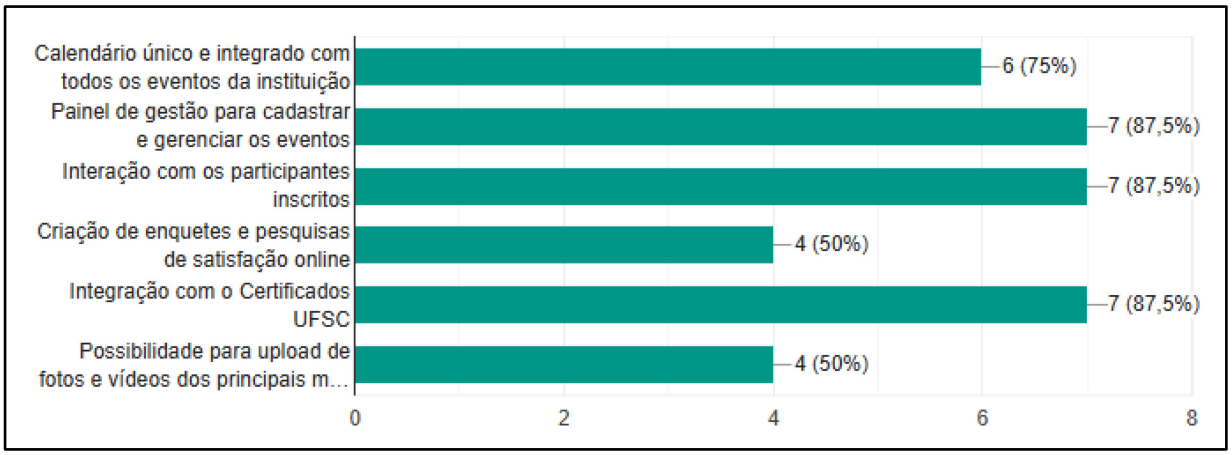
Nenhuma pessoa, ou 0% dos respondentes escolheu a opção “Promoção”; 1 especialista, representando 12,5% dos respondentes, selecionou a “Divulgação”; 2 especialistas, representando 25% dos respondentes, indicaram o “Agendamento de espaços”; 1 especialista, ou 12,5% respondentes, optou pela indicação da gestão da “Inscrição e Programação”; e a grande maioria, 6 dos 8 especialistas, representando 75% dos respondentes apontaram “Todas as anteriores”, demonstrando uma preferência pela integração de todas as etapas de gestão de eventos na plataforma.

O resultado evidencia que a maioria dos especialistas deseja uma solução completa que contemple todas as funcionalidades de gestão de eventos em uma única plataforma digital.

Quando perguntados sobre os recursos de colaboração e comunicação desejáveis em uma plataforma de gestão de eventos, a Figura 11 detalha o nível de interesse dos respondentes a partir das funcionalidades avaliadas. Os dados destacam três funcionalidades como as mais desejáveis, com 7 indicações cada, e com taxa de 87,5% das respostas, são elas: painel de gestão para cadastrar e gerenciar eventos, interação com os participantes inscritos e integração com certificados UFSC. Outra funcionalidade que também se destacou, com 6 indicações, e 75% das respostas foi o recurso de calendário único integrado. Do outro lado, as

funcionalidades como criação de enquetes e pesquisas de satisfação e upload de fotos e vídeos obtiveram menor preferência, com 4 indicações correspondendo a 50% dos respondentes.

Figura 11 - Recursos de colaboração e comunicação



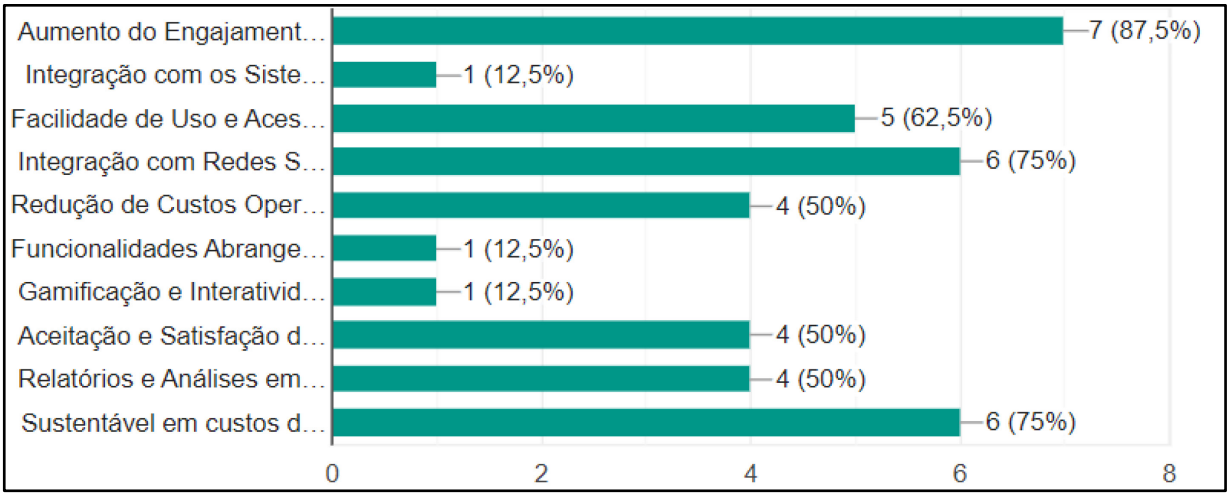
Fonte: Elaborado pelo autor a partir da enquete.

Os resultados indicam que os usuários priorizam funcionalidades que promovam praticidade na organização e comunicação.

A Figura 12 revela importantes critérios considerados pelos respondentes para avaliação do sucesso de uma plataforma institucional. O Aumento do Engajamento destaca-se como o critério mais relevante, recebendo 7 de 8 indicações possíveis, representando 87.5% dos respondentes. O segundo mais votado foi a Integração com Redes Sociais; e Sustentável em Custos de Manutenção e Atualizações, ambos com 6 indicações, representando 75% dos respondentes.

A Facilidade de Uso e Acessibilidade aparece em terceiro lugar com 5 indicações, representando 62.5% dos representantes. Enquanto a Redução de Custos Operacionais, Relatórios e Análises de Dados, e Aceitação e Satisfação compartilham a quarta posição com 4 votos, representando 50% cada. Já os critérios menos citados, cada um com 1 voto, ou 12.5% respondentes, foram: Integração com Sistemas Educacionais, Funcionalidades Abrangentes, e Gamificação e Interatividade.

Figura 12 - Critérios para considerar a plataforma bem-sucedida



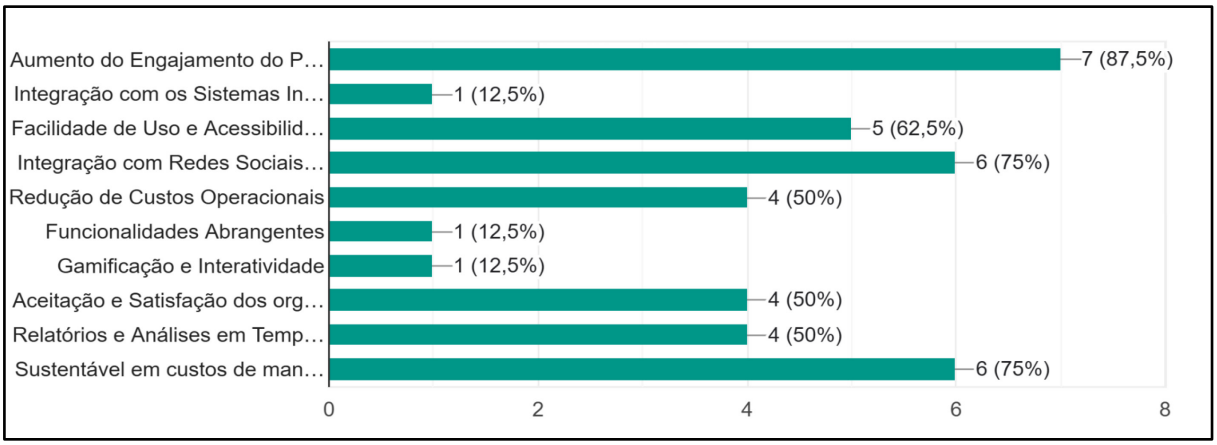
Fonte: Elaborado pelo autor a partir da enquete.

A Figura 12 demonstra ainda uma clara priorização, por parte dos especialistas da UFSC, nos aspectos relacionados ao engajamento e a conectividade social, por meio da inclusão e das redes sociais, seguidos por considerações econômicas e de usabilidade. Enquanto a presença significativa de critérios relacionados a relatórios e análises por parte dos respondentes sugere uma valorização de tomadas de decisão baseadas em dados.

Ao serem perguntados sobre quais seriam os principais critérios para uma plataforma ser considerada bem-sucedida e atender às necessidades da instituição, conforme detalhado na Figura 13, os resultados trouxeram os seguintes critérios. Com 7 dos 8 respondentes, o aumento do engajamento do público é o critério mais valorizado, com 87,5% das indicações, seguido por integração com redes sociais e marketing digital e sustentabilidade em custos de manutenção e atualizações, 6 votos e com 75% das indicações cada. Na sequência, com 5 indicações e 62,5% de porcentagem dos participantes, temos a facilidade de uso e acessibilidade.

Em contrapartida, critérios como integração com sistemas institucionais, funcionalidades abrangentes e gamificação e interatividade foram menos citados, com somente 1 indicação cada, e 12,5% das respostas.

Figura 13 - Quais os principais critérios para considerar a plataforma bem-sucedida

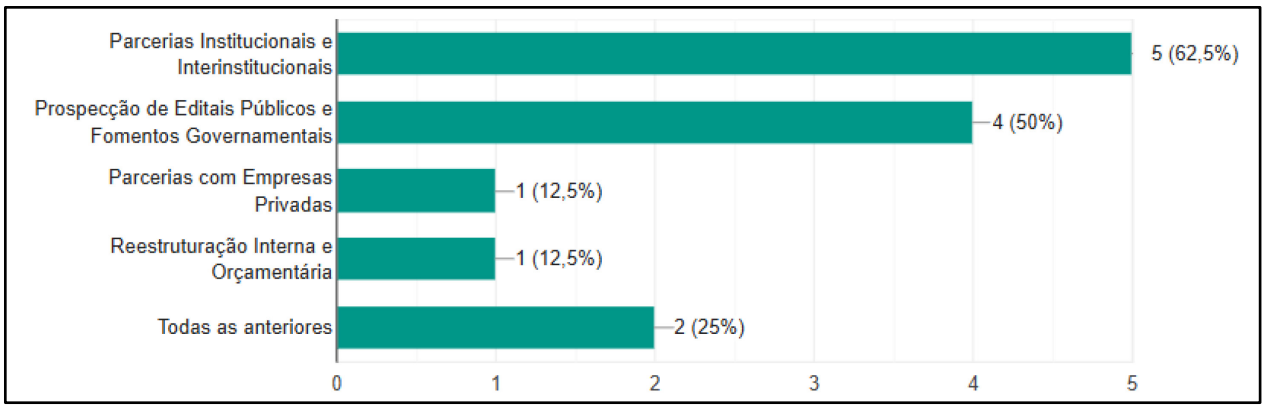


Fonte: Elaborado pelo autor a partir da enquete.

Os resultados revelam que os participantes priorizam critérios relacionados à eficiência, usabilidade e impacto direto sobre o público-alvo. A ênfase no engajamento e na integração com redes sociais reflete a importância de estratégias de comunicação e interação. Além disso, a sustentabilidade e a acessibilidade são percebidas como essenciais para garantir a viabilidade e o sucesso contínuo da plataforma.

Ao serem perguntados sobre as melhores formas de captar recursos para o desenvolvimento da plataforma, os respondentes selecionaram da seguinte forma: Em primeiro lugar, com 5 indicações, e representando 62,5% dos respondentes estão parcerias institucionais e interinstitucionais. Em seguida, com 4 indicações e selecionada por 50% dos respondentes está a prospecção de editais públicos e fomentos governamentais.

Figura 14 - Qual seria a melhor forma de conseguir recursos para o desenvolvimento da plataforma integrada



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da enquete.

Na sequência, com somente uma indicação, estão as parcerias com empresas privadas e reestruturação interna e orçamentária. Por fim, com 2 indicações, e assinalada por 25% dos participantes, temos indicado “Todas as anteriores", demonstrando uma percepção de que estratégias combinadas são relevantes.

ANEXO A - RESULTADO DA ENQUETE

8 respostas

Link para o app Planilhas

Não está aceitando respostas

Mensagem para os participantes

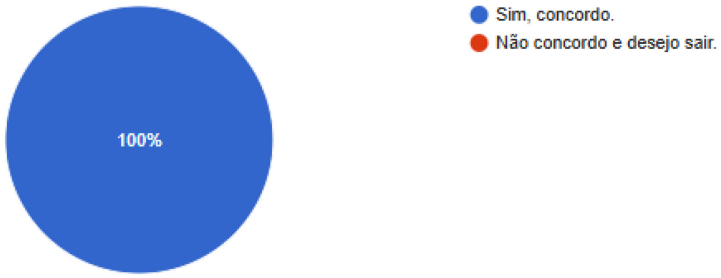
Este formulário não aceita mais respostas

Resumo | Pergunta | Individual

Você concorda em responder esta enquete?

Copiar gráfico

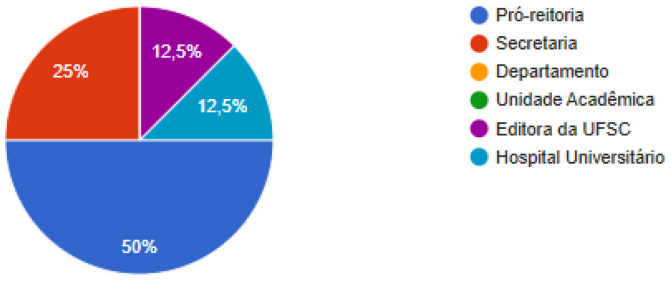
8 respostas



Em qual destas unidades institucionais você trabalha na UFSC?

Copiar gráfico

8 respostas

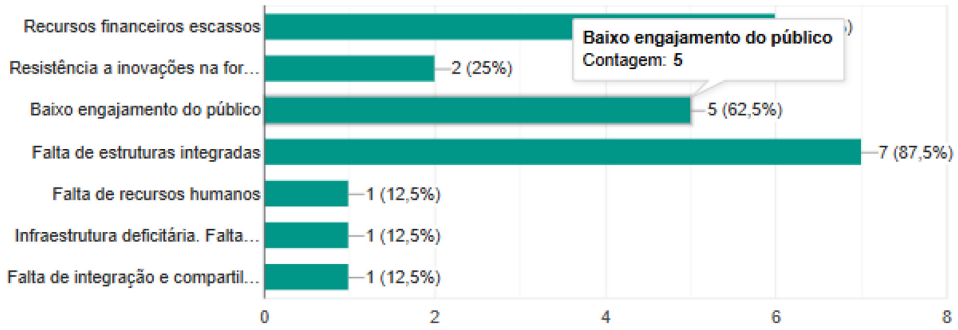


Seção sem título

Copiar gráfico

1. Quais são os principais desafios enfrentados na organização de eventos atualmente na UFSC? (Você pode marcar mais de uma opção).

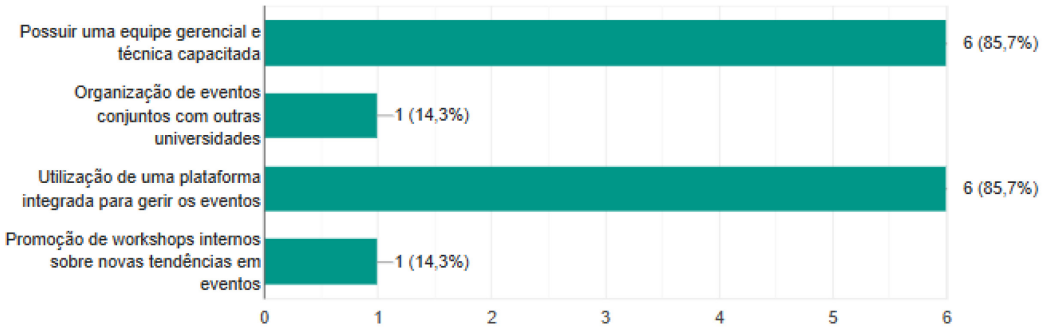
8 respostas



Copiar gráfico

2. Quais recursos seriam benéficos para melhorar a gestão dos eventos na UFSC? (Você pode marcar mais de uma opção).

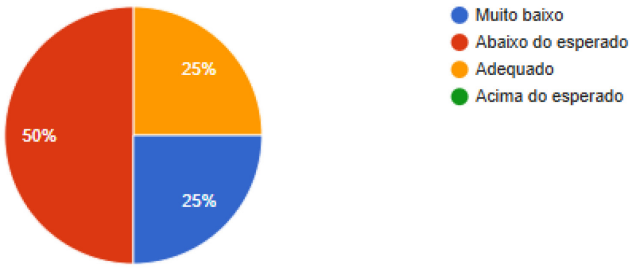
7 respostas



Copiar gráfico

3. Como você avalia o nível de engajamento do público (alunos, professores, comunidade) nos eventos atuais na UFSC?

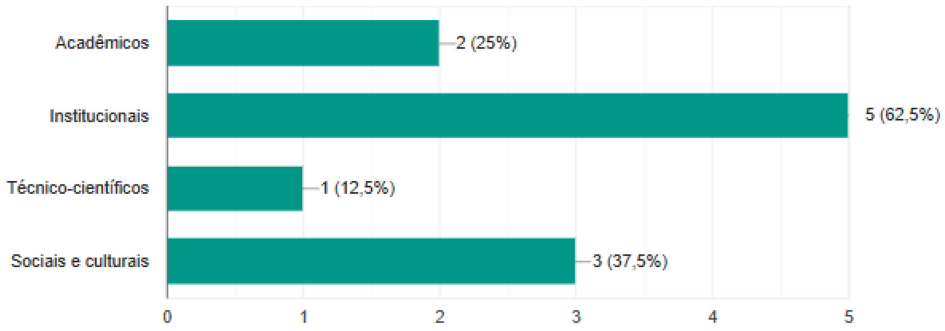
8 respostas



Copiar gráfico

4. Quais tipos de eventos têm maior frequência em sua unidade?

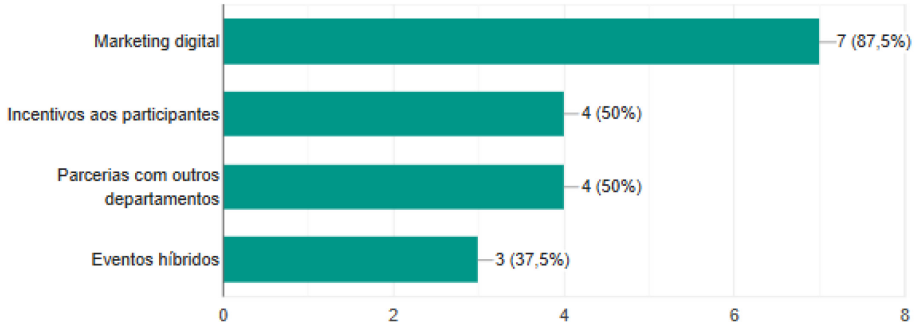
8 respostas



Copiar gráfico

5. Que estratégias de comunicação você considera mais eficazes para promover seus eventos e aumentar o engajamento do público? (Você pode marcar mais de uma opção).

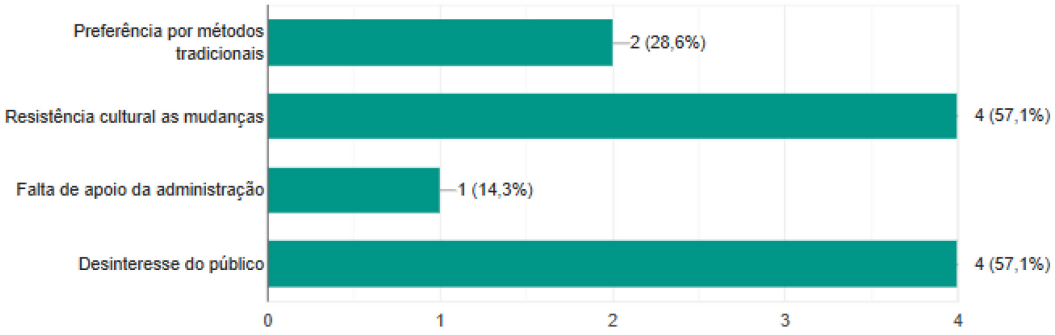
8 respostas



Copiar gráfico

6. Na sua opinião, quais são as principais barreiras enfrentadas ao tentar inovar os eventos na UFSC? (Você pode marcar mais de uma opção).

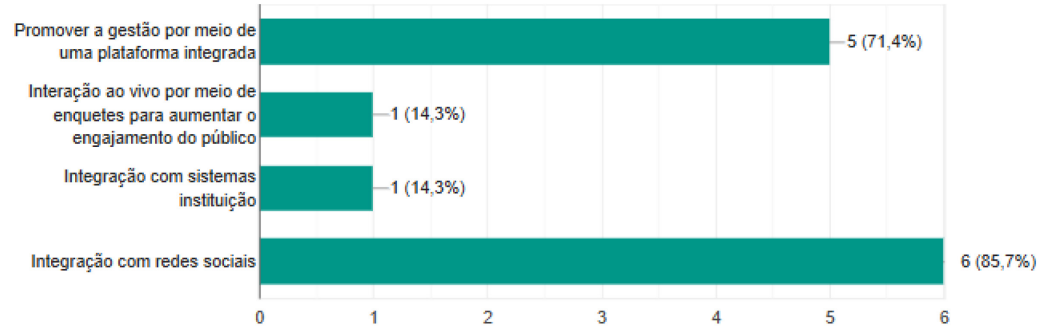
7 respostas



7. Que tipo de inovação você gostaria de implementar nos seus eventos para torná-los mais atraentes e eficazes? (Você pode marcar mais de uma opção).

Copiar gráfico

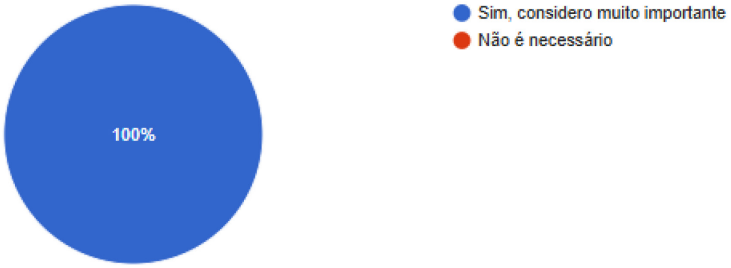
7 respostas



8. Você considera importante a UFSC desenvolver uma plataforma integrada para gestão de seus eventos?

Copiar gráfico

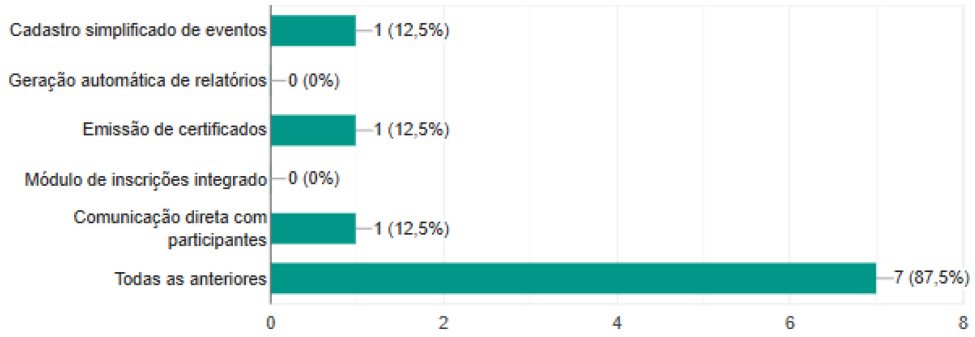
8 respostas



9. Considerando sua avaliação da usabilidade de uma plataforma de gestão de eventos, quais funcionalidades essenciais devem estar incorporadas. (Você pode marcar mais de uma opção).

Copiar gráfico

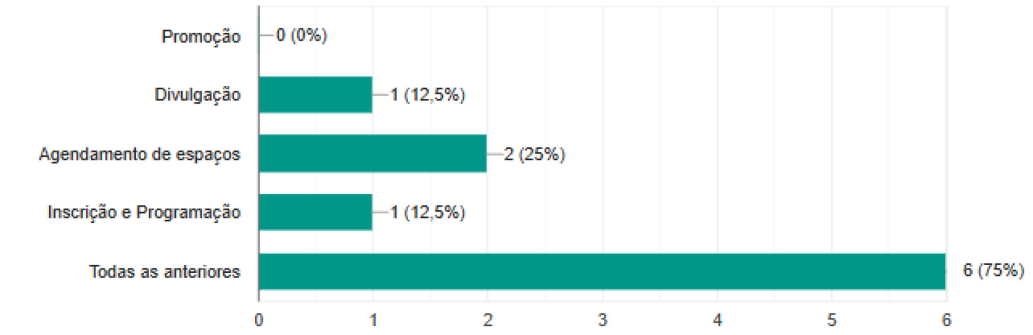
8 respostas



Copiar gráfico

10. Esta plataforma deveria permitir a gestão quais etapas dos eventos? (Você pode marcar mais de uma opção).

8 respostas



Copiar gráfico

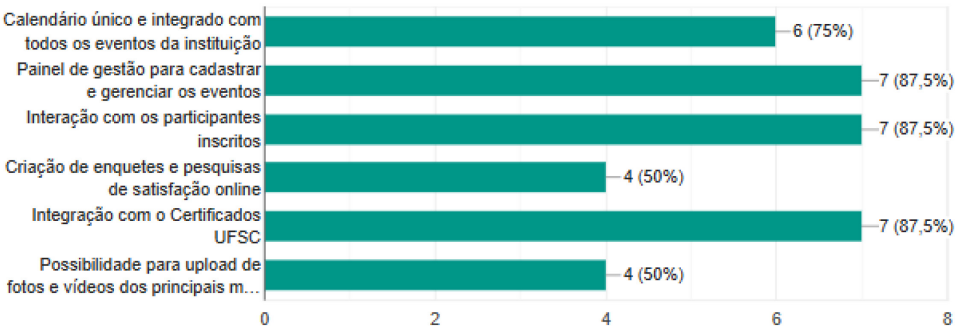
11. Você considera importante que esta plataforma integre-se com sistemas da UFSC como: sistema acadêmico, calendário escolar e sistema de certificação?

8 respostas

Copiar gráfico

12. Que tipo de recursos de colaboração e comunicação entre os organizadores e participantes seriam desejáveis na plataforma? (Você pode marcar mais de uma opção).

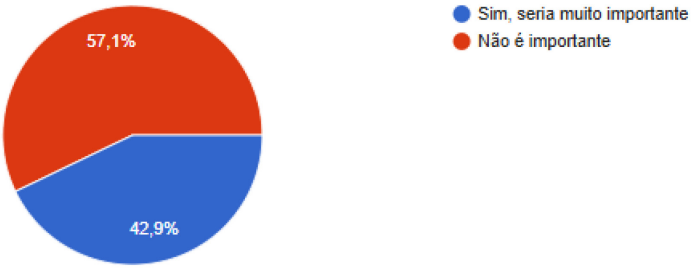
8 respostas



13. Seria importante esta plataforma oferecer recursos de "gamificação" (que consiste na aplicação de mecanismos e dinâmicas dos jogos para motivar a participação e engajamento do público) **nos eventos da UFSC?**

Copiar gráfico

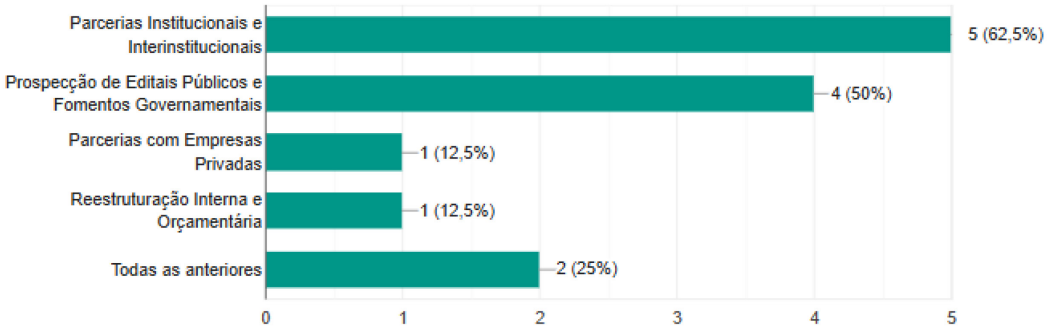
7 respostas



14. Na sua opinião, qual seria a melhor forma de conseguir recursos para o desenvolvimento da plataforma integrada de eventos púbica? (Você pode marcar mais de uma opção).

Copiar gráfico

8 respostas



15. Quais seriam os principais critérios para considerar a plataforma bem-sucedida e atender às necessidades da instituição? (Você pode marcar mais de uma opção).

Copiar gráfico

8 respostas